

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE AQUIDAUANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

ELBIO ROCHA GAZOZO

**CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES NA EVOLUÇÃO COMERCIAL E NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE AQUIDAUANA (1892-1960)**

AQUIDAUANA, MS

2022

ELBIO ROCHA GAZOZO

**CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES NA EVOLUÇÃO COMERCIAL E NA
ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE AQUIDAUANA (1892-1960)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Análise Socioambiental dos Domínios Cerrado e Pantanal, do Campus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Joia.

AQUIDAUANA, MS

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

ELBIO ROCHA GAZOZO

CONTRIBUIÇÃO DOS IMIGRANTES NA EVOLUÇÃO COMERCIAL E NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE AQUIDAUANA (1892-1960)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Análise Socioambiental dos Domínios Cerrado e Pantanal, do Campus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre em Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Joia.

Resultado: _____
Aquidauana-MS ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Roberto Joia (orientador)
UFMS/CPAQ

Prof.^a Dra. Eva Teixeira dos Santos (membro titular interno)
UFMS/CPAQ

Prof.^a Dra. Iara Quelho de Castro (membro titular externo)
UFMS/CPAQ

AGRADECIMENTOS

Ao final de mais esta etapa de formação acadêmica, quero agradecer primeiramente à Deus por ter me dado forças e saúde para a conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha esposa Angélica, pela compreensão, apoio e paciência demonstrada durante o período do projeto, bem como à minha filha Helena e à meus pais.

De igual modo, expresso meus agradecimentos ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Roberto Joia e à minha banca avaliadora; Profa. Dra. Eva Teixeira dos Santos, Profa. Dra. Iara Quelho de Castro e Prof. Dr. Paulo Marcos Esselin e ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Agradeço aos amigos: Paulo Correa de Oliveira, Lucia Pace e Leandro Miranda.

Agradeço às pessoas que gentilmente me disponibilizaram seu tempo para entrevistas: Beatriz Diacopulus Rondon, Beoquis Rondon, Carlos Ayache, Carmen Brum Geleilate (in memoriam), Cesar Maksoud, Claudio Lopes, Cristiane Possik Salamene, Dimitrius Karavasilis, Erico Karavasilis, Elisa Ravaglia, Fauzi Suleiman, Fernando Augusto Pace (in memoriam), Geraldo Voglia (in memoriam), Jair Ferreira, Jandira Trindade, Julieta Artigas, Lízia Pace Castro, Magali Maksoud, Marcilio Fialho, Margarida Tamashiro, Maria de Lourdes Medeiros Bruno, Nelson Quelho, Nelson Scaff, Neuza Bodstein, Nilza Orro, Olivia Chebel, Sonia Oshiro, Terezinha Graça Franco Fernandes, Willian Missiriam e Yara Penteado.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o processo das migrações, especificamente da migração estrangeira, através da bacia do rio da Prata para o Brasil. A presença de inúmeros povos na região do Pantanal como espanhóis, portugueses e italianos intensificou não somente as atividades comerciais desenvolvidas no Sul do Mato Grosso, como também colaboraram fortemente para a construção de muitas edificações que hoje fazem parte do patrimônio histórico da cidade de Aquidauana, visto que toda espacialidade é o fruto de práticas socioculturais. Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo identificar quais são os imigrantes e as suas contribuições na evolução comercial e na organização do espaço geográfico de Aquidauana no período de 1892 a 1960. As fontes utilizadas partiram de pesquisa bibliográfica, análise historiográfica nacional e internacional, busca de fontes documentais, relatórios, fotografias e jornais, além da realização de entrevistas, com a técnica da história oral. Esta técnica busca, com a ajuda da memória dos entrevistados, elaborar narrativas sobre o passado dos imigrantes que, evidentemente, contribuíram de forma valiosa para esta pesquisa. Os imigrantes quando chegaram em Aquidauana, organizaram-se espacialmente na região central da cidade. Ao estabelecer relações sociais com a comunidade local, foi possível desempenhar muitas atividades comerciais e variadas profissões, contribuindo para o avanço das relações comerciais e alterando o espaço geográfico aquidauanense.

Palavras-chave: Migração Estrangeira. Pantanal Sul-Matogrossense. Casas Comerciais. Aquidauana.

ABSTRACT

The present research is based on analyzing the migration process, specifically the foreign migration, through La Plata basin to Brazil. The presence of countless peoples in the Pantanal region, such as Spaniards, Portuguese and Italians, intensified not only the commercial activities developed in the South of Mato Grosso, but also contributed strongly to the construction of many buildings that today are part of the historical heritage, since all spatiality is the fruit of the sociocultural practice. Thus, the present work aimed to identify which are the immigrants and their contributions in the commercial evolution and in the organization of the geographic space of Aquidauana in the period of 1892 to 1960. The sources used were based on bibliographical research, national and international historiographical analysis, search for documentary sources, reports, photographs and newspapers, in addition to conducting interviews, using the technique of oral history. This technique seeks, with the help of the interviewees' memory, to elaborate narratives about the immigrants past that, evidently, contributed in a valuable way to this research. When the immigrants arrived in Aquidauana, they organized themselves spatially in the central region of the city. By establishing social relations with the local community, it was possible to perform many commercial activities and various professions, contributing to the advancement of commercial relations and changing the geographic space of Aquidauana.

Key-words: Foreign Migration. Pantanal Sul-Matogrossense. Commercial Houses. Aquidauana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do município de Aquidauana – 1957.....	18
Figura 2 - Primeira casa residencial de Aquidauana.	19
Figura 3 - Fundadores de Aquidauana.	21
Figura 4 – Aquidauana: Autoridades.....	22
Figura 5 - (a) N.O.B. Aquidauana. Depósitos provisórios; (b) Primeira Estação de passageiros em Aquidauana.	23
Figura 6 - Aquidauana: O Porto fluvial.....	23
Figura 7 – (a) Jango de Castro e alunas do colégio de meninas; (b) Jango de Castro e alunos do colégio de meninos.	25
Figura 8 - Ponte provisória sobre o rio Aquidauana.....	25
Figura 9 - 5º Regimento de Artilharia Montada.....	26
Figura 10 – Estação Telegráfica de Aquidauana, local onde hoje está a Unidade I da UFMS.	27
Figura 11 - Aquidauana, Avenida Manoel Murtinho.	27
Figura 12 – Nacionalidades dos imigrantes e suas respectivas famílias, em Aquidauana.	31
Figura 13 – Rota de acesso de Imigrantes até Aquidauana – Via Fluvial.....	36
Figura 14 - Propaganda da casa comercial – Vicente Anastácio.....	38
Figura 15 – O italiano Vicente Anastácio, no centro, e sua família, na cidade de Aquidauana-MT.	39
Figura 16 – Sócios da Casa Candia	41
Figura 17 – Livro copiador da Casa Candia – 1908, 1909, 1910, 1913.....	41
Figura 18 - Fachada da Casa Candia 2018.	43
Figura 19 - Cópia do passaporte Cassimiro Bruno.....	46
Figura 20 – Cine Brasil, tinha parte de sua área descoberta – 1910.....	47
Figura 21 – Imagem do italiano Raphael Orrico.	48
Figura 22 – Anúncio da Casa Comercial de Raphael Orrico.	48
Figura 23 – Inauguração da Casa Colombo com a Razão Social J. Pace & Cia.	50
Figura 24 – Propaganda – Hotel e Armazém Galileo de Camillo Loschi.....	53
Figura 25 – Anúncio Restaurant Chic e suas atividades.	53
Figura 26 – Atividades dos imigrantes Italianos em Aquidauana (1892 – 1960).	54

Figura 27 – Capa da revista O Imigrante, editada pelo governo de São Paulo (SP) – 1908 – Memorial do Imigrante/Museu da Imigração.	58
Figura 28 - (a) Na foto: Abdala, Margarida, Nagib (pai do Henry) José e Júlia; abaixo: os pais e irmãos de Abdala Maksoud (pai do Dr. Vitor); (b) O casamento de Jose Macksoud e Júlia Macksoud	61
Figura 29 – Família Maksoud em Aquidauana.	62
Figura 30 – Fachada da Casa Primavera de Aziz Scaff.....	63
Figura 31 - (a) Edificação Comercial Constantino Karavassilakis; (b) Edificação Residencial Ariano Araújo & Josmar Fortes de Oliveira.....	64
Figura 32 – (a) e (b) Família Orro; (c) Armazém de Secos e Molhados.....	66
Figura 33 – (a) Na imagem Rene, Geraldo, Rosa Maria, Bichara Salamene e sua neta Cristiane Salamene; (b) Imagem do Hotel Vitória em 1952.....	67
Figura 34 - Mapa Mato Grosso – 1923.	72
Figura 35 – Rota de acesso de imigrantes até Aquidauana – via férrea.	75
Figura 36 – Casa Comercial Graça.....	76
Figura 37 - Família Lopes – Sentados, dona Isaura e Bernardino Lopes. Em pé, da esquerda para direita, seus filhos: José, Alvina, Carlos, Mário, Eduardo e Bernardino Filho.	77
Figura 38 – Jaime Artigas, sua esposa e seus doze filhos.	80
Figura 39 – Vassílios Christos Karavassilakis (s.d.).	84
Figura 40 – Dimitrios Kristos Karavasalis (s.d.).	85
Figura 41 - Integrantes da ACENBA em Aquidauana.	89
Figura 42 - Reunião em comemoração ao cinquentenário da imigração japonesa no Brasil – “Lembrança do Cinquentenário da Imigração Japonesa 18-6-1958”. Frase transcrita da imagem abaixo.	92
Figura 43 – Na primeira imagem o alemão Jorge Bodstein. Ao lado seu filho Jorge Bodstein Filho.....	96
Figura 44 – Anúncio Pinsdorf e Cia.	97

LISTA DE SIGLAS

ACENBA	Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Aquidauana
ACICG	Associação Comercial e Industrial de Campo Grande
APCG	Arquivo Público de Campo Grande
APMT	Arquivo Público de Mato Grosso
NDHER	Núcleo de Documentação Histórica e Estudos Regionais
NOB	Noroeste do Brasil
SR IPHAN	Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	14
3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	18
4	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	29
5	OS IMIGRANTES EM AQUIDAUANA	31
6	OS IMIGRANTES ITALIANOS EM AQUIDAUANA.....	33
6.1	PACE.....	49
6.2	MONGELI.....	51
6.3	RAGALZI, LOSCHI E OUTROS	52
7	IMIGRANTES ÁRABES EM AQUIDAUANA	56
7.1	LIBANESES.....	60
7.1.1	MACKSOUD	60
7.1.2	ASSAF TRAD.....	62
7.1.3	SCAFF	63
7.1.4	GELELAITI	64
7.1.5	AYACH	65
7.1.6	ORRO.....	66
7.1.7	SALAMENE.....	67
7.2	PALESTINOS.....	68
7.2.1	SULEIMAN	70
7.3	SÍRIOS.....	71
7.3.1	CHADDOUD.....	71
7.4	ARMÊNIOS	71
7.4.1	MISSIRIAN	73
8	IMIGRANTES DIVERSOS EM AQUIDAUANA	75
8.1	PORTUGUESES	75
8.1.1	GRAÇA.....	76

8.1.2	LOPES	76
8.1.3	QUELHO.....	78
8.2	ESPAÑHÓIS	78
8.2.1	ARTIGAS	79
8.2.2	FREIXES	80
8.3	GREGOS, JAPONESES, SUECOS E RUSSOS.	81
8.3.1	GREGOS	81
8.3.1.1	DIACÓPULOS.....	82
8.3.1.2	NIKOLAU KAVANKOPOS	84
8.3.1.3	VASSILIOS CHRISTOS KARAVASSILAKIS	84
8.3.1.4	DIMITRIOS KRITOS KARAVASILIS	85
8.3.1.5	THEODORO BISTOLARÍDES	87
8.3.2	JAPONESES.....	88
8.3.2.1	ARIMA	90
8.3.2.2	ARIMURA.....	90
8.3.2.3	CHINEN.....	91
8.3.2.4	ISECHI (DENITY ICETY).....	92
8.3.2.5	OSHIRO	93
8.3.2.6	TAMASHIRO	94
8.3.3	SUECOS.....	94
8.3.3.1	ANDERSON	94
8.3.4	RUSSO.....	94
8.3.4.1	MOROZOFF	94
8.4	ALEMÃES, FRANCESES E PARAGUAIOS	95
8.4.1	ALEMÃES.....	95
8.4.1.1	BODSTEIN	96
8.4.1.2	PINSORF.....	97
8.4.1.3	KEIPER.....	98
8.4.2	FRANCESES	99
8.4.3	PARAGUAIOS	100
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNDICE	108

1 INTRODUÇÃO

Nos primeiros registros da ocupação do espaço onde hoje se localiza a cidade de Aquidauana-MS, na região do Pantanal Sul Mato-Grossense, recorte espacial deste trabalho, encontrou-se a presença da nacionalidade espanhola, no século XVI, bem antes da fundação do município em 1892. De acordo com Esselin (2011, p.76), os espanhóis fundaram a cidade de Santiago de Xerez, provavelmente por volta de 1580, “[...] os espanhóis partiam em caravanas, carretas puxadas por juntas de bois, levavam sementes para o cultivo e diversos outros utensílios para o início de suas atividades”. Este fato marcou o início do processo de povoamento estrangeiro na região.

O recuo no tempo se faz necessário para considerar a importância da temática desta dissertação que descreve um estudo sobre os imigrantes e suas contribuições na evolução comercial e na organização do espaço geográfico de Aquidauana (1892-1964), como recorte temporal. O município foi fundado em 1892 e manteve um estratégico porto fluvial, tornando-se, desta forma, forte atrativo para os primeiros imigrantes, principalmente os italianos, portugueses, alemães e árabes. O objetivo dos imigrantes era o de desempenhar as mais variadas funções comerciais como: importar, exportar, adquirir e administrar terras, seringais e embarcações, e representar instituições bancárias (SIQUEIRA, 2009).

A relação com o assunto imigrantes em Aquidauana, objeto de estudo deste trabalho, sobreveio durante o curso de licenciatura em história da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *Campus* de Aquidauana-MS. Paralelo ao curso, neste período, fazíamos o estudo de moedas, através da numismática, abordando pessoas conhecidas da cidade em busca de novos exemplares para a nossa coleção. Nestas abordagens, encontramos Rafael Falcão, que alegava desconhecer informações de moedas antigas, porém, relacionado ao assunto, poderia nos mostrar um cofre antigo mantido na Casa Candia, onde era gerente.

A partir deste contato, conhecemos Jandira Trindade, proprietária do comércio que nos forneceu acesso ao antigo cofre e aos livros de movimentação financeira da empresa, onde constam um pouco da história dos seus primeiros proprietários, imigrantes italianos em Aquidauana. A investigação deste rico acervo, durante dois anos, deu forma ao Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de História da UFMS/Campus de Aquidauana, intitulado *Casa Candia – As Relações Comerciais, Econômicas e Sociais em Aquidauana*, em 2019, orientado pelo professor Dr. Paulo Marcos Esselin (GAZOZO, 2019).

Ao analisarmos os livros-caixa da Casa Candia, localizada na antiga Margem Esquerda/Aquidauana, atualmente pertencente ao município de Anastácio, fundada por

italianos em 1908, identificamos as movimentações comerciais das empresas e clientes que ali realizavam negócios com as cidades Campo Grande, Bela Vista, Maracaju, Nioaque, Corumbá e demais comércios da Bacia Platina. Nestes documentos, encontramos uma lista dos nomes de imigrantes e empresas em Aquidauana, que nos deram alguns dados e referências importantes. Uma delas é a relação comercial com a Casa Vasquez de Corumbá, onde estivemos nos arquivos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Corumbá, com a proposta de analisar os livros-caixa da Casa Vasquez, empresa esta, que manteve vínculo comercial com Aquidauana.

Sobre Aquidauana, destacamos a escassez de produções acerca da história de imigrantes e suas relações de trabalho. No entanto, no rol das exceções, pontuamos o livro *Aquidauana Ontem e Hoje*, do professor Claudio Robba, publicado em 1992. O autor narra em sua obra que ocorreu uma grande influência no desenvolvimento da cidade exercida pelos imigrantes, citando os italianos e os libaneses, que se dedicaram ao comércio ambulante de tecidos e armarinhos e que abriram suas próprias lojas. Menciona também, outras nacionalidades, conforme: “A partir de 1904, ocorreu a chegada de imigrantes japoneses e posteriormente, alemães, franceses, espanhóis, nórdicos, portugueses e gregos, formando a atual coletividade” (ROBBA, 1992).

Partimos da hipótese de que os imigrantes e seus descendentes contribuíram de diversas formas no desenvolvimento de Aquidauana, bem como no Sul do Estado de Mato Grosso, podendo se destacar: o processo de urbanização, inicialmente com a transformação da antiga vila de Aquidauana; a introdução da arquitetura; o desenvolvimento de atividades de comércio, pecuária e prestação de serviços, aplicando, desta forma, capital no setor produtivo; a introdução de técnicas de produção agrícolas mais avançadas e a diversificação de produtos; a introdução de técnicas e atividades culturais que se difundiram como o cinema e a comunicação; e o exercício de atividades políticas.

Ao caminhar pelas ruas do centro de Aquidauana e de Anastácio, pode-se observar uma quantidade significativa de edificações antigas e centenárias, que traduzem em sua arquitetura, muito do passado local. Os nomes das famílias de imigrantes pesquisadas são encontrados em diversos documentos de estabelecimentos comerciais, tais como: casas comerciais, hotéis, fábricas, engenhos, cerâmicas, postos de combustíveis etc. Também se registra o nome destes pioneiros imigrantes em placas com nome de ruas, centro comerciais, escolas e creches de Aquidauana e de Anastácio.

Para tanto, agregamos as seguintes indagações ao nosso objeto de investigação: Quem foram os imigrantes em Aquidauana? Quais eram suas atividades de trabalho? Qual a nacionalidade desses imigrantes em Aquidauana?

Assim, visando responder esses questionamentos, o presente trabalho teve como objetivo identificar quais são os imigrantes e as suas contribuições na evolução comercial e na organização do espaço geográfico da cidade de Aquidauana no período de 1892 a 1960.

Dessa forma, a composição do trabalho está apresentada em sete capítulos, sendo eles: Aspectos Metodológicos; Caracterização da Área de Estudo; Revisão Bibliográfica; Os Imigrantes em Aquidauana; Os Imigrantes Italianos em Aquidauana; Os Imigrantes Árabes em Aquidauana; e Imigrantes Diversos em Aquidauana; além de Introdução e Considerações Finais.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O trabalho apresentado tem caráter descritivo e exploratório, realizado sob a ótica do método hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa-quantitativa e executada por meio de levantamento bibliográfico e documental, bem como a técnica de pesquisa denominada história oral.

Inicialmente, foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de descrever o conhecimento mais atual já catalogado sobre “Imigrantes em Aquidauana”, que é o assunto principal da pesquisa. Desta forma, podemos garantir que a primeira parte do texto corresponde à caracterização de pesquisa descritiva, pois, segundo Duarte e Furtado (2014, p. 26), “a pesquisa descritiva restringe-se a constatar o que já existe. Os acontecimentos são narrados. Procura-se conhecer a natureza, as características, a composição e os processos que constituem o fenômeno”.

Por outro lado, a continuidade da investigação demandou um pouco mais de atenção, isso porque, por se tratar de uma pesquisa na área de organização do espaço, percebe-se que não havia informações completas ou mais detalhadas sobre os imigrantes em Aquidauana. Por esse motivo, a pesquisa também tem cunho exploratório. Segundo Gil (2002, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

No que se refere ao método adotado, Marconi e Lakatos (2011, p. 73), quando explicam o método hipotético-dedutivo, ressaltam que “se a hipótese não supera os testes, estará falseada, refutada, e exige nova reformulação do problema e da hipótese, que, se superar os testes rigorosos, estará corroborada, confirmada provisoriamente.”

Portanto, constata-se que o método utilizado foi o hipotético-dedutivo, tendo em vista que o estudo consistiu basicamente na coleta de dados que permitissem testar, ao final do trabalho, a hipótese. Ressalte-se, porém, que os dados foram colhidos sem o emprego de instrumentos de precisão matemática ou estatística e foram analisados de maneira crítica, segundo o esforço intelectual de análise do autor.

Portanto, pode-se afirmar que se trata de uma pesquisa de abordagem qualitativa, o que é corroborado pela lição de Marconi e Lakatos (2011, p. 269), quando afirmam que “o método qualitativo difere do quantitativo não só por não empregar instrumentos estatísticos, mas também pela forma de coleta e análise dos dados.”

O método hipotético-dedutivo se inicia na ciência através de Sir Karl Raymund Popper. Esse autor foi grande crítico do indutivismo e propôs um método que visava a superar a

dualidade entre indutivismo versus dedutivismo, ou melhor, entre empirismo versus racionalismo, até então existente na ciência (MARCONI; LAKATOS, 2010). Segundo Popper (1975), a ciência é hipotética e provisória, e não um conhecimento definitivo como supunham os empiristas. O método que Popper propôs era suposto por ele como único, uma vez que superava o racionalismo e o empirismo puros. Segundo Marconi e Lakatos (2010), o método de Popper pode ser chamado também de “método de tentativas e eliminação de erros” (p. 73). O método hipotético-dedutivo consiste em se perceber problemas, lacunas ou contradições no conhecimento prévio ou em teorias existentes. A partir desses problemas, lacunas ou contradições, são formuladas conjecturas, soluções ou hipóteses; essas, por sua vez, são testadas no que Popper chamava de técnica de falseamento. O falseamento pode ser feito, dentre outras formas, através de experimentação ou análise de estatísticas. Após analisados os resultados, são avaliadas as conjecturas, soluções ou hipóteses previamente elaboradas, que podem ser refutadas (rejeitadas) ou corroboradas.

Para a coleta de materiais bibliográficos, inicialmente, buscou-se pesquisar sobre imigrantes no município de Aquidauana, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bacia do Prata e no Brasil, bem como na América Latina. Outros temas pesquisados foram o comércio de imigrantes e as definições do conceito de espaço geográfico, com a realização de fichamentos de obras conceituais e trabalhos acadêmicos mais atuais, tais como: periódicos, artigos, dissertações.

Na sequência, foi examinado o arquivo da Câmara Municipal de Aquidauana, Centro de Documentação Histórica – CeDHis UFMS, Biblioteca Pública Municipal de Aquidauana, Associação Comercial de Aquidauana e de Anastácio, Biblioteca do Arquivo Público em Campo Grande, onde constatou-se que a documentação produzida e acumulada pela administração, fundações e autarquias do poder executivo estadual, gerada antes da criação do Estado do Mato Grosso do Sul, encontra-se no Arquivo Público de Mato Grosso (APMT, situado em Cuiabá-MT).

Visitamos a Associação Comercial e Industrial de Campo Grande (ACICG). Estudamos os livros caixa da Casa Vicente Anastácio e Casa Candia e os arquivos do Hotel Vitória, pertencentes à família do Sr. Bichara Salamene. Dando sequência, estudamos documentos da Associação Cultural e Esportiva Nipo Brasileira de Aquidauana (ACENBA), Associação Recreativa Paraguaia de Aquidauana (ARPA) e o arquivo do Museu Pantaneiro de Aquidauana. Finalizando a demanda por documentos, da mesma forma.

Com a finalidade de compreendermos o trajeto dos imigrantes no Brasil e em Aquidauana, visitamos o Memorial do Imigrante do Estado de São Paulo, datado de 1888, que

no passado, serviu como hospedaria para o recebimento dos imigrantes em São Paulo. A antiga Hospedaria de Imigrantes, localizada no Brás, foi um lugar de hospedagem provisória e triagem dos imigrantes e dos trabalhadores nacionais, destinados a trabalhar, principalmente, nas lavouras de café. Suas atividades foram encerradas em 1978.

Além disso, foi realizado um levantamento documental sobre os temas citados, no que se refere aos jornais, documentos antigos, fotos e imagens, disponíveis em forma de vídeos, sons, hipertextos, mapas e figuras na rede mundial de computadores, executados na internet. Derrubando os obstáculos inerentes a esse processo metodológico, a partir da referência documental do escritor Claudio Robba, em seu livro *Aquidauana Ontem e Hoje*, inicia-se uma busca de contatos dos descendentes dos imigrantes citados na obra, elaborando-se, desta forma, uma rede de informantes e indicações de possíveis fontes de informações.

Como técnica de pesquisa, foi utilizada a história oral, empregada para obter os dados das fontes primárias sobre o histórico da fundação de Aquidauana, o aparecimento das casas comerciais, a chegada da Estrada de Ferro, os fatores econômicos voltados à pecuária, a chegada de imigrantes e o crescimento estrutural da cidade. Os métodos focalizaram o estudo da sociedade, levantando fatos do tempo presente e obtendo uma compreensão do passado (MEIHY, 2005).

É necessário ressaltar que referindo-se a pesquisa de cunho qualitativo, busca-se a seleção minuciosa dos entrevistados, onde se prioriza o depoimento de descendentes dos imigrantes em Aquidauana, para representar o universo estudado. A partir de então, elaboramos uma lista contendo 14 nacionalidades de imigrantes encontradas nos registros sobre o tema em Aquidauana, organizada em ordem alfabética, sendo elas: alemães, armênios, espanhóis, franceses, gregos, italianos, japoneses, libaneses, palestinos, paraguaios, portugueses, russos, sírios e suecos.

O referido objeto de pesquisa enquadra-se no contexto das alterações sociais, pois as imigrações não são ações isoladas e ou anormais. Constituem-se de regularidades históricas, que compõem o corpo da História e da formação do espaço geográfico. Estabelecemos também, como norma para o desenvolvimento desta pesquisa, a metodologia de história oral, que, conforme Ichikawa e Santos (2003, p. 2), se resume em “uma história do tempo presente, pois implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado.” Entende-se, assim, que este procedimento busca, por meio do referencial da memória dos interrogados, produzir narrativas sobre o passado, das quais as memórias conseguem resgatar.

Desta forma, para a obtenção de uma maior quantidade de informações, foi respondido um questionário, com 19 questões, junto aos antigos moradores locais, sendo 27 entrevistados de dez nacionalidades (alemães (1), armênios (1), espanhóis (1), gregos (3), italianos (4), japoneses (3), libaneses (8), palestinos (1), portugueses (4) e sírios (1)), descendentes dos imigrantes e proprietários de casas comerciais, residenciais e antigos, localizados em Aquidauana, Anastácio, bem como a primeira sede do comércio Casa Cândia em Nioaque. O questionário buscou levantar a maior quantidade de informações possíveis, recolhidas na memória dos entrevistados. Ressalta-se, porém, que os entrevistados são, em sua maioria, descendentes de filhos e netos de imigrantes que, pelo passar do tempo e outros motivos, não são mais moradores de Aquidauana. Alguns contatos com estes familiares foram feitos via correio eletrônico e ligação telefônica, abrangendo as localidades de Campo Grande, Ilha Bela (SP), São Paulo e a cidade do Rio de Janeiro. Demais entrevistas foram efetuadas de forma presencial nas cidades de Aquidauana, Anastácio, Nioaque e Campo Grande.

Com a utilização da técnica de história oral, a partir da memória dos informantes, é possível construir versões sobre o passado que as respostas permitem elaborar. Desta maneira, ele é complementado com as informações obtidas por meio de outros suportes empíricos, como documentos escritos (certidões, diários, cartas, passaportes, cartilhas, livro caixa, ata de fundação) ou imagéticos, (fotos, gravuras e filmes). A análise dos dados colhidos por meio de outros documentos é primordial, sendo que a preocupação com o maior grau de veracidade é fundamental para a pesquisa referente a história de uma sociedade.

De fato, o estudo foi realizado para gerar mais do que conhecimento unicamente teórico, contudo não se propôs a ambição de desenvolver uma aplicação que resolvesse definitivamente a situação-problema. Conforme ensina Gil (2002, p. 17), “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”, são classificadas como métodos essenciais.

O município de Aquidauana está localizado entre os paralelos 18°48'15" e 20°28'57" de latitude sul e os meridianos 54°55'45" e de 56°59'15" de longitude oeste (IBGE, 2015). Segundo a toponímia Guaicuru, o termo que dá origem ao nome do município se denomina “rio estreito, fino”. O nome Aquidauana aparece em mapas datados do século XVII, pelo menos 200 anos antes da fundação do povoado (IBGE, 2021).

Os dados do IBGE (2021) apontavam o município de Aquidauana com uma extensa área de 17.087,021 km², representando 4,71% da área do estado de Mato Grosso do Sul. A densidade populacional em Aquidauana era, em 2015, de 2,78 pessoas por km², enquanto a média do estado de Mato Grosso do Sul era de 7,36 pessoas por km².

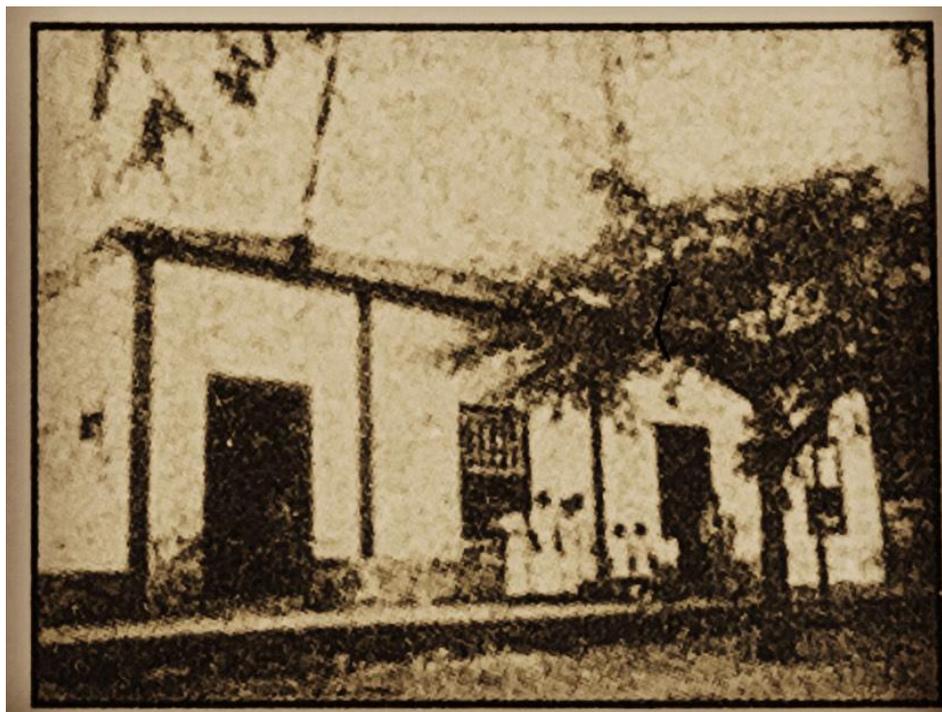
O município tinha, em 2020, uma população de 48.184 habitantes, segundo a estimativa do IBGE. A população do município cresceu 9% entre 2000 e 2015, em ritmo mais lento que a média do Estado de Mato Grosso do Sul (28%). A taxa média de crescimento anual da população de Aquidauana neste período foi de 0,55% e a do Estado de 1,64% (IBGE, 2021).

Para entendermos o avanço econômico do município de Aquidauana, Robba (2006) aponta registros da época de sua criação, quando também era chamada de Vila de Aquidauana. Foi fundada em 15 de agosto de 1892, à margem direita do rio homônimo, lugar denominado São João de Boa Vista. Além do Cel. Estevão Alves Corrêa, participaram da fundação, João de Almeida Castro, Manuel Antônio Paes de Barros, Teodoro Paes da Silva Rondon e Augusto Ferreira Mascarenhas. Todos eles proprietários de fazendas na região (ROBBA, 2006).

A terra era descrita como rica, oferecendo as melhores condições para aqueles que nela tencionavam se estabelecer. Comumente vendia-se a imagem para os outros municípios da província, a possibilidade de encontrar metais preciosos em seu território, o que nunca ocorreu. O seu solo é riquíssimo em plantas medicinais, madeira de construção, plantas têxteis etc. e seu subsolo abunda em pedras preciosas e em minerais ainda não explorados, tais como diamantes, turmalinas, ouro e ferro (AYALA; SIMON, 2006).

O rápido progresso da Vila levou a ser reconhecida pelas autoridades estaduais como município, o que ocorreu em 20 de fevereiro de 1906. Sendo que o primeiro Decreto Municipal é do dia 7 de maio de 1907, o qual regularizou o funcionamento da Vila, nos seus mais diferentes aspectos, inclusive os urbanos e sanitários para organizar a construção das primeiras edificações (Figura 2).

Figura 2 - Primeira casa residencial de Aquidauana.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Em seu Artigo 1º, o Decreto Municipal estabelecia os limites do município:

O Município de Aquidauana termo unido a Comarca de Miranda, pelo Decreto nº 189 de 20 de fevereiro de 1906, confina por uma linha reta que partindo da confluência dos Rios Nioac e Miranda e terminando no morro do Canastrão, na cachoeira do rio Caxoeirão; seguindo por este abaixo até sua foz no Aquidauana e por este acima até as suas mais altas Cabeceiras; destas pelo Espigão Mestre a Cabeceira do Rio Negro e por este abaixo até o Curixão, do fim deste a Cabeceira da vazante grande e por este abaixo até a sua foz no Rio Aquidauana, e por este acima até a foz o Ribeirão Agachy; subindo por este até a sua Cabeceira, e desta tirando-se uma reta até a confluência dos mesmos dos Nioac e Miranda ponto de partida (ROBBA, 2006, p.25).

Aquidauana em seu início ainda com a denominação de Vila, ampliava suas possibilidades de comércio de produtos animais e manufaturados, bem como ligações em geral com outros centros urbanos. Seus fundadores (Figura 3) e principais dirigentes tiveram a preocupação de trazer ao povoado recursos e criar instituições que lhe garantisse a subsistência. Criou-se instituições jurídicas, administrativas e escolas. Desde 1894, Theodoro Rondon encarregava-se da educação básica dos filhos dos habitantes da Vila. Segundo Francisco Alves Corrêa, em sua carta à Delphino Alves Corrêa, em 1896, o Mestre João Metelo Nunes instalou-se em Aquidauana e, segundo relatos de seu aluno, o mestre parecia ser de pouca instrução, porém com muito jeito para cuidar dos alunos. Em Mato Grosso, naqueles tempos de carência de quase tudo, um indivíduo que soubesse ler e escrever poderia ir para a sala de aula e ganhar o título de professor (NEVES, 2007).

Figura 3 - Fundadores de Aquidauana.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

A função primordial do povoado era, porém, o comércio. Para organizá-lo, além da medida adotada por Francisco Alves Corrêa, desde a fundação do povoado, de fazer com que a lancha rebocadora Santa Delphina, de sua propriedade, com capacidade de rebocar duas chatas, ligasse o povoado à Corumbá, criaram-se imediatamente casas comerciais. Dentre essas, uma das mais importantes foi a que pertencia à Sociedade Comercial Alves, Irmãos e Cia., que pertencia aos irmãos Alves Corrêa (Francisco e Estevão) e a Manoel dos Santos Cabral (genro de Francisco) (NEVES, 2007).

No início do povoamento, Aquidauana foi criada com os olhos voltados para Corumbá, porta de entrada de todos os produtos vindos de Montevideo, de Buenos Aires e do Rio de Janeiro, e que aqui eram muito difíceis de se obter.

Devido ao rápido desenvolvimento das atividades comerciais, em 1911, o município já contava com 6.000 habitantes, “sendo a população urbana de 2.000 almas”. “Aquidauana já contava com um único distrito com sede na Vila; é também uma comarca judiciária de um só termo” (AYALA; SIMON, 2006, p.407).

Segundo Robba (2006), em 1912, o Presidente do Estado de Mato Grosso (título mantido aos governantes estaduais até 1930), deslocou-se da capital Cuiabá para fazer uma visita à região e conhecer o progressista município (Figura 4). À época, as autoridades estaduais enviaram para a Assembleia Legislativa uma mensagem na qual descreviam a situação em que se encontrava a cidade por eles visitada:

Esta vila de recente formação é, entretanto, atualmente, a maior e mais populosa do sul do Estado. É dividida em duas partes pelo formoso rio Aquidauana e a comunicação entre uma e outra é feita por meio de uma pequena barca-pêndula. Reclamam os seus habitantes e a municipalidade a construção de uma ponte que realmente é muito necessária para facilitar essa comunicação entre o importante bairro da margem esquerda com a povoação da margem direita e que muito se desenvolverá, também, o seu comércio, feito por via terrestre e já bastante animado com os municípios de Nioaque, Campo Grande e Bela Vista. O 5º Regimento de Artilharia que ali tem a sua sede está aquartelado sobre a margem esquerda em uma casa velha de telha e outras de capim que despertam a ideia de um acampamento provisório, e que está em desarmonia com a beleza e propriedade do local (ROBBA, 2006. p.36).

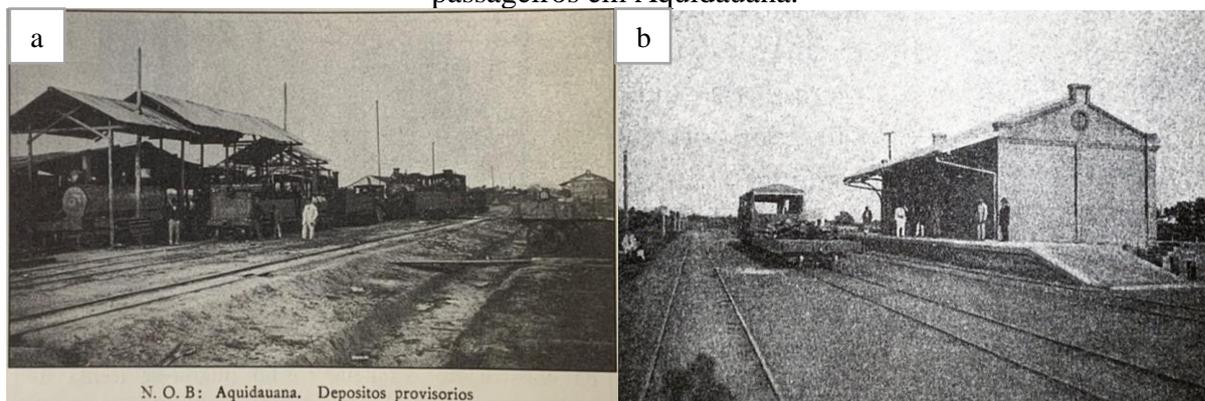
Figura 4 – Aquidauana: Autoridades.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

A chegada da estrada de ferro Noroeste do Brasil em Aquidauana, instalada na margem direita do rio, trouxe novo alento ao progresso da cidade (Figura 5), transportando cargas e passageiros.

Figura 5 - (a) N.O.B. Aquidauana. Depósitos provisórios; (b) Primeira Estação de passageiros em Aquidauana.

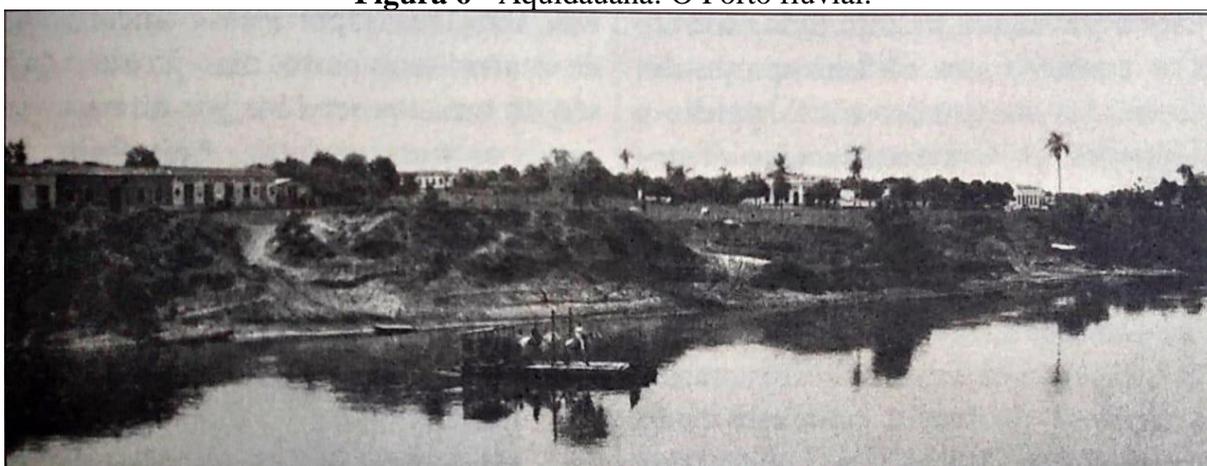


Fonte: AYALA; SIMON (2006).

O sítio urbano (terreno onde a cidade é construída) de Aquidauana era bem planejado, as ruas perfeitamente alinhadas e perpendiculares, planas e trafegadas por carros, carretas, e carroças que faziam o transporte de passageiros e cargas dentro da área urbana (AYALA & SIMON, 2006. p.409).

A receita do município foi orçada, para o exercício de 1913, em 46:429\$516 Réis, sendo a despesa enquadrada nas forças da receita (AYALA & SIMON, 2006. p.399). Boa parte das receitas eram provenientes das atividades comerciais que utilizavam o rio como via de transporte (Figura 6).

Figura 6 - Aquidauana: O Porto fluvial.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Aquidauana, além da venda de gado, industrializava em suas charqueadas o caldo de carne ou *bouillon*, o extrato sólido de carne e exportava para a Europa, via Corumbá. Aquidauana tinha significativo rebanho bovino de 126.000 cabeças, fora aqueles animais que viviam sem controle dos seus donos e vagavam pelas terras devolutas. Os muares (mulas e burros) eram 2.800, os equinos perfaziam um total de 450 cabeças. Os caprinos eram de 200

cabeças. Os lanígeros (ovelhas e carneiros) eram 600 cabeças. Os suínos eram 2.500 cabeças, segundo cálculo feito pelas intendências municipais e pelos criadores (AYALA; SIMON, 2006).

Possivelmente, o rebanho bovino fosse em maior número, pois o gado alçado era muito comum no Pantanal Sul Mato-Grossense. Quando Rondon passou pelo Estado no começo do século XX, com o propósito da construção da Rede Telegráfica, deixou o registro sobre algumas propriedades que se dedicavam à pecuária, como também da relação entre os pioneiros brancos e os índios.

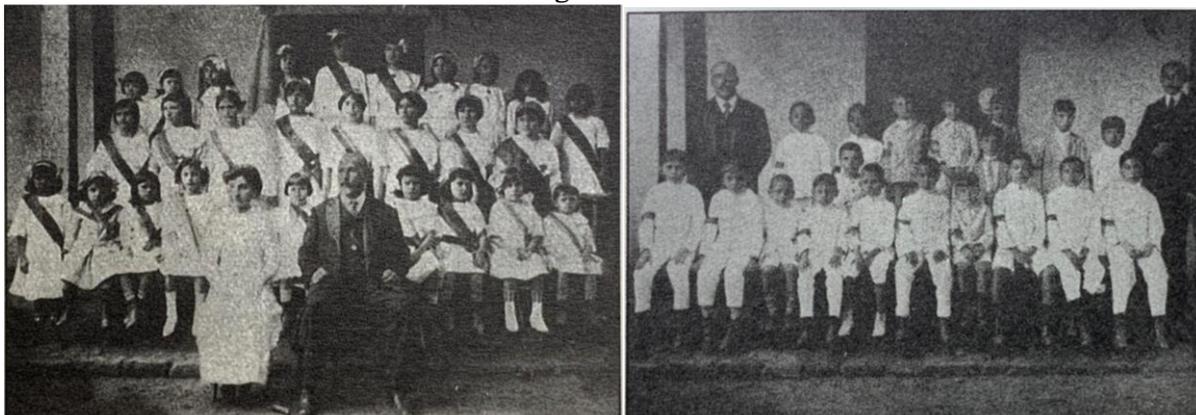
A linha naquele trecho passou pelos campos de quatro Fazendas que possuem cerca de 6.000 cabeças de gado. Em torno destas, outras se agrupam com um número triplo de criação, sendo a mais importante a do Cutape, de propriedade do Coronel Estevão Alves Corrêa, com cerca de 10.000 rezes. .../ Os camaradas dessas fazendas são, na sua maior parte, índios Terêna, os mais dóceis que conheço da raça ameríndia. .../ Estão já transformados e há mais de século que sua gente não conhece mais o arco e a flecha. Andam vestidos e apenas as mulheres nas aldeias gostam de andar mais à vontade. .../ Cultivam a mandioca de que fazem farinha, a banana, a batata, a cana de açúcar e o algodão com que fabricam redes e tecidos diversos. .../ Por estes motivos são muito procurados pelos fazendeiros, que também os preferem em razão de se contentarem com pouca remuneração, o bastante para se vestirem, comerem e satisfazerem seus vícios. .../ São comumente explorados pelos fazendeiros. (MISSÃO RONDON, 1949, p.83).

O processo de expropriação das terras e escravização do indígena, que se iniciara no século XVI, intensificou-se no século XIX, sobretudo após a guerra com o Paraguai, devido à expansão pastoril empreendida pelos pioneiros que se afazendaram em diversos pontos da Província, sobretudo no Pantanal Sul. Com isso, a população indígena foi se dispersando pelas fazendas da região, na condição de vaqueiros e agricultores (ESSELIN, 2011).

Em 1913, funcionavam duas escolas públicas na cidade de Aquidauana, uma masculina e outra feminina, tendo como professores Jorge Bodstein Filho e Corina Salasc Bodstein. As escolas tinham em média 50 alunos cada, tendo como inspetor escolar o Coronel João d'Almeida Castro (Figura 7) (ROBBA, 1992).

[As escolas, estão] mal instaladas em casas particulares, alugadas. Por falta de uma casa, ainda não se pode instalar outra à margem esquerda do rio, cuja população escolar já comporta uma boa escola, e o Governo, de acordo com a Municipalidade, está tratando de adquirir uma casa n'esse bairro para esse fim, pois actualmente as crianças são obrigadas a fazer, com risco e perigo, a passagem do rio para frequentarem as escolas existentes na povoação da margem direita (AYALA; SIMON, 2006. p.396).

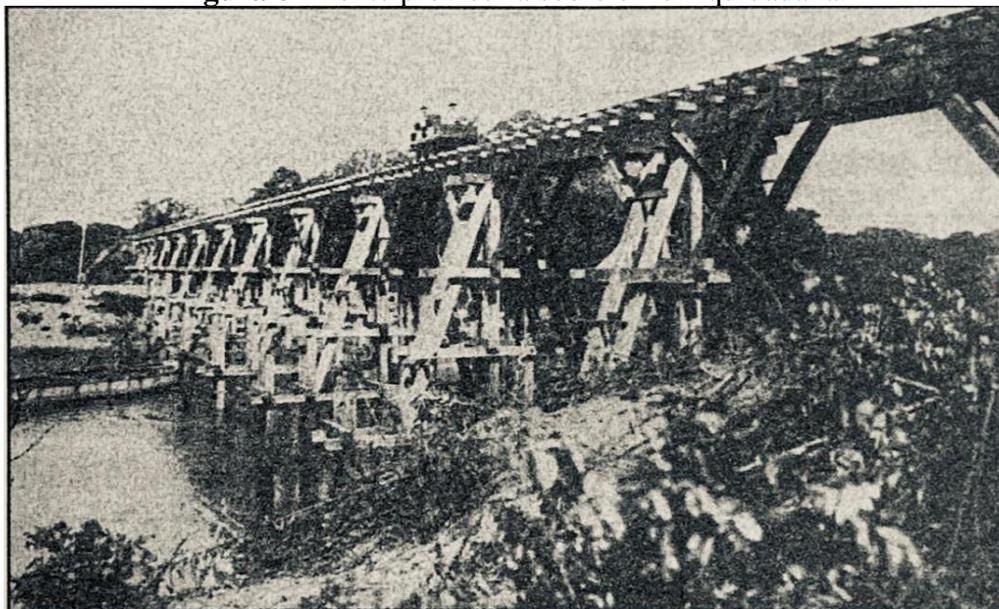
Figura 7 – (a) Jango de Castro e alunas do colégio de meninas; (b) Jango de Castro e alunos do colégio de meninos.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

As melhorias ocorreram a partir do momento em que Aquidauana foi considerada área de segurança nacional, devido à proximidade da fronteira, e aqui foram instaladas guarnições militares. Sobretudo os oficiais, exigiam escolas de melhor qualidade, sendo que muitas vezes suas esposas tornaram-se professoras desses estabelecimentos. Houve necessidade de construção de uma ponte sobre o rio Aquidauana, a princípio provisória, entre as margens esquerda e direita da cidade de Aquidauana (Figura 8).

Figura 8 - Ponte provisória sobre o rio Aquidauana.



N. O. B: Km. 23. Ponte provisoria sobre o rio Aquidauana

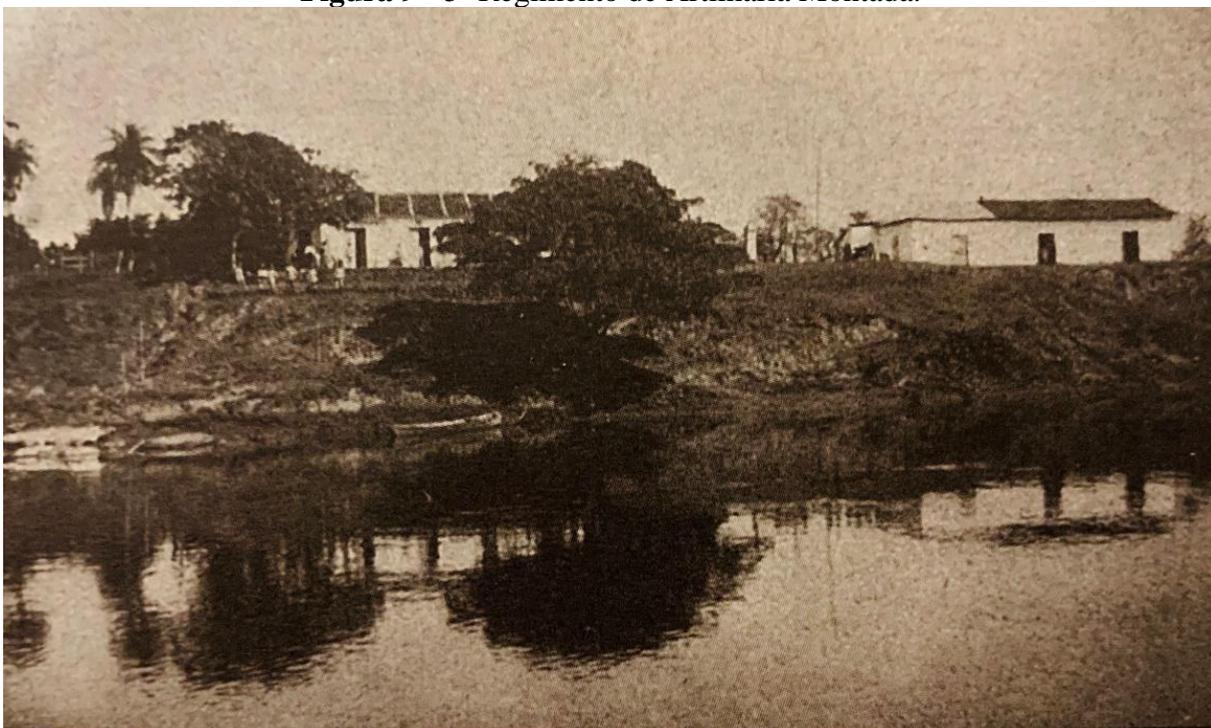
Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Com o fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, e tendo Aquidauana ganhado o status de unidade de segurança nacional, foram instaladas diversas unidades do

Exército brasileiro na cidade (Figura 9). O 5º Regimento de Artilharia, 5º Regimento de Artilharia Montada, e o 2º Distrito Telegráfico.

O 5º Regimento de Artilharia que alli tem a sua séde, está aquartelado sobre a margem esquerda, em uma casa velha de telha e outras de capim que despertam a idéia de um acampamento provisório, e que está em desarmonia com a beleza e propriedade do local. A villa está bem situada, o seu clima é bom e o seu futuro promettedor. Já se notam muitos prédios novos e bem construídos e muitos outros em construção, sendo bem delineadas e cuidadas as suas ruas e praças. A Estrada de Ferro Noroeste que alli tem uma estação, pretende estabelecer n'essa villa as suas oficinas, tendo a edilidade lhe oferecido terreno apropriado para esse fim (AYALA; SIMON, 2006, p.395).

Figura 9 - 5º Regimento de Artilharia Montada.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Também teve sede na Vila o 5º Regimento de Artilharia Montada, cujo quartel achava-se situado à margem esquerda do rio Aquidauana.

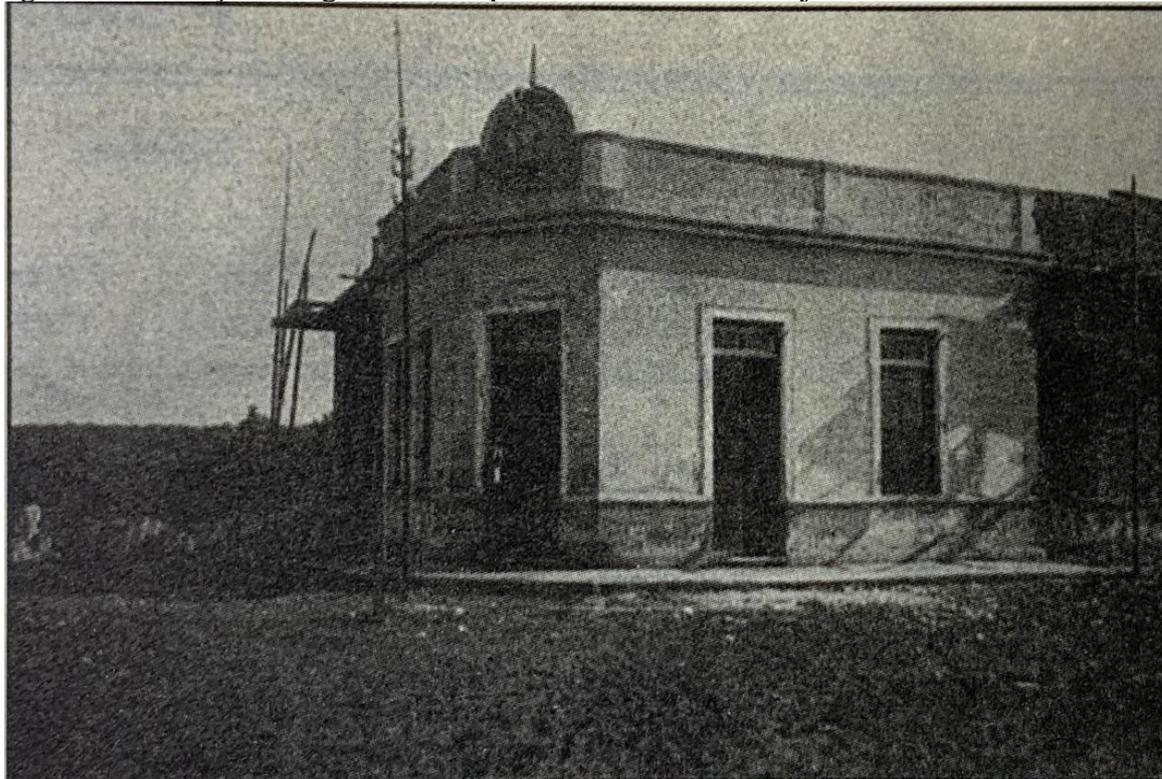
Destacava-se, ainda, a estação telegráfica de Aquidauana, instalada onde hoje é a Unidade I do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, na margem direita do rio (Figura 10).

O 2º Districto Telegraphico tem o seu escriptorio, uma estação de primeira classe que funciona em próprio federal, de construção solida e elegante, e que recebeu ultimamente importantes melhoramentos, não só pelo seu augmento como pelo embellesamento, mandados proceder pelo actual Engenheiro-Chefe do Districto, Dr. Arthur Napoleão Gomes Pereira da Silva; e um deposito para os materiaes. A Estação telegraphica está a cargo do telegrafista

de 3ª classe Pedro Estevão de Britto, auxiliado por três telegraphistas e quatro praticantes (AYALA; SIMON, 2006, p.409).

De acordo com o Álbum Graphico do Estado de Mato Grosso (AYALA; SIMON, 2006, p.200) a renda do tráfego telegráfico do ano de 1912, arrecadada pelas 15 estações do 2º Distrito, foi de 243:358\$835 Réis.

Figura 10 – Estação Telegráfica de Aquidauana, local onde hoje está a Unidade I da UFMS.

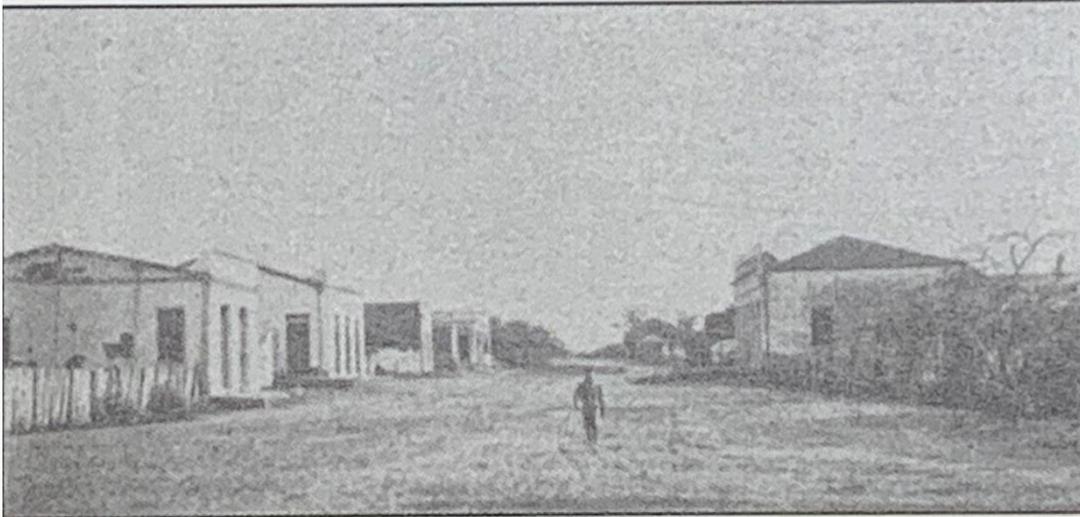


Fonte: AYALA; SIMON (2006).

João de Almeida Castro, no ano de 1914, mostra o quanto a cidade havia crescido e muitas das atividades que eram desenvolvidas. O destaque era para as casas comerciais que chegavam ao número de 45, muitas delas instaladas na avenida Manoel Murinho, atual cidade de Anstácio (Figura 11):

Existem 45 casas de commercio, sendo 8 de primeira classe, 12 de segunda e 25 de terceira. Há 11 carpintarias, 5 marcenarias, 5 olarias, 15 officiaes de pedreiro, 3 empreiteiros de obras, 2 escriptorios de advocacia, 2 agrimensores, 4 alfaiaterias, 3 barbearias, 1 officina de ferreiro, 1 funileiro, 1 fabrica a vapor para a confecção de pão e massas alimentícias, com torrefação de café. Há ainda a citar uma fábrica de telas de arame, uma de gazosa, duas colchoarias, dois hotéis, 8 restaurantes, 6 bilhares, 3 açougues, um cinematographo, 2 pharmacias, 2 médicos e um cirurgião dentista (AYALA; SIMON, 2006. p.406).

Figura 11 - Aquidauana, Avenida Manoel Murinho.



Aquidauana, Avenida Manoel Murтинho

Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Sendo assim, Aquidauana não fugia ao *script* e com a chegada e implantação da Estação Ferroviária, em 1914, seu centro comercial se alocava nas proximidades dela. Conforme Joia (2005):

O mercado local deu um salto considerável, o município exercendo uma função comercial e de prestação de serviços e também de agente de intercâmbio cultural com relação aos municípios vizinhos, acabou por provocar a urgente necessidade de instalação de equipamentos básicos de manutenção, seja através da construção de novas residências para os ferroviários e criação de serviços de assistência médico – hospitalar, assim como igrejas, áreas de lazer e os primeiros loteamentos. A cidade cresceu consideravelmente na margem direita do rio, onde se localizava a estação ferroviária. O fluxo migratório regional foi sem dúvida mais importante que o proveniente do Nordeste e de outros estados para o aumento da população local (JOIA, 2005, p. 37).

4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A ciência geográfica, dentre seus vários campos, busca por meio da Geografia Histórica explicar as geografias passadas. Nesse sentido, “A ciência geográfica não pode desprezar o elemento histórico, se pretende ser verdadeiramente um estudo do território e não uma obra abstrata, uma moldura através da qual se veja o espaço vazio...” (RITTER, s.d., apud BARROS; FERREIRA, 2009, p. 03).

Existe uma interrelação entre a Geografia e a História, em que ao mesmo tempo desfrutam de uma relativa autonomia, dados os atributos de espacialidade (localização, escala espacial, arranjo espacial e interações espaciais) e aos atributos da temporalidade (criação, desenvolvimento e transformação) (CORRÊA, 2020).

De acordo com Corrêa (2020, p. 01), “a Geografia Histórica, unindo Geografia e História, considera a espacialidade humana no tempo, analisando as heranças, a memória, os projetos, as inscrições e trajetórias da espacialidade humana em um dado recorte espacial e temporal”.

O pesquisador da Geografia Histórica, Maurício de Almeida Abreu, publicou em 1998, a obra *Sobre a memória das cidades*. No trabalho, Abreu descreveu que “é preciso reconhecer, antes de tudo, que qualquer vestígio do passado (seja ele uma forma arquitetônica que subsiste na paisagem ou um documento que ainda está guardado nas instituições de memória) jamais é neutro”. Para o autor, é necessário contextualizar o vestígio, saber quem o produziu, quando e, se possível, com que objetivo. Sobre a questão, expõe:

É fundamental que não esqueçamos jamais que a história de um lugar é o resultado da ação, num determinado momento e sobre um determinado espaço, que processos que atuam em escalas que são ao mesmo tempo desiguais e combinadas. Assim, a história de um lugar não pode se ater aos processos puramente locais que aí tiveram efeito. Ela precisa relacioná-los a processos mais gerais, que atuam em escalas mais amplas (regional, nacional, global) da ação humana. Isto não pode ser feito, entretanto, às expensas da compreensão das singularidades locais e da sua devida valorização (ABREU, 1998, p. 88).

Buscando entender a organização espacial da cidade de Aquidauana, conforme Corrêa (1982, p.5), é necessário o estudo da construção das relações sociais e econômicas na apropriação do espaço natural ao longo de sua história. O autor, discorre em sua obra sobre o conceito de organização espacial, onde, segundo o autor os conceitos de região e organização espacial são fundamentais para a compreensão do “[...] caráter distinto da geografia no âmbito das ciências sociais, indicando a via geográfica de conhecimento da sociedade, quer dizer, das relações entre natureza e história”.

Moreira (1982) entende o espaço geográfico como estrutura de relações sob determinação do social; é a sociedade vista com sua expressão material visível, através da socialização da natureza pelo trabalho. É uma “totalidade estruturada de formas espaciais”.

Para Corrêa (1982), o espaço geográfico é a morada do homem e abrange a superfície da Terra. Para Harvey (2001), Soja (1993) e Santos (1999), o espaço geográfico não pode ser separado do tempo e é simultaneamente físico, mental e social, ou como afirmou Corrêa (1982), baseado em Harvey, o espaço é absoluto, relativo e relacional. O espaço geográfico é de todos, é o “espaço banal” (SANTOS, 1999), é também o espaço até daqueles que não acreditam nele.

O espaço geográfico é o contínuo resultado das relações socioespaciais. Tais relações são econômicas (relação sociedade-espaço mediatizada pelo trabalho), políticas (relação sociedade-Estado ou entre Estados-Nação) e simbólico-culturais (relação sociedade-espaço via linguagem e imaginário). A força motriz destas relações é a ação humana e suas práticas espaciais (LEFÉBVRE, 1976).

Apesar das lutas e contradições, mesmo assim o espaço geográfico ainda se apresenta de forma a mostrar a beleza do humano em relação com o espaço, como afirmou MONBEIG (1957).

Segundo Deffontaines (1952), o estudo da Geografia e do espaço geográfico implica também em uma moral de fraternidade e de esperança para com o planeta Terra. Barros e Ferreira (2009) entendem que, o espaço geográfico como unidade das práticas espaciais, é a base material, física, modificada pela ação humana. É o tempo materializado.

Para Santos (1977), o espaço é o existir, a sociedade é o ser. A sociedade só se realiza no espaço. Por conseguinte, Santos (1977, p. 122), discorre que “o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções”. O tempo e o espaço são indissociáveis na análise geográfica.

Considerando os cuidados para a pesquisa histórica, submetemo-nos a discorrer, neste primeiro capítulo, algumas pesquisas voltadas aos imigrantes no Brasil, sabendo que não é possível alcançar toda a produção historiográfica brasileira referente ao tema imigração, na qual o objetivo de nosso trabalho se insere. Antes, porém, de começarmos o debate, são importantes alguns comentários relativos à execução deste trabalho.

5 OS IMIGRANTES EM AQUIDAUANA

Os primeiros registros da ocupação do espaço, onde hoje se localiza a cidade de Aquidauana-MS, recorte espacial deste trabalho, na região do Pantanal, recaem sobre a presença da nacionalidade espanhola, no século 16, bem antes da fundação do município em 1892. De acordo com Esselin (2011, p.76), os espanhóis fundaram a cidade de Santiago de Xerez, provavelmente por volta de 1580, “[...] os espanhóis partiam em caravanas; carretas puxadas por juntas de bois, levavam sementes para o cultivo e diversos outros utensílios para o início de suas atividades”.

O Sul do antigo estado de Mato Grosso, após o fim da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, em 1870, retomou o livre acesso aos países da bacia Platina, através da navegação pelo rio Paraguai (QUEIROZ, 2008). Com este acesso fluvial, Mato Grosso restabelece relações com países vizinhos como o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, tornando-se um polo comercial, atraindo, desta maneira, o interesse de diversos imigrantes.

Na Figura 12 pode ser visualizada a quantidade de imigrantes estabelecidos em Aquidauana no período abordado neste trabalho, sendo eles: alemães, armênios, espanhóis, franceses, gregos, italianos, japoneses, libaneses, palestinos, paraguaios, portugueses, russos, sírios e suecos.

Figura 12 – Nacionalidades dos imigrantes e suas respectivas famílias, em Aquidauana.

Ordem	Nacionalidade	Famílias	Nº de famílias
1	ALEMÃES	BODSTEIN – KEIPER – MULLER	3
2	ARMÊNIOS	MISSIRIAM	1
3	ESPAÑHÓIS	ARTIGAS – FREIXES	2
4	FRANCESES	PICHARD – RIVASSEAU	2
5	GREGOS	BISTOLARÍDES – DIACOPULUS – KARAVASILIS – KARAVASSILAKIS – KAVANKOPOS	5
6	ITALIANOS	ANASTACIO – BARBIERI – BIANCO – BRUNO – CÁFARO – CAMESHI – CARPEJANI – CICALISE – FRAGELLI – GIORDANI – GUERRA – LANZILLOTI – LIPAROTTI – LOSCHI – LUCARELLI – MANDARANO – MARRANI – MOLITERNO – MONGELLI – ORRICO – PACE – PINCHERNELLI – RAGALZI – RAVAGLIA – ROBBA – ROMANI – SECOMANNI – STELLA – VIGHI – VÓGLIA	30
7	JAPONESES	ARIMA – IZUMI – OSHIRO – TAMASHIRO	4
8	LIBANESES	ASSAF TRAD – AYACHE – BACHA – CHEBEL – EKBERG – ELIAS –	14

GELEILATE – HADDAD – MACKSOUD – MAHMUD – MALUF – ORRO – SALAMENE – SCAFF			
9	PALESTINOS	SULEIMAN	1
10	PARAGUAIOS	BAEZ – ESCOBAR – GAMARRA – GRANCE – MARTI – MARTINEZ – OCAMPOS – ORUÊ – RIQUELME – VARGAS	10
11	PORTUGUESES	FIALHO – GRAÇA – LOPES – NOGUEIRA – QUELHO	5
12	RUSSOS	MOROZOFF	1
13	SÍRIOS	CHADDOUD	1
14	SUECOS	ANDERSON	1
Total			80

Fonte: o autor.

Em 1914, Ayala e Simon (2006) observaram que os poucos imigrantes espontâneos que chegavam ao estado de Mato Grosso, o governo procurava localizá-los em pequenos núcleos nas proximidades das cidades já constituídas, em cujos mercados podiam encontrar pronta e remunerada saída para os seus produtos. Mesmo diante das dificuldades de estabelecer uma política de imigração e colonização no Estado, entre 1870 e 1920, houve um aumento significativo da população estrangeira em Mato Grosso. De acordo com o censo de 1872, havia em todo o território mato-grossense 60.417 habitantes, destes 1.669 eram estrangeiros de diferentes nacionalidades (AYALA; SIMON, 2006).

6 OS IMIGRANTES ITALIANOS EM AQUIDAUANA

A Itália, em finais do século XIX, era um país em reviravoltas (políticas, religiosas, culturais, econômicas) que não oferecia um bom nível de vida a todos os seus cidadãos. Marcado por muitas desigualdades, por um campesinato explorado que se proletarizava cada vez mais, a emigração se convertia para aquelas populações mais pobres num bom negócio e uma forma de manter uma determinada sobrevivência cultural também (LORENZONI, 1975).

Para Fausto (1986), a imigração para o Brasil dependeu de fatores como as condições sociais e econômicas no país de origem, a conjuntura internacional e do estado da economia brasileira, principalmente, da economia cafeeira. O período de 1890 a 1900 foi o de maior entrada de imigrantes no Brasil, como também em São Paulo. A crise econômica e a recessão na Itália entre 1885 e 1895 estimularam a emigração, especialmente dos povos do norte daquele país.

Para entendermos a imigração italiana em Mato Grosso, citamos a tese da pesquisadora Cristiane Thais do Amaral Certzósimo Gomes. O documento de 2009, intitulado “Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata: italianos em Mato Grosso 1856 a 1914”, foi realizado com pesquisa em relatos de viajantes, relatórios de presidentes de província e registros consulares, eclesiásticos, memoriais, jornalísticos, policiais e censuários. O texto possibilitou acompanhar dimensões dos modos de viver da população mato-grossense e da participação dos italianos no processo de constituição social de Mato Grosso, bem como fatores de desenraizamentos e o próprio ato de imigrar/reemigrar desses agentes históricos, formando redes de parentesco, no caminho das águas atlânticas e da bacia do rio da Prata, promovendo outras formas de contatos e interculturalidades (GOMES, 2009).

Foram esses imigrantes (italianos) que vieram para o Mato Grosso, em sua maioria com recursos próprios para investirem em negócios promissores no ramo comercial de importação e exportação, nas suas regiões de fronteira, estendendo seus projetos e itinerários em processos de imigração e reemigração na bacia do Prata, acabando por atingirem/alcançarem terras mato-grossenses (GOMES, 2009).

Em regra, os italianos que deixaram seus lugares de origem, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, com destino às terras mato-grossenses, primeiramente dirigiram-se aos países do Prata (Argentina, Uruguai), para depois aventurarem-se nas longínquas fronteiras de Mato Grosso, através da navegação dos rios Paraná, Paraguai e Cuiabá. Esse trajeto fluvial, principal via de comunicação entre Mato Grosso e os países do Prata, nesse período, ficou conhecido como a “rota do Prata” ou o “caminho das águas”. Nessa perspectiva,

a análise desse percurso, utilizado pelos imigrantes italianos, naquela época, das “águas do Prata às fronteiras de Mato Grosso”, resultou no trabalho de reflexão histórica sobre os “caminhos fluviais e fronteiras culturais mato-grossenses”.

Mugnaini (1986) nos dá um excelente resumo sobre as novas pretensões do governo italiano na América Latina e no Brasil, superando a política anterior, centrada na questão dos emigrantes e do comércio, a partir, grosso modo, do início da década de 1930.

As relações bilaterais entre o Reino da Itália e o Brasil foram geralmente marcadas pela amizade e simpatia (SEITENFUS, 1985), com os governos italiano e brasileiro, tendo normalmente uma imagem positiva um do outro.

As considerações de Sayad (1998) permitem inferir que é possível analisar que o processo de reconfiguração da identidade se torna essencial para entender grupos de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil.

Segundo Braudel (1986), a Itália foi o país que mais se transformou com a intensa mobilidade de homens. Entre 1860 e 1970, o país sofreu 25 milhões de partidas, embora nem todas tenham sido definitivas. Oriundos do Piemonte, da Toscana ou da Emília, centenas de italianos alcançaram, por volta de 1860-1880, outros países da Europa, principalmente a França.

Para Gomes (2000), é possível refletir em duas etapas da imigração para o Brasil. Uma primeira, estendendo-se de 1870 a 1903, em que ocorreu uma entrada maciça de imigrantes, dentre os quais predominavam inquestionavelmente os italianos e uma outra, que se segue até 1930, quando houve maior diversificação de nacionalidades, mas onde os italianos continuaram com peso significativo.

De acordo com Gomes (2000), o fato de os italianos serem povos de origem latina, teria sido avaliado como vantagem capaz de promover aproximações de várias naturezas, com língua, religião e costumes, os quais seriam mais facilmente assimiláveis por nossa sociedade do que os alemães ou japoneses, “não oferecendo os riscos de formação de núcleos étnicos que, no limite, pudessem ameaçar a integridade de nosso território e a segurança de nossa nacionalidade” (GOMES, 2000, p.161).

Encontramos referência sobre os italianos que habitavam Aquidauana na sessão de anúncios do Álbum Gráfico de Mato Grosso, bem como nas citações sobre as famílias italianas no livro “Aquidauana Ontem e Hoje”, de Claudio Robba Robba (1992), que afirmou que os primeiros imigrantes chegados à região vieram do Prata, porém, não tendo se adaptado na Argentina e no Uruguai, subiram o rio Paraguai até Corumbá, e daí para os outros núcleos urbanos. Posteriormente, outros imigrantes chegaram com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

Os italianos são considerados os primeiros imigrantes a se instalar em Aquidauana, e também em maior quantidade, conforme registros encontrados no Álbum Gráfico de Mato Grosso. O livro impresso em Hamburgo em 1914, organizado por Feliciano Simon & Cardoso Ayala, aborda os mais diferentes aspectos de Mato Grosso tais como: história, economia, população, ensino, imprensa, pecuária, agricultura, mineração, extrativismo, vegetação, vias de comunicação, comércio, indústria, navegação, destacando, naturalmente, as potencialidades que o Estado oferecia nesses campos todos, além de apresentar a história de cada município, dentre eles Aquidauana, e os diferentes aspectos de Mato Grosso.

Para entender e acompanhar a chegada dos italianos no município de Aquidauana, pesquisamos primeiramente o funcionamento do acesso via fluvial que conectava, através da navegação do Paraguai, o município aos países do Prata e outros países.

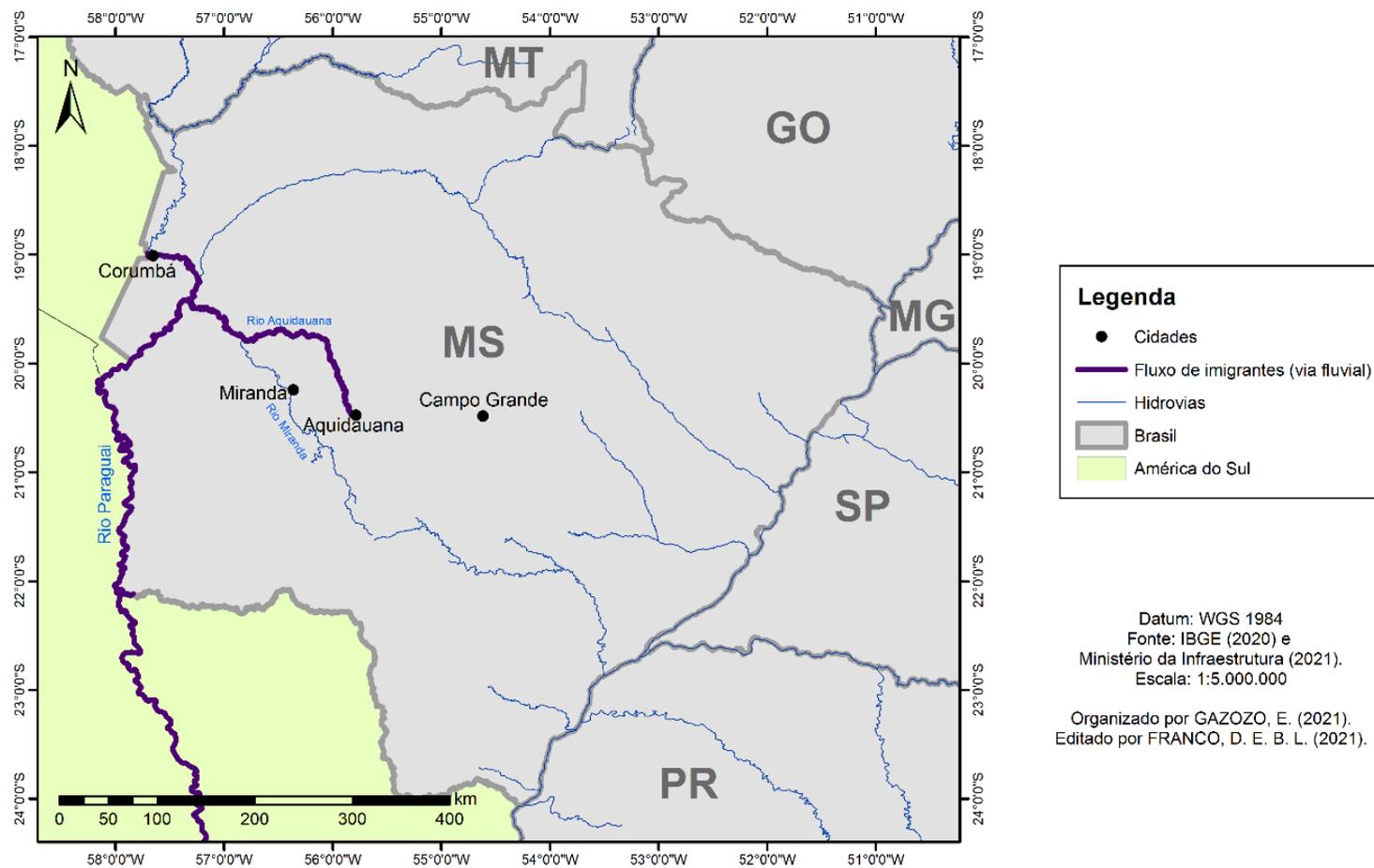
A região Sul de Mato Grosso encontra-se no centro do continente Sul-Americano, distante do litoral e dos centros políticos-comerciais do Brasil e sofreu uma forte mudança com o fim da Guerra do Paraguai (1865-1870), que permitiu novamente a navegação do rio Paraguai e a livre circulação de mercadorias e pessoas na região da bacia do Prata, garantindo acesso ao oceano Atlântico. De acordo com Ascencio et al (2020), a navegação facilitou a entrada de comerciantes de várias partes do mundo que tinham interesse em estabelecer morada na região do Pantanal, além da entrada de inúmeros produtos oriundos de diversos lugares e, principalmente, o processo de exportação da carne e do couro.

A região permitia aos imigrantes iniciarem seus negócios, sem mencionar o fato de existirem imensas áreas a serem ocupadas pela população branca. O comércio desenvolvido nas águas do rio Paraguai já existia em 1858, época da abertura da navegação pelo rio, o que permitiu que imigrantes que estabelecidos em outras cidades da bacia Platina migrassem para a vila de Corumbá, dedicando-se ao comércio e criando as famosas casas comerciais, uma referência da região (ASCENCIO et al., 2020).

Os primeiros imigrantes chegados à região vieram do Prata. Não tendo se adaptado na Argentina e Uruguai, subiram o rio Paraguai até Corumbá e daí para os outros centros urbanos, posteriormente chegaram outros imigrantes, com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (ROBBA, 1992). Elaboramos um mapa para melhor exemplificar o trajeto dos imigrantes, vindos pela rota fluvial do Prata, até Aquidauana (Figura 13).

Figura 13 – Rota de acesso de Imigrantes até Aquidauana – Via Fluvial.

ROTA DE ACESSO DE IMIGRANTES ATÉ AQUIDAUANA - VIA FLUVIAL



Fonte: elaborado pelo autor.

Na Figura 13 podemos identificar a rota percorrida pelos imigrantes vindos pelo rio da Prata (composto pelos rios Paraná, Paraguai e Uruguai e seus afluentes), passando pelo porto de Corumbá, Miranda e, finalmente, em Aquidauana.

Os imigrantes italianos contribuíram de forma significativa para o desenvolvimento de Aquidauana, conforme aponta Robba (1992): “Em sua maioria vieram da região da Calábria e localizaram-se no meio urbano, dedicando-se às mais variadas profissões, no comércio, na cerâmica, serralheria, construção, navegação, música e alguns na zona rural como fazendeiros de gado” (ROBBA, 1992).

Conseguiu-se identificar o nome de 31 famílias de imigrantes italianos e seus descendentes que chegaram em Aquidauana, sendo elas: Anastácio – Barbieri – Bianco – Bruno – Cáfaró – Cameschi – Carpegiani – Cicalise – Fragelli – Giordani – Guerra – Lanzilloti – Liparotti – Loschi – Lucarelli – Mandarano – Marrani – Moliterno – Mongelli – Orrico – Pace – Pinchernelli – Ragalzzi – Ravaglia – Robba – Romani – Cândia - Secomanni – Stella – Vighi – Vógliá (ROBBA, 1992). Entretanto, os documentos avaliados não foram suficientes para descrever com detalhes o trajeto de todos os nomes citados.

Vicente Anastácio é o imigrante italiano que obtivemos maior quantidade de informações nas pesquisas. Sua biografia aparece nas páginas de “Anuncios” do Album Graphico do Estado de Matto-Grosso. Este material de divulgação permite um melhor entendimento do funcionamento das atividades desenvolvidas pelas principais casas comerciais instaladas em Mato Grosso, o que evidencia o movimento comercial dessa região. As folhas de propagandas do citado Álbum indicam que a maioria dos anúncios das casas comerciais pertencia a comerciantes estrangeiros de diferentes nacionalidades, instalados em Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Miranda e Aquidauana.

Uma importante informação sobre o principal motivo da vinda de Vicente Anastácio para o Brasil, foi coletada através de fonte oral, realizada na entrevista com seu neto João Vicente Anastácio:

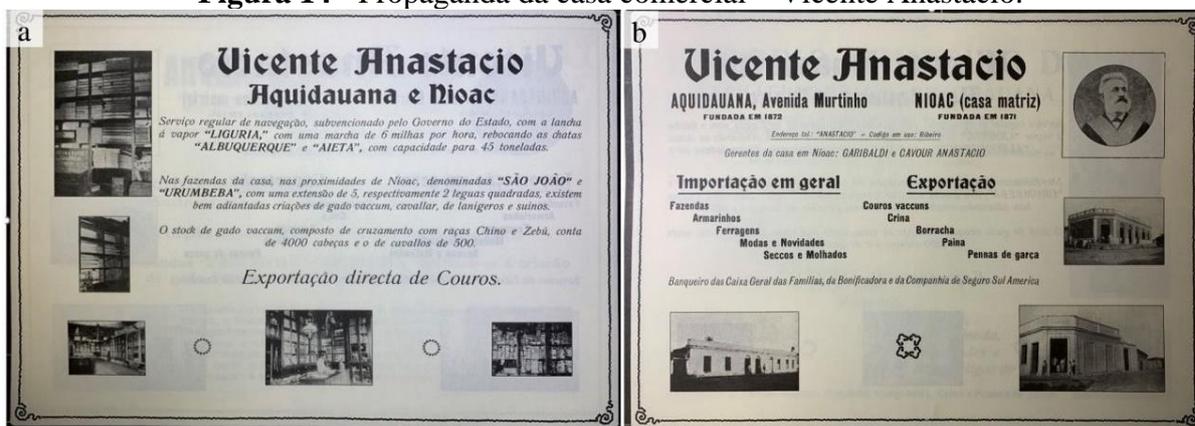
Ele veio à serviço da marinha da Itália, para resgatar os italianos prisioneiros da Guerra do Paraguai, em Assunção. Estes prisioneiros, mantidos em condições precárias, faziam suas refeições com as mãos, levando assim o alimento até a boca, sem o uso de talheres. Vicente Anastácio emprestou uma colher a um deles, que muito emocionado, agradeceu-lhe, se apresentando como Manoel Cavassa, comerciante de Corumbá, e por tamanha gratidão, ofereceu-lhe oportunidades de negócios no Mato Grosso (João Vicente Anastácio, 2020).

Vicente Anastácio, natural de Aieta, província de Cosenza, região da Calábria, na Itália Meridional, é considerado um dos primeiros imigrantes a se instalar em Aquidauana.

Comerciante, pecuarista e armador, Vicente Anastácio veio em missão de resgate dos italianos prisioneiros de guerra, em Assunção, provavelmente no ano de 1870, logo após o fim da guerra da Tríplice Aliança.

Em 1871, o italiano casou-se com a mato-grossense Theodora Machado, natural de Nioaque. Vicente Anastácio instalou duas casas comerciais de importação e exportação (Figura 14) nas vilas fluviais de Nioaque e Aquidauana. Posteriormente, instalou o serviço regular de navegação entre a cidade de Corumbá e Aquidauana, com uma lancha a vapor denominada *Ligúria*, que rebocava as chatas: *Albuquerque* e *Aieta*. O italiano foi responsável pelo o serviço de transporte fluvial no percurso que ligava Corumbá à vila de Aquidauana, pelos rios Aquidauana e Paraguai (AYALA; SIMON, 2006).

Figura 14 - Propaganda da casa comercial – Vicente Anastácio.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

À margem esquerda do rio Aquidauana, Vicente Anastácio adquiriu grande extensão de terras, tornando-se, também, produtor de gado e exportador de *couro vacum*, *crina*, *borracha*, *paina* e *penas de garças* da região, através do porto de Corumbá. Em 1914, já apresentava um número significativo de 4.000 cabeças de gado vacum, composto do cruzamento com raças *chino* e *zebu*, e de 500 cavalos criados em suas fazendas denominadas *São João*, *Urumbeba* e *Santa Maria* (SILVA, 2014).

Conforme Silva (2014), o casal Vicente Anastácio e Theodora Machado, conforme a tradição italiana, de família numerosa, teve onze filhos: *Garibaldi*, *Mafalda*, falecida na primeira infância, *Mazini*, *Cavour*, *Umberto*, *Olga*, *Vitor Anastácio*, *Amadeu Anastácio*, *Vicente Júnior*, *Carlos Alberto* e *Odete*. A fotografia apresentada na Figura 15, tirada no final da primeira década do século XX, Theodora e Anastácio, com quase cinquenta anos de casados, posaram com alguns de seus filhos e netos, nascidos em terras mato-grossenses.

Figura 15 – O italiano Vicente Anastácio, no centro, e sua família, na cidade de Aquidauana-MT.



Fonte: Álbum Graphico de Mato-Grosso (1914) (AYALA; SIMON, 2006).

A pequena vila de comércios, que também já foi chamada de “Margem Esquerda” (rio Aquidauana), local onde Vicente Anastácio implementou sua casa comercial, desmembrou se de Aquidauana em 1964, constituindo o que seria o atual município de Anastácio, em homenagem ao italiano. Com o desmembramento do município de Anastácio, em 1964, a cidade de Aquidauana ficou encravada entre o rio Aquidauana, ao sul, a Fazenda Guanandi, ao leste, a Fazenda Trindade, ao oeste, e a Rua Giovane Toscano de Brito, ao norte. O acesso para Campo Grande era feito, em terra, pela AQN 03, e prolongando-se pela MS 450, porém com a construção e pavimentação da BR 262, cujo traçado passa pelo município de Anastácio, o acesso passou a ser feito através da cidade de Anastácio (JOIA; PAIXÃO, 2016).

O serviço regular de navegação entre a cidade de Corumbá e Aquidauana, tendo como responsável o italiano Vicente Anastácio, realizava também o transporte de mercadorias para várias casas comerciais de Aquidauana, dentre elas, a Casa Candia. Realizamos várias entrevistas com Jandira Trindade, atual proprietária da Casa Candia. Este contato relata diversas informações, que nos revelam que os imigrantes em Aquidauana possuíam uma grande rede de contatos no Mato Grosso e nos países da bacia do Prata, como o Paraguai, o Uruguai e a Argentina:

Segundo o 1º livro de balanço, relação de mercadorias de 1910, que tenho aqui na loja – encontrando desde o simples botão – fita – terno para homens – buquê de noiva – óculos – anéis – relógios – livros escolares – cigarros – tantas outras variedades de mercadorias, tudo isso eram transportadas através do rio por

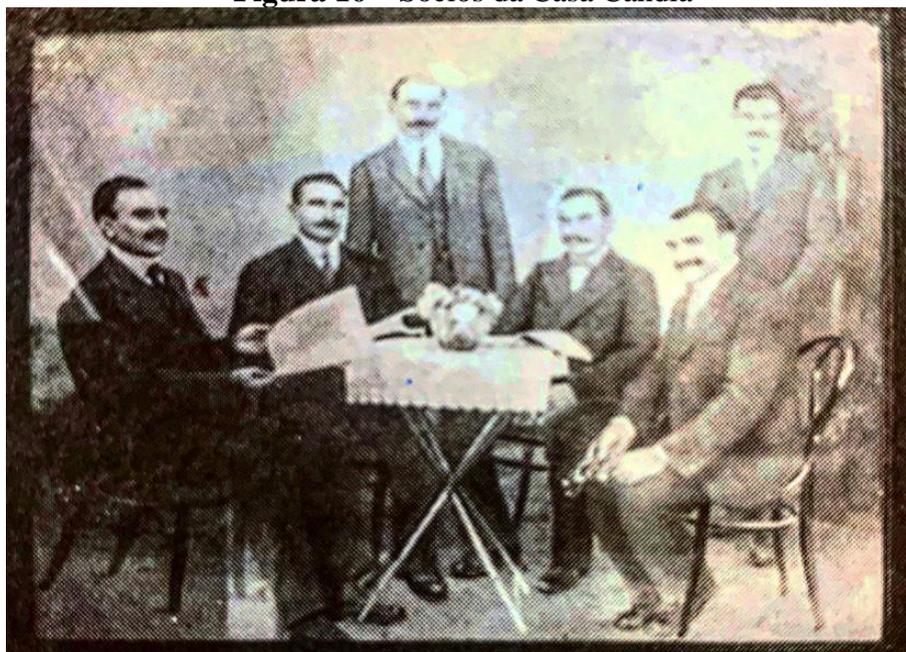
lanchas menores que vinham de Corumbá subindo rio acima, como consta conhecimento de 1911 que guardo com carinho – Lancha Sul América e Lancha Ligúria de Vicente Anastácio que fazia serviço regular a nossa cidade, movida a vapor fazia 6 milhas por hora e trazia duas chatas – “Albuquerque” e “Aieta” que com certa dificuldade, subindo e descendo o rio aqui sempre chegavam e carregavam até 45 toneladas... pois a estrada de ferro que chamava Itapura a Corumbá só chegou aqui na cidade a primeira locomotiva em 1911 e foi festejada com muita euforia...a ligação oficial com São Paulo foi somente em 1914, tenho conhecimentos antigos de 1916 e guardo junto ao acervo dos antigos da fundação da loja. O tempo passou... tantas outras novidades foram aparecendo... o mundo mudou... nosso rio nem peixe tem mais... o progresso chegou por outros meios... com tanta tecnologia que surgiu... apesar de tudo isso ainda somos bem curiosos e há tanto a descobrir. Ninguém conseguiu ainda alcançar o fim do horizonte e ficar atrás do arco-íris...” (TRINDADE, 2009, p. 69).

Sobre a Casa Candia, atestamos que este comércio ainda está em funcionamento na cidade de Anastácio, antiga Margem Esquerda de Aquidauana, fundada em 1908 pelos irmãos Candia. Esta família, que veio da Itália, fundou inicialmente o primeiro estabelecimento com o mesmo nome de Casa Candia, no município de Nioaque, em 22 de setembro de 1905. Animados pela perspectiva de progresso ensejada pela chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a Casa Candia & Irmãos teve uma filial instalada à margem esquerda do rio Aquidauana em 1º de fevereiro de 1908.

Conforme registro no Livro Caixa da Casa Candia, seus sócios proprietários eram cinco: Fidélis Candia, José Candia, Vicente Candia, Vicente Moliterno e Angelo Moliterno (Figura 16).

Esta pesquisa não encontrou dados da biografia dos irmãos Candia em Aquidauana, pois conforme a entrevistada, José Candia mudou-se para São Paulo, depois que vendeu a empresa para seu pai. Em 4 de janeiro de 1934 eram sócios José Candia, seu filho Atílio Candia e Armando F. Trindade. Em 26 de novembro de 1978 passou a designar-se H.M Trindade e desde 1991, H.M. Trindade e Ltda. Atualmente pertence a Jandira Trindade que mantém o uso original, estado de conservação e mobiliário originais (MARQUES, 2001).

O Livro Copiador da Casa Candia, datado de 1908 a 1913, em excelente estado de conservação, consultado nesta pesquisa, revela a importância comercial e a extensão dos negócios que os irmãos Candia mantinham com outras empresas de Miranda, Corumbá, Cuiabá, Campo Grande, Nioaque e Bela Vista. Estas empresas em sua maioria eram de imigrantes vindos para Mato Grosso. Para detalhar estas conexões, foi organizada um quadro (Figura 17) com algumas das empresas identificadas nos livros da Casa Candia, onde aparecem nomes alemães, árabes e italianos, em maior quantidade.

Figura 16 – Sócios da Casa Candia

Fonte: Arquivo pessoal de Jandira Trindade.

Figura 17 – Livro copiador da Casa Candia – 1908, 1909, 1910, 1913.**Livros Casa Candia – 1908: empresas identificadas**

Câmera & Calabria

Candia Irmãos de Nioac

Giordano & Cia

Julio Placido & Cia

Lancha Liguria

Larocca Monaco & Cia (remessa hoje pela ligúria)

Manoel Cavassa Filho & Cia

Pereira & Sobrinhos

Sapataria Allemã

Vicente Anastacio

Wanderley Baís & Cia

Livros Casa Candia – 1909

Adriano Ramos Pinto & Irmão

Affonso Vizeu & Cia

Angelo Rebuá (custas de telégrafo)

Ferreira Souto & Cia

J. Almir & Cia

M. S. Pereira & Cia

Nicola Verlangieri & Filhos

Sampaio Avelino & Cia

Solari & Pace

Windrest & Pinsdorf

G. Saad & Cia

Cooperativa Fab. Chapeos

A. Labadie & Cia

Monaco Pinõn

Livros Candia e Moliterno d' Aquidauana – 1910

João Reynaldo Coutinho e Cia
Serricchio Pepe e Cia
Holp Kullmam e Cia
Antunes Correa e Cia
Eduardo Coupes e Cia
Livros Casa Candia – 1913
Câmara Municipal de Aquidauana

Fonte: elaborado pelo autor em consultas ao arquivo pessoal de Jandira Trindade.

Para mais conhecimento, identificamos as empresas que mantinham negócios com a Casa Candia em Aquidauana, conforme registro nos livros da empresa: Câmera & Calabria, Candia Irmãos de Nioac, Giordano & Cia, Julio Placido & Cia, Lancha Liguria, Larocca Monaco & Cia (remessa hoje pela ligúria), Manoel Cavassa Filho & Cia, Pereira & Sobrinhos, Sapataria Allemã, Vicente Anastacio e Wanderley Baís & Cia.

Nos livros da Casa Candia com data de 1909, encontramos: Livro copiador Casa Candia – 1909: Adriano Ramos Pinto & Irmão; Affonso Vizeu & Cia; Angelo Rebuá (custas de telegrafo); Ferreira Souto & Cia; J. Almir & Cia; M. S. Pereira & Cia; Nicola Verlangieri & Filhos; Sampaio Avelino & Cia; Solari & Pace; Windrest & Pinsdorf; G. Saad & Cia; Cooperativa Fab. Chapeos; A. Labadie & Cia; Monaco Pinõn.

Na sequência temos: Livros Candia e Moliterno d' Aquidauana – 1910: João Reynaldo Coutinho e Cia; Serricchio Pepe e Cia; Holp Kullmam e Cia; Antunes Correa e Cia; Eduardo Coupes e Cia.

Ao verificar os clientes registrados nos livros de contas da Casa Candia, identificamos que muitos deles fizeram parte da elite econômica e política regional. Constam nesses livros os nomes do Coronel José Alves Ribeiro, proprietário da Fazenda Taboco, e o Coronel João de Almeida Castro, um dos fundadores do município de Aquidauana. Percebe-se nos registros de clientes, também o nome do político de Nioaque Sr. David de Medeiros, e ainda, clientes de Campo Grande, como o pecuarista Henrique José Pires Martins, pai de Vespasiano Barbosa Martins, mais tarde governador e senador por Mato Grosso.

A relação dos produtos que a Casa Candia mantinha em estoque, encontrada na pesquisa, especifica a dimensão das áreas comerciais que ela concentrou. Funcionava com uma infinidade de atividades no mesmo local. Trazendo para os dias atuais, pode se considerar que, para um fazendeiro da época, a Casa Candia poderia se comparar a um verdadeiro shopping center (Figura 18). Possuía farmácia, com todos os medicamentos possíveis, tecidos, roupas feitas, curtume, material de construção, armazém de secos e molhados, açougue, calçados, instrumentos musicais, joalheria, telégrafo e serviço de correios, tendo alguns estafetas à sua disposição. Além disso, dispunha de juntas de bois para transportar as mercadorias do porto até

seus armazéns, e também para realizar a entrega de mercadorias nas propriedades onde não fosse possível utilizar lanchas. A empresa representava instituições bancárias nacionais e estrangeiras (GAZOZO, 2019).

Figura 18 - Fachada da Casa Candia 2018.



Fonte: O autor (2018).

A influência dos italianos na arquitetura de Aquidauana é notada no prédio centenário da Casa Candia que mantém seu desenho original e revela a influência dos imigrantes italianos em Aquidauana na Arquitetura da cidade, servindo como um importante marco histórico nos termos de Nora (1993, p. 25), a memória pendura-se em lugares, assim como a história em acontecimentos.

Projetado e construído pelo imigrante italiano Nicola Cicalise, o edifício apresenta fundação e alvenarias de arenito Aquidauana com revestimento de argamassa. As esquadrias e a estrutura da cobertura são de madeira e telhas coloniais de barro. A fachada principal possui embasamento em soco, escadaria de acesso, trama de pilastras com capitéis de inspiração toscana, aberturas em arcos plenos emoldurados, com rusticação em arco ogival até o plano das impostas; além de retangulares encimadas por cercaduras. O coroamento contém arquitrave, friso, cornija e muro de ático encimados por frontões laterais abatidos, interrompidos por ornato no vértice e frontão central com cartela e monograma C & M no tímpano, correspondendo a Cândia & Moliterno, razão social da firma a partir de 1909 (MARTINS JÚNIOR, 2009, p. 04).

Nicola Cicalise era, também, italiano de Aieta, província Cosenza, nascido em 15 de setembro de 1884. Foi um grande artista, construtor de fachadas, na primeira metade do século XX, em Aquidauana. Dava-se o nome de frentista a esse tipo de engenheiro construtor.

Sobre este construtor, são atribuídas as obras da Prefeitura Municipal de Aquidauana, prédio antigo onde atualmente funciona a Câmara Municipal, do prédio que abriga o Museu de Arte Pantaneira, da casa A Primavera (propriedade do Sr. Aziz Scaff, hoje, do filho Nelson Scaff, na rua Marechal Mallet) entre outras. Nicola Cicalise trabalhou em Aquidauana até 1924. Posteriormente foi para Poá-SP, onde permaneceu até 1932, quando retorna para Aquidauana. Em 1934, muda-se para Campo Grande. Vai para São Paulo em 1952, onde faleceu em 09 de agosto de 1959.

Os prédios construídos pelos italianos, podemos citar também Luciano Secomani, além dos gregos e pelos portugueses em Aquidauana, são verdadeiros marcos representativos da memória local. Os monumentos, nos termos de Jacques Le Goff, tornam-se uma das heranças, um sinal do passado, aquilo que evoca e perpetua, voluntária ou involuntariamente, a sua recordação. Ele é produto da sociedade que o fabricou, segundo relações de força que aí detinham o poder. Somente essa análise do documento, enquanto monumento, permite a sua recuperação pela memória coletiva, e, ao historiador, utilizá-lo com conhecimento de causa (LE GOFF, 2003). Para Nora, esses vestígios consistem-se no patrimônio arquitetônico que nos acompanham por toda a vida. Eles são um tipo de forma extrema onde subsiste certa consciência comemorativa das pessoas e que, antes de tudo, são “restos” (NORA, 1993, p. 12).

Nilza Orro (informação verbal)¹ lembra que a maioria dos imigrantes que chegavam à cidade de Aquidauana chegavam equipados de informações sobre a localidade, através de contatos com parentes e conterrâneos que já viviam nestas terras e por aqueles que já haviam feito o reconhecimento e mapeamento da região. Muitos já tinham a imagem de que esta cidade, recém fundada, formava uma base de apoio aos imigrantes que ali chegavam.

Em entrevista com Elisa Ravaglia (informação verbal)², registramos o caso de Antônio Cicalise, que se encontrava na Itália, quando seu irmão Nicola o chamara para Aquidauana. Antônio tinha apenas 16 anos de idade quando aqui chegou. Dedicou-se, também, à construção. Contudo, seu forte mesmo era o comércio. Casou-se, pela primeira vez, com uma italiana. Viúvo, casando-se depois com sua cunhada Florinda Ravaglia, irmã de Rosália Ravaglia,

¹ Entrevista concedida por ORRO, Nilza. Aquidauana – MS. Entrevista XVIII. [06.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

² Entrevista concedida por RAVAGLIA, Elisa. Campo Grande – MS. Entrevista X. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

esposa de Nicola Cicalise. Pelos seus descendentes, a família Cicalise permanece ativa, atuando nos setores pecuário, autônomo e educacional, como é o caso da escola Irene Cicalise.

Sobre a união da família Cicalise e Ravaglia, identificamos além do vínculo de parentesco, a grande quantidade de italianos desta família em Aquidauana, comprovando uma forte comunidade, onde trazemos as informações, fornecidas pela pesquisadora Maria Elisa Delevati, que montou a genealogia da família da seguinte forma: Rosalia Ravaglia, esposa de Nicola Cicalise, nasceu em 8 de março de 1892, colônia Conde D'Eu, Linha 27 da Boa Vista, seção II, ala Sul, faleceu em 4 de novembro de 1964, em São Paulo. Dando sequência, temos: George Ravaglia, filho de Andrea Ravaglia e Maria Ravaglia, nascido em 1853, morreu em 1925 em Aquidauana. Casou-se com Maria Berticelli, nascida em 1863 em Cremona, Itália, morreu em 1923 na cidade de Aquidauana, filha de Geovanni Battista Berticelli, nascido em 24 de junho de 1831 na cidade de Bergamo, Itália, casado com Francesca Balconi Berticelli, nascida em Mantova, Itália, morreu no estado de Rio Grande do Sul.

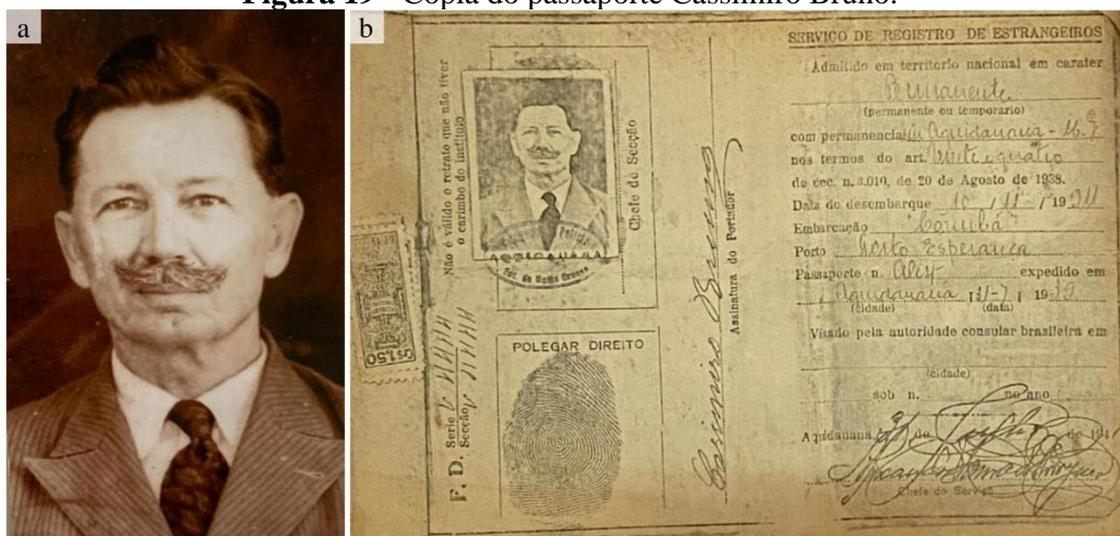
Em continuidade: José Ravaglia, nascido em 11 de dezembro de 1893, colônia Conde D'Eu, Linha 27 da Boa Vista, seção II, ala Sul, faleceu em 2 de junho de 1979, em Aquidauana. Filho: Anna Maria Ferrari Ravaglia, nascida em 29 de julho de 1896, no Rio Grande do Sul. Morreu em 23 de maio de 1967, Aquidauana. Victorio Ravaglia, nascido em 27 de junho de 1896, colônia Conde D'Eu, Linha 27 da Boa Vista, seção II, ala Sul, morreu em 24 de dezembro de 1967, em Aquidauana. Filho: Tereza Luiz Girelli Ravaglia nascida em 25 de fevereiro de 1906, Ernesto Alves. Morreu em Aquidauana. Florinda Ravaglia Cicalise, nascida em 18 de junho de 1900, Colônia Jaguari, São Francisco de Assis-RS, morreu em 18 de janeiro de 1982, em Aquidauana. Filho: Antonio Cicalise Filho, nascido em 4 de abril de 1890, em Aieta – Cosenza, Italia. Morreu em 14 de setembro de 1969, em Aquidauana.

Robba (1992) cita o registro do italiano Cassimiro Bruno, como sendo o “engenheiro” responsável pela finalização da construção da ponte metálica, que liga Aquidauana a Margem Esquerda do rio Aquidauana, hoje Anastácio. “Na administração do intendente-geral José Alves Ribeiro Filho, os trabalhos de construção da ponte foram contratados por Casemiro Bruno e Manoel Mendes & Irmão com início das obras a 27 de agosto de 1925 e término a 29 de novembro de 1926” (ROBBA, 1992, p. 67).

A finalização da obra da ponte deu-se em 1926. O italiano Bruno, além de construtor da “Ponte Velha”, foi empresário, instalando em Aquidauana um posto de combustível da bandeira de combustíveis Shell, no centro da cidade, situado na rua Marechal Mallet.

Em entrevista com sua neta, moradora em Aquidauana, Maria de Lourdes Medeiros Bruno (informação verbal)³ afirma que sabe pouca informação do avô italiano e que guarda em seus arquivos as ferramentas utilizadas por ele, quando da construção da ponte metálica que liga Aquidauana a Anastácio, antiga Margem Esquerda. É importante ressaltar que, mesmo tendo um número grande de italianos em Aquidauana, possivelmente havia divergência de origem em seus compatriotas, conforme cita Maria de Lourdes Medeiros Bruno (informação verbal)⁴: “o italiano Bruno era calado, não gostava de se misturar com os outros italianos de Aquidauana”. Obtivemos acesso ao passaporte e a certidão de óbito de Cassimiro Bruno (Figura 19), no qual consta “Cassimiro Bruno, nascido em 01/01/1886, sexo masculino de cor branca, tendo como profissão comerciante, natural da Itália, domiciliado em Aquidauana, filho de Lourenço Bruno e Rosa Trinelli Bruno, naturais da Itália. Desembarcou em Aquidauana no dia 10 de novembro de 1911, onde veio a falecer de mielóide no dia 19 de junho de 1959 as 19:00”.

Figura 19 - Cópia do passaporte Cassimiro Bruno.



Fonte: acervo de Maria de Lourdes Medeiros Bruno (2021).

A colônia de italianos em Aquidauana era unida e mantinha relações de cooperação com os demais italianos de Corumbá e da bacia do Prata, bem como com seus compatriotas em solo italiano. Essas relações se comprovam com a ajuda em dinheiro, arrecadado pelos italianos em Aquidauana, e enviado para ajudar as vítimas do maior desastre natural que já atingiu o território italiano em tempos históricos. Trata-se do terremoto no sul da Calábria-Messina ou também como um terremoto Calabro-Sicília, considerado um dos mais catastróficos terremotos

³ Entrevista concedida por BRUNO, Maria de Lourdes Medeiros. Aquidauana – MS. Entrevista XXII. [07.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

⁴ Entrevista concedida por BRUNO, Maria de Lourdes Medeiros. Aquidauana – MS. Entrevista XXII. [07.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

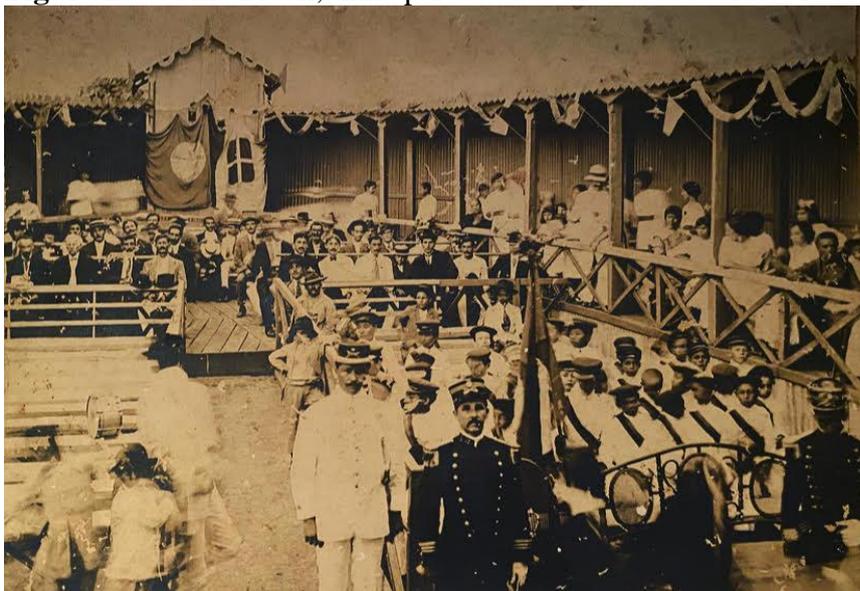
acorridos do século XX. Metade da população da cidade siciliana e um terço da cidade calabresa perderam suas vidas, entre 75.000 e 82.000 pessoas.

A quantia enviada de Aquidauana para Itália foi de 172 \$ (cento e setenta e dois réis), concedida pelos italianos: Roco Danielli (Manginelli), Giuseppe Candia, Angelo Moliterno di Angelo, Pedro Sella, Luciano Seccomani, Raphael Orrico, Camilo Loschi e pela firma Candia & Molierno, em 1909, conforme notícia publicada no Jornal O Brasil, encontrado por este pesquisador nos arquivos da Biblioteca Nacional Digital da Fundação Biblioteca Nacional – BN Digital:

... terremoto em favor das victimas da Calabria e Sicia, foi arrecadado na villa de Aquidauana a quantia de 172 \$, subscriptas pelos seguintes srs.: Roco Danielli (Manginelli) 20\$, Ginseppe Candia 30\$, Angelo Moliterno di Angelo 20\$, Pedro Sella 2\$, Luciano Seccomani 20\$, Raphael Orrico 20\$, Camilo Loschi 10\$, Candia & Moliterno 50\$ (Jornal O Brazil, 1909, BN DIGITAL BRASIL, 2021).

Raphael Orrico, citado na notícia do Jornal O Brazil (BN DIGITAL BRASIL, 2021), apresentada acima, é responsável por instalar em Aquidauana, o primeiro cinema na porção sul do estado do Mato Grosso, em 1910. O Cine Brasil como era chamado (Figura 20), oferecia simultaneamente “secção de café, bilhar e cinematógrafo”. Este com “acomodações para 800 pessoas, motor elétrico próprio de 7 HP, com cerca de 35.000 metros de fitas, recebendo constantemente os filmes mais modernos da casa “Cisnes”, de Roma”.

Figura 20 – Cine Brasil, tinha parte de sua área descoberta – 1910.

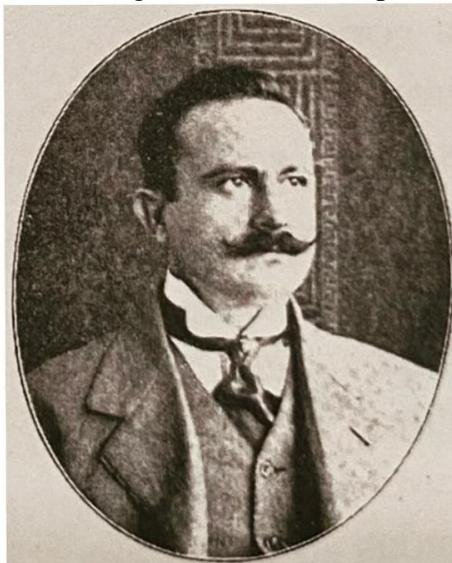


Fonte: Acervo particular Paulo Corrêa de Oliveira.

O Cine Brasil aparece descrito com o nome “cinematógrafo”, na descrição comercial sobre a “Villa de Aquidauana”, do Album Gráfico de Mato Grosso, elaborada pelo intendente

João de Almeida Castro, em 1914. Raphael Orrico (Figura 21), também empresário, anuncia sua casa comercial, no mesmo Album, conforme a Figura 22.

Figura 21 – Imagem do italiano Raphael Orrico.



Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Figura 22 – Anúncio da Casa Comercial de Raphael Orrico.

EMPORIO CRUZEIRO DO SUL
de **RAPHAEL ORRICO, AQUIDAUANA**

Casa Importadora e Exportadora de 1ª classe, funcionando em edifício próprio à Rua Marechal Mallet

O seu proprietário, de nacionalidade italiana, desde 1902 emprega a sua actividade no commercio no Sul do Estado, tendo fundado a sua firma propria em 1910

Endereço tel: "ORRICO" Código em uso: RIBEIRO

*Fazendas,
Armarinhos,
Chapéus,
Calçados,
Ferragens,
Roupa feita,
Molhados,
Generos do paiz,
Artigos de moda,
Novidades e
Artigos de bazar*

Exportação de Couros vaccuns, Borracha Mangabeira, Crina e Pennas de garça

Fonte: Acervo particular Paulo Corrêa de Oliveira.

Na descrição do anúncio com o título: “EMPORIO CRUZEIRO DO SUL de RAPHAEL ORRICO, AQUIDAUANA”, identificamos que trata se de mais uma Casa Importadora e Exportadora, em Aquidauana, classificada como de 1ª classe, funcionando em edifício próprio, na Rua Marechal Mallet. A imagem informa o início das atividades do proprietário italiano

desde 1902, tendo fundado sua própria firma em 1910. Os principais produtos comercializados eram, “Fazendas, Armarinhos, Chapéus, Calçados, Ferragens, Roupas feitas, Molhados, Generos do paiz, Artigos de moda, Novidades e Artigos de bazar. Exportação de Couros vaccuns, Borracha Mangabeira, Crina e Penas de garça” (AYALA; SIMON, 2006).

É necessário registrar que os italianos mantiveram relações comerciais com a Casa Candia & Moliterno, conforme a Lista de Clientes registrados no livro diário da firma, com data de 1º de fevereiro de 1908. Raphael Orrico, além de empresário, atuou como político em Aquidauana, sendo 2º Vice Intendente em 1920 e 1924. Faleceu de insuficiência cardíaca no ano de 1930, em Aquidauana.

6.1 Pace

Em 1886, Pietro Pace, nascido na Itália em 01/03/1864, região da Basilicata, casou-se em 11/02 do mesmo ano, com Maria Ippolita D’Andrea Pace, nascida em 01/04/1867, também na Itália, conforme certidão de casamento que nos foi fornecido em entrevista por seu neto Fernando Augusto Pace. De acordo com Fernando Pace (informação verbal)⁵, seus avós vieram da Itália Meridional para o Brasil em 1890, onde instalaram-se em primeiro momento no município de Nioaque e, posteriormente, radicaram-se em Aquidauana.

Conforme jornais da época, Pietro Pace fazia parte de uma sociedade de italianos em Nioaque. O grupo de imigrantes mantinha conexão com italianos de Corumbá, Buenos Aires, Assunção e Montevideo, constituindo amizades, parentescos e famílias comunitárias. Estas conexões entre os italianos são comprovadas por Pietro Pace através das atividades desenvolvidas por sua família. Em 02 de março de 1909, data o anúncio no jornal de Corumbá, a sociedade de Santiago Solari e Pedro Pace, comunicando ao comércio em geral que em data de 25 de fevereiro do ano corrente, inicia-se a firma comercial com sede em Aquidauana. Pedro Pace também foi vereador no município de Aquidauana no triênio de 1912 à 1914. São seus filhos: Victor Manuel, André, José, Ângelo, Antônio, João, Helena, Maria José e Maria Domenica. Por seus netos, registramos os nomes de: Lúcia Maria, Fernando Augusto, Regina Helena, Lizia Maria, Camila Augusta, Carlos Alberto e José Eduardo.

Vindo da Argentina, João Pace, filho de Pedro Pace e Maria Hippollita d’Andrea Pace, nasceu em Montevideo, casado com Magalona de Castro Pace. Católico Apostólico Romano, João Pace teve uma filha, cujo nome é Lizia Maria Pace de Castro, e três netos: Claudio Roberto de Castro, Gláucia Pace de Castro e Fábio Pace de Castro. Teve como profissão a de contador

⁵ Entrevista concedida por PACE, Fernando Augusto. Aquidauana – MS. Entrevista IX. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

e jornalista, por hobby desenvolveu atividade comunitária no município. Membro da Associação Comercial, pertenceu ao Rotary Clube.

Proprietário da Casa Colombo, localizada na rua Marechal Mallet, onde vendia secos e molhados, João Pace tinha como principais clientes os moradores da cidade, funcionando sempre no mesmo endereço. Possuía apenas uma empresa, tendo como funcionários Jorge Andrade e Landislau e seu sócio, Nicola Cândia. João Pace veio a falecer em 1973. Estas informações foram obtidas conforme entrevista com Lizia Maria Pace de Castro, filha de João Pace. Na Figura 23, temos o registro da sociedade de Aquidauana na inauguração da Casa Colombo.

Figura 23 – Inauguração da Casa Colombo com a Razão Social J. Pace & Cia.



Fonte: Arquivo pessoal Fernando Pace.

O irmão de João Pace, Antônio Pace (Tonico Pace), filho de Pedro Pace e Maria Ippólita d'Andréa Pace, naturais da Itália, nasceu em Aquidauana-MS, em 13 de junho de 1911 e faleceu em Aquidauana, no dia 2 de julho de 1995. Casou-se com Alzira Alves Corrêa, tendo três filhos: Lúcia Maria, Fernando Augusto e Regina Helena. Durante trinta anos, exerceu a profissão de farmacêutico prático, proprietário da Farmácia São João, fundada em 1931. Uma das pioneiras

da cidade, localizada na rua Marechal Mallet, esquina com a rua Pandiá Calógeras. O prédio ainda existe, mantendo a fachada original. O comércio vendia remédios e produtos de medicina, vindos de São Paulo, por via férrea, para hospitais e a comunidade.

Foi vereador municipal nos anos de 1955 a 1959, e Presidente da Câmara Municipal de Aquidauana nos anos de 1957 a 1959, cargos exercidos sem remuneração, na época. Desenvolveu trabalho social, atendendo a população no antigo Hospital da Cidade, hoje, Hospital Dr. Estácio Muniz, como Diretor Social, Vice-Presidente e Presidente, prestando serviços durante vinte e dois anos. Exerceu mandato de Vice-Prefeito Municipal de Aquidauana, na primeira administração do prefeito Rudel Espíndola Trindade. Estas informações foram obtidas conforme entrevista com seu filho, Fernando Pace.

Sobre Pietro Pace, vale destacar que o prolongamento da principal avenida do município homenageia o italiano, registrada com o nome “Rua Pedro Pace”, na continuidade da avenida popularmente conhecida como “Pantaneta” (Avenida Dr. Sabino do Patrocínio), localizada no bairro da Serraria.

6.2 Mongeli

Na sequência localizamos Luiz Mongeli, que nasceu em Bitonto, na Itália, em 29 de janeiro de 1889. Foi o primeiro clarinetista do Instituto Musical Scala de Milão, onde fez seus estudos, na cidade de Roma. Jovem, ainda, deixou a Itália para acompanhar uma Companhia Lírica que iria excursionar pela América Latina, passando pela Bélgica, França e Argentina, onde permaneceu neste último por quatro anos. A Companhia chegou ao Chile, e logo depois ao Brasil. Do Rio de Janeiro chegaram a Corumbá, na época, considerado um centro de gosto refinado pela música. Nesta cidade, a Cia. Lírica foi desfeita e seus integrantes dispersos. Foi então que Luiz Mongelli, Paschoal Russo e outros vieram para Miranda, onde formou uma Banda de Música, prestando serviços à Prefeitura, no período de 2 de janeiro de 1918 à 30 de dezembro de 1924, como está referendado por uma certidão expedida pelo Sr. Nelson Ferreira Cândido, Prefeito Municipal de Miranda, datado de 12 de setembro de 1955.

Nessa época (1924-25), o Professor Luiz Mongelli transferiu-se para Aquidauana, onde iniciou aulas de música, na intenção de formar uma Banda Municipal, no período de 19 de novembro a 27 de dezembro de 1928. "Para a festa de 15 de agosto de 1927, data da fundação de Aquidauana, o Intendente Geral, Jorge Bodstein Filho, procurou o Prof. Luiz Mongelli e o poeta, Dr. Vicente Maurano, para compor o Hino de Aquidauana. Em 1928, por iniciativa do Dr. Pedro Paulo de Medeiros, o Hino do Aquidauana, foi reconhecido pela edilidade como Hino Oficial da Cidade." A 15 de março de 1934, era fundada em Aquidauana a Banda de Música

"Liga Católica", criada pelos Padres Redentoristas. Sendo muito difícil aos redentoristas a manutenção da Banda, esta passou a ser confiada a seu diretor, Prof. Luiz Mongelli. "E assim sendo, recebeu essa corporação *Symphathique* o título de: Banda de Música "Santa Cecília", cujo nome vemo-lo conservado até hoje" (15 de março de 1939, domingo, Jornal do Povo, arquivo pessoal de Marie de Lourdes Pacheco).

Com a fundação do Ginásio Cândido Mariano, Luiz Mongelli foi convidado a lecionar música naquele educandário. "A 15 de agosto de 1954, já doente, realizou um recital para o aniversário da cidade, com a colaboração do prof. Antonio Salustio Areias. "Era naturalizado brasileiro". De suas obras, deixou o Hino dos Professores, a peça "Alva Operária", letra do Dr. Vicente Maurano, e ainda "Pequena Romanza", com letra do Prof. Severino de Toledo entre outras.

Casado com dona Aneta, teve por seus filhos: Octávio e Grazzia Convielo Mongelli, sendo estes os que mais se destacaram. "Otávio teve uma orquestra e tocava nos bailes" (Rondon, 2021). Luiz Mongelli, faleceu em Aquidauana, em 24 de março de 1958 (dados cedidos gentilmente, pela Sr. Marie de Lourdes Pacheco).

6.3 Ragalzi, Loschi e outros

Encontramos o patronímico da família Ragalzi, sendo que o nome de Antônio Ragalzi compõe uma das 39 assinaturas da Ata de Fundação de Aquidauana, que, conforme o documento, reuniram-se à margem direita do rio Aquidauana, fazendeiros de Miranda e região, decidindo criar uma cidade que recebe, no ato de sua fundação, o nome do rio que a banha (ROBBA, 1992). O nome de Antônio Ragalzi, constando na lista de assinaturas dos fazendeiros que se reuniram para a fundação de Aquidauana, nos indica que a família Ragalzi já se encontrava na região, provavelmente em Nioaque, visto que a maioria dos imigrantes italianos que vieram para Aquidauana, no início de sua formação, passaram por aquela cidade. O nome da família Ragalzi está registrado com nome de uma rua na cidade de Anastácio.

Registramos na Figura 24 o nome do Italiano Camillo Loschi, dono do Hotel e Armazém Galileo, situado em frente à estação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Na propaganda o imigrante em Aquidauana anuncia "accommodações higienicas, quartos bem mobiliados para solteiros e famílias. Vasto e arejado para as refeições, com *table d'hôte*. Serviço esmeradíssimo. Armazém de seccos e molhados, roupas brancas, armarinhos e perfumarias, charutos etc." (AYALA; SIMON, 2006). Não foram encontrados mais registros ou informações sobre este italiano em Aquidauana, porém foi importante o registro de sua atividade para a pesquisa.

Figura 24 – Propaganda – Hotel e Armazém Galileo de Camillo Loschi.

Hotel e Armazem
* GALILEO *
DE
Camillo Loschi, Aquidauana
Situado em frente da estação da E. F. do Noroeste do Brasil

Accomodações hygienicas, quartos bem mobiliados para solteiros e familias.

Vasto e arejado salão para as refeições, com table d'hôte.

Serviço esmeradissimo.

Armazem de seccos e molhados, roupas brancas, armarinhos e perfumarias, charutos etc.

Fonte: AYALA; SIMON (2006).

Outro anúncio que merece destaque, encontrado nas páginas de anúncios do Álbum Gráfico de Matto Grosso, referente à Aquidauana, é o Restaurante Chic, de Canale & Cia. Na imagem lê-se “Casa especial de bebidas finas, doces, conservas, seccos e molhados. Grandes salões para bilhar”. Com essas informações temos um retrato mais detalhado das atividades desenvolvidas pelos imigrantes italianos em Aquidauana. Neste caso específico, chamou nossa atenção a atividade de bilhar, conforme anúncio constante na Figura 25.

Figura 25 – Anúncio Restaurant Chic e suas atividades.

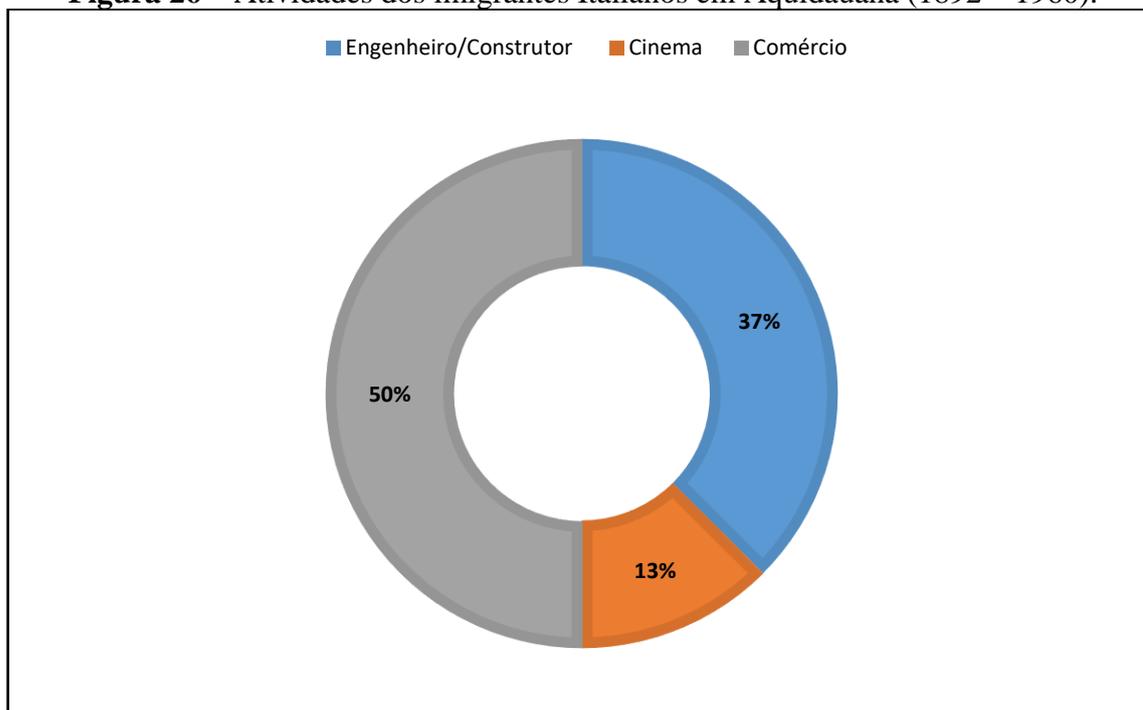
Restaurant Chic
de
Canale & Cia., Aquidauana
Casa especial de bebidas finas, doces,
conservas, seccos e molhados
Grandes salões para bilhar

Fonte: AYALA, SIMON (2006).

Não encontramos dados suficientes nesta pesquisa sobre todas as famílias citadas, porém registramos informações de alguns nomes, coletados em entrevista com Fernando Augusto Pace (informação verbal)⁶, a seguir: Pinchernelli: João Pinchernelli, irmão da Marieta Pinchernelli, era taxista filho da senhora Joana Pinchernelli. João e Marieta mudaram para Campo Grande. Robba, Romani, Vighi, Secomanni, Stella e Vória. José Vória, filho de italiano, vindo de Minas Gerais, tinha o comércio - A Micelânia, na rua Marechal Mallet.

Com base nas informações obtidas com os entrevistados, foi possível identificar os diversos ofícios realizados por esses imigrantes no município de Aquidauana, entre eles, os italianos (Figura 26).

Figura 26 – Atividades dos imigrantes Italianos em Aquidauana (1892 – 1960).



Fonte: o autor.

A partir dessas informações, observou-se que o comércio foi a atividade mais praticada pelos imigrantes italianos em Aquidauana, seguida da construção civil e das atividades culturais, como o cinema e as bandas musicais.

⁶ Entrevista concedida por PACE, Fernando Augusto. Aquidauana – MS. Entrevista IX. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

Conforme apontou Brasil (2009), os italianos foram os primeiros imigrantes a chegar Corumbá, sendo as famílias Solari, Cavassa e Fragelli as precursoras, dedicadas ao comércio e à construção.

Em Aquidauana também se observou a chegada inicial dos italianos, desde sua fundação, em sua maioria passando pelas cidades de Nioaque e Corumbá. Utilizaram como meio de transporte o barco a vapor, navegando pelos rios Paraguai, Miranda e Aquidauana. As famílias de imigrantes italianos e seus descendentes fizeram parte essencial no processo de formação sociocultural de Aquidauana, num período de construção da cidade, formando diferentes laços de amizade e parentesco com imigrantes de outras nacionalidades, além de relações comerciais.

7 IMIGRANTES ÁRABES EM AQUIDAUANA

Com o fim da Guerra do Paraguai (1865-1870), a chegada de imigrantes sírios e libaneses no Mato Grosso ocorreu inicialmente através da cidade de Corumbá, depois de percorrem por via fluvial, motivados por interesses comerciais, assim como os italianos citados nesta pesquisa, no capítulo anterior. Percorreram o trajeto desde o porto de Santos-SP, em seguida adentrando a bacia Platina, onde paravam em Buenos Aires, Assunção, Corumbá e finalmente em Aquidauana. Outro aspecto importante para que os sírios e libaneses migrassem em direção à região de Corumbá, era o encantamento econômico que a cidade produzia, fruto de seu comércio internacional, derivado de franquias tributárias promovidas pelo Imperador Dom Pedro II (OLIVEIRA, 2001).

Corumbá foi responsável pela vinda dos primeiros imigrantes árabes para Aquidauana, pois a cidade exerceu durante um longo tempo a função de abastecedora de mercadorias vindas de Buenos Aires em direção ao antigo estado de Mato Grosso, na época unificado.

Sabia-se que vários comerciantes, de diversas nacionalidades, acumularam significativas fortunas e adquiriram expressivos espaços políticos como, por exemplo, os franceses Philbois, os macedônios Dichoff e Panoff, os portugueses Cavassa e Baís, os uruguaios Vasquez e os alemães Otto. Relevante era o poder que o comércio internacional exercia sobre eles, sendo perceptível em alguns anúncios de Corumbá, como da “Casa Schared & Irmãos”, trazendo uma variedade de produtos importados da Alemanha e do Reino Unido e a “Exportadora e Importadora Estrela do Oriente”, que vendia produtos do mundo inteiro (Panfleto Ilustrativo de Corumbá e Região, s/d:01 apud OLIVEIRA; JUNQUEIRA, 2016, p. 392).

Apesar da distância entre os grandes centros de Cuiabá, Corumbá, Assunção e Buenos Ayres, com a abertura da navegação, os contatos entre uma cidade e outra passaram a ser constantes. O aumento das embarcações, nesse trajeto, levando e trazendo passageiros com maior frequência, facilitou o deslocamento e a aproximação entre grupos e povos, com diferentes costumes, idiomas e modos de vida. A chegada do trem em Aquidauana, em 1914, também auxiliou na conexão com as maiores cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e principalmente o porto de Santos, onde desembarcavam os imigrantes. Foi por meio da navegação fluvial ou da ferrovia, que os imigrantes sírio-libaneses, e de outras nacionalidades, chegaram em Aquidauana, trazendo suas ideias e projetos de empreendimentos e levando, também, para outros lugares, experiências adquiridas nestas terras. O caminho das águas e da linha férrea tornou-se um instrumento de divulgação de ideias, influências, contatos e novidades.

No que concerne aos árabes em Aquidauana, encontramos nas pesquisas e entrevistas com seus descendentes as nacionalidades armênia, síria, palestina e libanesa. Dos armênios,

encontra-se a família Missirian. Dos sírios, encontram-se os Chabbud. Já os palestinos, a família Suleiman. Por fim, de forma mais numerosa aparecem as famílias libanesas, sendo elas: Ayach, Bacha, Chebel, Elias, Geleilate, Haddad, Macksoud, Mahmud, Maluf, Orro, Trad, Salamene e Scaff. Assim, como na pesquisa das famílias italianas no município, devido à escassez de fontes, não foram encontradas informações suficientes de todas as famílias citadas.

Sírios-Libaneses

Sobre os imigrantes sírio-libaneses registramos que o período principal da imigração sírio-libanesa para o Brasil, de acordo com Truzzi, se dá de 1908 a 1939. Neste período teriam entrado no país cerca de 47.361 emigrantes, mas teriam saído 21.323 (45%) pessoas, o que vem a confirmar também os fortes laços familiares com os que haviam ficado nas terras de origem (TRUZZI, 1997, p. 30).

Sírios e libaneses eram praticantes da agricultura, porém, ao contrário do que se esperava, não se ocuparam desta prática econômica. Isto se deu por não terem se adaptado à forma de produção agrícola nacional, concentrada no grande latifúndio, que era diferente do Oriente Médio, fixada em pequenas propriedades administradas por famílias. Além disso, a maioria veio sem recursos econômicos, dificultando a posse da terra, e, ainda se fossem colonos, levariam cerca de duas gerações para possuírem uma propriedade rural (TRUZZI, 1997). Uma segunda opção profissional foi a de comerciante, e foi essa que prevaleceu para as primeiras gerações desde o final do século XIX. O objetivo dos imigrantes era bem claro: fazer dinheiro. As coisas se encaixavam: estavam num outro lugar, logo, se quisessem sobreviver tinham que se adaptar; ser mascate exigia pouco, apenas mercadorias não muito difíceis de transportar (botões, roupas, agulhas, bijuterias, lenços e outras coisas leves), e, além disso, havia mercado consumidor, principalmente no meio rural. Temos então três fatores importantes para o sucesso dos sírio-libaneses como comerciantes: necessidade, flexibilidade material e mercado consumidor (SOUZA, 2007).

A viagem para a América tinha como pontos de partida os portos de Beirute e Trípoli. Por meio de agências de navegação francesas, italianas ou gregas, dirigiram-se para outros portos do Mediterrâneo como Gênova, na Itália, onde às vezes esperavam meses por uma conexão que os levassem para o Atlântico Norte ou Sul (Rio, Santos ou Buenos Aires). Muitos imigrantes, com o objetivo de chegarem aos Estados Unidos, destino principal da imigração árabe, acabavam vindo para o Brasil ou Argentina enganados pelas companhias de navegação. Afinal, explicavam, tudo era América (IBGE, 2000).

A maioria dos imigrantes árabes se dirigiu para São Paulo, menor número foi para o Rio de Janeiro e Minas Gerais, poucos foram para o Rio Grande do Sul e Bahia. Até 1920, mais de 58.000 imigrantes árabes haviam entrado no Brasil, sendo que o estado de São Paulo recebeu 40% deste total (IBGE, 2000).

A capa da revista *O Imigrante* (Figura 27), editada pelo governo do estado de São Paulo, em janeiro de 1908, disponível no Memorial do Imigrante/Museu da Imigração, exemplifica o caminho tomado pelos imigrantes para o Brasil, saindo de seus países de origem.

Figura 27 – Capa da revista *O Imigrante*, editada pelo governo de São Paulo (SP) – 1908 – Memorial do Imigrante/Museu da Imigração.



Fonte: IBGE (2000).

Corumbá tornou-se um polo distribuidor de mercadorias para localidades ao sul, leste e centro do Sul de Mato Grosso, enviadas por via fluvial até onde fosse possível – como era o caso de Miranda (acessível pelo rio Miranda) e Coxim (acessível pelo rio Taquari) – e continuando o trajeto por estradas de terra. De Miranda prosseguia-se por terra para a cidade de Nioaque, Campo Grande e a região dos Campos de Vacaria. Em finais do século XIX, já com certa concentração de pessoas fixas, destacava-se o povoado de Aquidauana, às margens do rio Aquidauana, com acesso fluvial direto a Corumbá. Em 1913, ou seja, vinte anos depois, o

núcleo já se ligava por terra até Bela Vista, Ponta Porã, Nioaque e Campo Grande, redistribuindo mercadorias para outras localidades entre as quais, Dourados (QUEIROZ, 1999).

As correntes emigratórias dos povos sírios e libaneses em direção à América encontram explicações que se diferenciam de outros povos que foram para lá ao final do século XIX. Motivações diversas tiveram sustentabilidade nas ações coordenadas do Estado Turco e nas interferências europeias, imperando, também, o imprevisto na fuga e a indefinição quanto ao destino final, característicos da falta de perspectivas na terra natal. Conflitos religiosos, étnicos e econômicos também se constituíram em importantes razões do desencadeamento do processo emigratório. As constantes tiranias instaladas no seio do poder dos países do Oriente Médio, durante o processo de independência, não podem ser desprezadas na análise das ações objetivas que motivaram a fuga de sírios e libaneses para outras regiões. Suas origens estão diretamente ligadas ao longo processo de declínio do Império, durante o século XIX e início do XX, bem como ao nacionalismo. A repressão aos povos sírios e libaneses se configurou como uma luta nos setores inferiores da política da região, enquanto nos setores superiores, incluindo a administração do Estado, situava-se nos conflitos entre os turcos, ingleses, franceses e alemães até a II Guerra Mundial (OLIVEIRA, 2001).

Atualmente, estima-se que no Brasil existem 12 milhões de libaneses e descendentes. População maior do que a do próprio Líbano, que é de pouco mais de 6 milhões de habitantes. Mato Grosso do Sul é o 2º estado com o maior número de “brimos”, conforme estimativa da Federação Nacional das Entidades Líbano-Brasileiras no Mato Grosso do Sul (BARBOSA, 2018).

Aqui em Mato Grosso do Sul são 113 anos que fizeram do Líbano parte de Mato Grosso do Sul, e fizeram do Mato Grosso do Sul uma parte tão querida por descendentes de libaneses. O Brasil tem hoje quase duas vezes a população do Líbano, isso mostra que fizemos do Brasil, o Líbano, e do Líbano, o Brasil (BARBOSA, 2018, p. 02).

Já no Brasil, a primeira grande leva de libaneses cristãos chegou em 1880, sendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pará e Goiás os que mais receberam imigrantes.

Em Campo Grande, os libaneses chegaram por volta de 1912 e ajudaram a construir a história. Muitos deles vindo de Corumbá, por onde chegaram pelo então porto comercial de Mato Grosso. Outros, chegaram pela Estrada de Ferro da Noroeste do Brasil, a qual muitos ajudaram a construir.

De mascates a grandes lojistas, os primeiros árabes que aqui chegaram tiveram um papel muito importante na difusão do comércio. Registros históricos apontam que em 1933, pouco

mais de 20 anos desde o primeiro registro da chegada deste povo, 90% das lojas existentes nas ruas 14 de julho e Calógeras, em Campo Grande, eram pertencentes aos árabes, em sua grande maioria, libaneses e seus descendentes que até hoje estão por ali (LOPES, 2017).

Entre as famílias de libaneses, em Aquidauana, registradas neste trabalho encontramos: Chebel – Elias – Geleilate – Haddad – Macksoud – Mahmud – Maluf – Orro – Salamene – Scaff.

7.1 Libaneses

No Brasil, os libaneses passaram a ser conhecidos como "turcos", pois à época a Síria e o Líbano integravam o império turco-otomano, além do que, após o conflito de 1860, sírios e libaneses que emigravam portavam passaportes fornecidos pelas autoridades turcas, embora declarassem a verdadeira nacionalidade. Porém, a permissão oficial para que eles viajassem era conferida pela Turquia, de modo que foram cognominados de “turcos”, resultando daí a cultura que denomina todos os imigrantes sírio-libaneses como turcos.

Os fatos mostram que houve prosperidade. As famílias libanesas continuaram desembarcando no Brasil por meio do porto de Santos ou pela bacia do Prata, buscando chegar a Corumbá, importante centro comercial da América do Sul.

A comunicação, por meio de cartas, entre os libaneses que estavam no Brasil e seus familiares na sua terra natal, não parava. Nelas, o Brasil era descrito como terra de oportunidades, assim, novas levas de homens e mulheres de Zhale e outras localidades libanesas partiam para os trópicos. Fundada no século XVIII, Zhale situa-se a 55 km de Beirute, entre as montanhas do Líbano e o Vale do rio Bekaa.

A viagem para a América tinha como pontos de partida os portos de Beirute e Trípoli. Por meio de agências de navegação francesas, italianas ou gregas dirigiram-se para outros portos do Mediterrâneo como Gênova, na Itália, onde às vezes esperavam meses por uma conexão que os levassem para o Atlântico Norte ou Sul (Rio, Santos ou Buenos Aires).

7.1.1 Macksoud

Conforme depoimento do Sr. Cesar Maksoud (informação verbal)⁷, os primeiros libaneses que chegaram em Aquidauana foram os primos: José Mafus Maksoud e Abdalla Macksoud. José Mafus Maksoud nasceu no Líbano, na cidade de Zahle, filho de Mafus

⁷ Entrevista concedida por MAKSOUD, Cesar. Aquidauana – MS. Entrevista XIII. [05.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

Maksoud e Lulu Maksoud. Chegou ao Brasil com 12 anos, no Rio de Janeiro, onde já estavam seus parentes.

José Maksoud veio para Aquidauana pela Rota do Prata, através do Rio Miranda e Rio Aquidauana. Instalou a Casa Maksoud na rua Porto Geral, em Aquidauana, na margem esquerda, onde hoje é a cidade de Anastácio. Conforme anúncio do Jornal, a casa comercial tinha comércio de importação e exportação. Em 1921, buscou a sua noiva Júlia, no Líbano, quando casou em 21 de agosto do mesmo ano, no Rio de Janeiro. Júlia veio para o Brasil com mais dois irmãos: Abdalla Maksoud e Margarida Maksoud (Figura 28). Em 1925, José Maksoud traz do Líbano a avó e a mãe de sua esposa, juntamente com mais três cunhados: Wadih, Vitória e Afife. Todos fixando residência em Aquidauana.

Figura 28 - (a) Na foto: Abdala, Margarida, Nagib (pai do Henry) José e Júlia; abaixo: os pais e irmãos de Abdala Maksoud (pai do Dr. Vitor); (b) O casamento de Jose Macksoud e Júlia Macksoud



Fonte: Arquivo pessoal de César Macksoud.

Os vínculos de trabalho e casamentos na família Maksoud, em Aquidauana, tiveram influência direta de José Maksoud, que propiciou relações com outros libaneses da cidade de Zahle, como a família Trad e Salamene. Registramos os dados e datas descritos acima, fornecidos pelo Sr. Cesar Maksoud, em 2020, para este trabalho.

Com o advento da ferrovia, os Maksoud instalaram comércios na região central de Aquidauana, próximo à estação ferroviária. No centro da cidade, Abdala Maksoud fundou a Casa Minerva, Wadih Maksoud fundou a Casa Rosa e Felipe Maksoud fundou a Casa Miriam.

Abdalla Macksoud, fundador da Casa Minerva em Aquidauana, nasceu no dia 01/09/1908, na cidade de Zahle, Líbano, filho de José Maksoud e de Nabiha Maksoud. Casou-se em 10/05/1945 com Josephine Elia Chaddoud. Ela nascida na Síria em 15/07/19015, na cidade de Homs, filha de Elia Chaddoud e de Bassima Chaddoud. Faleceu em 05/09/2004 em Aquidauana, com 89 anos de idade (conforme entrevista concedida por Magali Machado, 2021). Considerando que o objetivo desta pesquisa é identificar os imigrantes em Aquidauana e suas origens, registramos os dados e datas descritos acima, fornecidos pela entrevistada, dona Magali Maksoud Machado, filha do casal Abdalla e Josephine.

A Figura 29 apresenta a família Maksoud, em Aquidauana, em pé, da direita para a esquerda: Assaf Trad, Jose M. Maksoud, Wadih, Bichara Salamene e Felipe. Na segunda fileira, em pé: William, Wilson, Norma. Sentadas: Margarida, Júlia, Nabiha, Vitória, Afife e Abdala Maksoud. Agachados: Oselia, Nelson, comendo uma maçã, Deide, Sálua, Renee, Ivone, Julieta.

Figura 29 – Família Maksoud em Aquidauana.



Fonte: Arquivo pessoal de César Maksoud.

7.1.2 Assaf Trad

Nascido no Líbano, Assaf Trad, foi cônsul honorário do Líbano no Estado do Mato Grosso, tendo dois estabelecimentos comerciais em Aquidauana: um em frente à praça principal, que era de tecidos, e outro em frente ao cinema, que era um movimentado bar e restaurante. Casou-se com a libanesa Margarida Maksoud (Margarida Macksoud Trad tornou-

se a primeira consulesa do Líbano no Brasil, nascida em 18 de abril de 1915), ambos tiveram um filho: Nelson Trad. Nascido no dia 30 de outubro de 1930, em Aquidauana, Nelson foi deputado federal, casou-se com Therezinha Mandetta e tiveram cinco filhos: Fátima, Nelsinho, Marquinhos, Fábio e Maria Thereza.

7.1.3 Scaff

Em relação à família Scaff, José Scaff e a esposa Yasmin Scaff com outros familiares, vieram para o Brasil de navio em 1908, desembarcando no porto de Corumbá. Depois disso, partiram para Nioaque, onde fundaram um pequeno comércio. Aziz Scaff nasceu em Zahle, no Líbano, em 29/08/1895. Em 1929, Aziz Scaff, filho de José, adquire a Casa Primavera, em 10 de janeiro do mesmo ano (Figura 30). O comércio vendia materiais de construção, artigos, bebidas e produtos vindos da Europa. Em 1929, tornou-se também proprietário de uma concessionária de veículos da marca Ford. Tinha por concorrente o Sr. Salin Scaff, que abriu uma revendedora da marca Chevrolet. Salin era cunhado do Sr. Aziz.

Figura 30 – Fachada da Casa Primavera de Aziz Scaff.



Fonte: Arquivo pessoal do Sr. Nelson Scaff.

A Casa Primavera, localizada na rua Marechal Mallet, nº 388, assim como a Casa Candia, é um dos prédios comerciais que ainda mantêm suas fachadas bem conservadas e ainda em funcionamento, tendo como seu proprietário o sr. Nelson Scaff, filho do libanês Aziz Scaff.

7.1.4 Gelelaiti

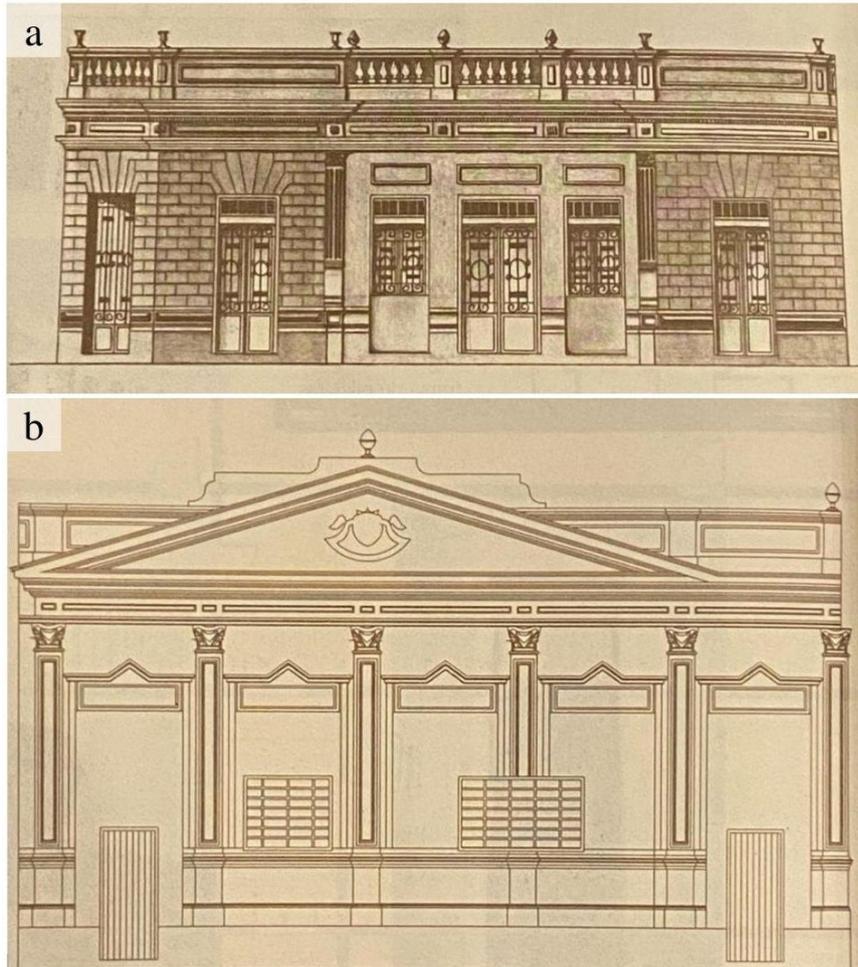
José Miguel Gelelaiti, casado com Amine, que no Brasil se tornou Amélia Gelelaiti, saiu em 1912 da cidade de Zahle, no Líbano. Vieram de navio. Aportaram no Brasil no final do mesmo ano, ela já gestando Jamil. Seguiram para Belo Horizonte, onde nasceu o primeiro filho Jamil, em 24 de fevereiro de 1913. Para Aquidauana vieram por volta de 1914. Na sequência vieram os filhos Luís e Isabel, que faleceram ainda criança, e Miguel, Fuad, Rosinha, Terezinha, Lourdes e José, o caçula.

Estabeleceram um próspero comércio que vendia de tudo e era chamado de secos e molhados. Tinham uma casa ampla, avarandada na lateral e um algibe. José Miguel, o patriarca, morreu em 1949. Dos filhos, o único sobrevivente é José, o caçula, que mora em Fortaleza, onde é próspero empresário.

Além do comércio, as contribuições da família Gelelaiti em Aquidauana aparece na arquitetura, conforme registro do arquiteto Rubens Costa Marques em seu livro Trilogia MS: “Edificação erigida aproximadamente em 1910 sob as ordens de Fuad Gelelaiti para uso comercial. Posteriormente pertenceu ao grego Vassilius Cristus Karavassilakis. Atualmente, pertence a Constantino Karavassilakis” (MARQUES, 2001, p. 198).

“Edificação residencial construída em 1915 sob as ordens da família Gelelaiti para uso residencial e comércio de secos e molhados.” Localizado na rua Cândido Mariano, 435 (Figura 31).

Figura 31 - (a) Edificação Comercial Constantino Karavassilakis; (b) Edificação Residencial Ariano Araújo & Josmar Fortes de Oliveira.



Fonte: MARQUES (2001, p. 192; 198).

7.1.5 Ayach

Segundo Carlos Ayach (informação verbal)⁸, Nauad Ibrahim Ayach, em Aquidauana, inicialmente trabalhou como mascate, trazendo produtos dos grandes centros de trem e ônibus. Depois, foi sócio da Casa Libanesa, fundou a Casa Mexicana e Casa São Jorge (Kalil Ayache Irmão). Kalil Ayach, filho de Mahin Ayach e Alexandra Ayach, tinha 4 irmãos, e no primeiro momento trouxe o pai e uma irmã (tia) Geni Ayach, que vendiam aviamentos na Rua 07 de Setembro, 612, centro. A família também vendia calçados e roupas. A Casa São Jorge iniciou suas atividades em 1962 e parou de funcionar com o falecimento de Kalil Ayache em 1995.

A Casa Libanesa, ainda em funcionamento, foi fundada em sociedade de Nauad Ibrahim Ayach e Nayef Azar Haddad. Posteriormente, Nauad retirou-se da sociedade. Nayef, também libanês, casou-se com Clemence Maalouf.

⁸ Entrevista concedida por AYACH, Carlos. Aquidauana – MS. Entrevista XXI. [07.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

Não foi possível identificar maiores informações das famílias: Bacha, Chebel, Elias (Abdel Hamid Mahmud - Comércio Loja Oriente), Maluf, citadas por Robba, por falta de referências bibliográficas e a dificuldade em encontrar seus descendentes.

7.1.6 Orro

Felippe Moaccar Orro, nascido em Zahle no Líbano, católico, filho de José Moaccar Orro e Fahada Moaccar Orro, casou se em 1928, com Adel Moaccar Orro, filha de Youssef Abdalla Belix e Julia Belix, todos nascidos em Zhale. Com objetivo de registrar os vínculos de imigrantes em Aquidauana, encontramos nas pesquisas que Adel é irmã da esposa de Khalil Salamene, Wadia Salamene. O destino inicial de Adel, esposa de Felipe, foi a cidade de Amparo, São Paulo, onde tinha parentes da família Bélix que trabalhavam em atividades comerciais. Ela veio na companhia dos pais.

Felipe Moaccar Orro, chegou em Mato Grosso, em Corumbá, inicialmente onde já moravam seus parentes, sendo seu primo Miguel Abdalla Gattass Orro. Trabalhou nesta cidade como mascate, depois dirigiu-se a Aquidauana onde se estabeleceu. Tornou-se tradutor oficial em Aquidauana dos textos escritos em árabe e francês, trabalhando como tradutor forense de documentos no original árabe ou francês.

O libanês foi proprietário do Armazém de Secos e Molhados, localizado na esquina das ruas 7 de Setembro e Augusto Mascarenhas, fundado nos anos 1920 (Figura 32). Vendia mantimentos, materiais diversos, armas e munições, a empresa sempre funcionou no mesmo endereço. Felipe Moaccar Orro também era proprietário da Fábrica de Sabão das marcas “Írio” e “Comercial”, que funcionava na rua Duque de Caxias e tinha como funcionário o Sr. Sarandino.

Figura 32 – (a) e (b) Família Orro; (c) Armazém de Secos e Molhados.



Fonte: Acervo pessoal de Nilza Ribeiro Orro.

Seguindo a tradição libanesa, Felipe também mandou buscar seus parentes para morar no Brasil. Ele era o irmão mais velho do segundo casamento de seu pai. Os irmãos, no Brasil, seguiram a profissão de comerciante. Fauzi, o mais novo, foi morar em Santos, litoral de São Paulo; Nagib, em Bela Vista; e o irmão Aziz escolheu Campo Grande para morar e trabalhar. Com Adel, Felipe teve um filho, em 1938, chamado Roberto Moaccar Orro. Este, por sua vez, teve três filhos cujos nomes são: Luiz Felipe Ribeiro Orro, Nilza Ribeiro Orro Machado e Isabel Orro Monteiro. Adel faleceu em 17 de outubro de 1945. Felipe Moaccar Orro veio a falecer no ano de 1956 em Campo Grande. Seus restos mortais foram transferidos posteriormente para Aquidauana.

7.1.7 Salamene

Bichara Salamene, nascido em Beirute no Líbano, católico, casado com Vitória Maksoud Salamene, teve sete filhos, sendo eles: Julieta, René, Ivone, Anuar, Sônia, Márcia e Marli (Figura 33). Veio para Aquidauana de navio foragido da guerra e em busca de condições melhores de vida, desenvolveu atividades comunitárias no município através de serviços prestados em entidades e associações, sendo membro fundador do Rotary Club. Bichara Salame empresta o nome à rua que passa em frente à estação de trem, uma das ruas principais da cidade de Aquidauana (PACE, 1973).

Fundou a Casa Rosa na rua 7 de Setembro, no centro de Aquidauana. Foi responsável pela construção de várias casas no centro da cidade. Fundou também o Hotel Vitória, em 1952, dando este nome em homenagem à sua esposa. O prédio localizado na Rua Estevão Alves Corrêa, esquina com Manoel Antônio Paes de Barros, ainda permanece com sua fachada pouco modificada (atual Cartório do 4º Ofício). Bichara Salamene mudou-se com a família para a capital do Rio de Janeiro, onde construiu mais dois edifícios, conforme depoimento de sua neta, Cristiane Possik Salamene, para esta pesquisa.

Figura 33 – (a) Na imagem Rene, Geraldo, Rosa Maria, Bichara Salamene e sua neta Cristiane Salamene; (b) Imagem do Hotel Vitória em 1952.



Fonte: (a) Acervo pessoal de Cristiane Possik Salamene; e (b) Revista O Centavo (1973).

Outro comerciante identificado na família Salamene é Khalil Salamene, irmão de Bichara Salamene. Khalil casou se com Wadia Salamene e foi dono da fábrica de refrigerante Bom Gosto que era vendido em Aquidauana, Campo Grande, Nioaque, Miranda, Porto Murtinho e Bela Vista.

7.2 Palestinos

Entre os imigrantes oriundos de países do Oriente Médio, os palestinos são *sui generis*. Primeiramente, consistem em um desafio para o pesquisador quantificar e demonstrar a extensão do universo de pesquisa. Trata-se de uma imigração que pode ser nomeada como “particular”. Nos diversos momentos em que chegaram, não havia intermediação de uma política imigratória brasileira, nem registros confiáveis da tramitação de vistos de permanência no Brasil.

Em segundo lugar, é sempre difícil confiar que uma autodenominação, produzida em diferentes contextos e com uma história tão peculiar quanto aos jogos identitários, que se traduza fielmente em números. Diante dessas características, reportamo-nos à ideia de que os palestinos abarcam uma imigração “recente”. Contudo, ouvindo suas histórias relativas à imigração, percebemos que sua vinda fora intermediada tanto por outros imigrantes, como chamados por meio de cartas por parentes, e, portanto, não são uma “leva” tão definida em seus contornos temporais. Mantêm uma continuidade com redes de relações de patrícios de outras procedências árabes e compartilham de muitas experiências, entre elas a ocupação inicial como mascates.

Os palestinos são um terço da população refugiada do mundo (NABULSI, 2003, apud JARDIM, 2006, p 171). Grosso modo, podemos datá-los como uma imigração de pós-guerra, relativa à criação do Estado de Israel, em 1948. Na história de seus desterramentos, esse é um dos episódios fundamentais, mas há outros fatos anteriores, como mostra Rashid Khalidi (2003, apud JARDIM, 2006, p171), que remetem a disputa e a perda do controle de seus territórios

para Israel e relativos à colonização. A experiência dos imigrantes palestinos no Brasil revela os nexos com outras guerras: Guerra dos Seis Dias, em 1967, os massacres nas cidades de Sabra e Chatila, em 1982 e a Primeira Intifada, em 1987, uma década marcada por guerras civis. Tais fatos permitem entender um constante “ir e vir” de familiares que, ora precipitam a emigração, ora têm suas viagens de visita à Palestina limitadas em virtude da periculosidade do retorno à sua terra natal.

Como uma imigração particular, os palestinos chegaram à América do Sul como turistas, para realizar visitas a familiares, ou beneficiados pelo contato com os imigrantes palestinos na América Latina (JARDIM, 2006), outros patrícios ou parentes. Esses contatos os conduzem a caminhos já conhecidos por outros imigrantes de procedência árabe, visto que utilizam os mesmos portos de chegada. Em anos recentes, os meios de chegar ao Brasil e a outros países foram se diversificando, e já há distinções nos percursos entre aqueles que ingressaram por portos e aqueles que chegaram recentemente através de aeroportos. Essa diferença de meios pode significar, entre os palestinos, a indicação de rotas diferentes ou redirecionar suas possibilidades futuras de percurso no Brasil, ampliando-as para outros países da América Latina: Chile, Panamá, Peru, Honduras, Argentina etc.

Conforme Jardim (2006), as possibilidades de comunicação e de meios de empreender as viagens têm ajudado a trilhar novos caminhos. No Sul do Brasil, a geração dos imigrantes que entrevistei se refere à entrada no Brasil em virtude da criação do Estado de Israel e o que o fato significou para os jovens da época em termos de possibilidades de trabalho.

A imigração significava encarar alguns caminhos. Um deles era destituído de um Estado-Nação e, portanto, por meio do estatuto de refugiado. Entrar na esfera da ajuda humanitária tinha um custo imediato, o de não poder circular entre países por uma livre escolha. De outra parte, os documentos para sair da Palestina ou eram israelenses (o que não dava acesso ao mundo do trabalho nos países árabes) ou, na melhor das hipóteses, jordanianos. Concretamente, o trabalho em países do Oriente Médio se inviabilizava. Por conta dessas escolhas limitadas, é difícil saber quantos são os imigrantes palestinos. Não temos a precisão da burocracia, mesmo para os casos de regularização de papéis no Brasil. Para exemplificar, por trás da regularização de papéis de um jordaniano no Brasil pode haver uma história de uma evasão de uma família palestina que seguiu para a Jordânia e depois enviou seu filho para a América (JARDIM, 2006).

Jardim (2006) aponta que uma experiência que é referida pelos informantes, por especialistas em imigração palestina, como uma diáspora. Em termos gerais, esse segmento evade de uma terra natal em busca de um novo horizonte de trabalho e de cidadania. Se isso

não é exclusivo dos palestinos, a singularidade dessa imigração é a ausência de um Estado-Nação, e note-se que isso acaba incidindo sobre seu percurso.

Potencialmente, se tivessem uma formação necessária, um ofício para trabalhar no Oriente Médio, essas carreiras se inviabilizavam pela ausência de documentos relativos ao pertencimento a um Estado nacional, o que os impedia de transitar imediatamente no mundo árabe. A falta de qualificação necessária não era beneficiada pela vida em aldeias ou campos de refugiados (que comparam com a vida em uma favela). Tal qualificação ali não seria alcançada. Os campos de refugiados são relatados como um lugar de precariedade, de ausência de assistência e sem possibilidades de escola-estudos avançados. Havia, portanto, a necessidade de criar alternativas, alternativas gestadas nas famílias e nas relações da aldeia de origem, em uma experiência comum que tem revelado a conexidade dos países árabes e da imigração como um modelo para traçar novos destinos.

Em Aquidauana registramos a presença da família Suleiman, onde foi realizada entrevista com o empresário e ex-prefeito de Aquidauana, Fauzi Muhamad Abdul Hamid Suleiman. Fauzi é filho de palestino e descreve: “os motivos da vinda de Muhamad Abdul Hamid Suleiman, também conhecido como “seo” Mamede, para Aquidauana, foram os conflitos políticos e militares que, potencialmente, o impediam de criar sua família na Palestina” (informação verbal)⁹.

7.2.1 Suleiman

Muhamad Abdul Hamid Suleiman (popularmente conhecido como "seo" Mamede), nasceu na cidade de Siluad na Palestina, vindo para o Brasil de navio. Filho de Abdul Hamid Suleiman (pai) e Maiufa Hasan Hamid (mãe), seus pais também não naturais de Siluad, Palestina. Casou-se com Zakiha Muhamad Abdul Hamid Suleiman, também nascida em Siluad na Palestina. Dona Zakiha é filha de Hussein Mustapha Daoud (pai), Foudda Hamdan Youssef Audah (mãe).

Os motivos da vinda do Sr. Muhamad para Aquidauana foram os conflitos políticos e militares que, potencialmente, o impediam de criar sua família na Palestina. São seus filhos: Zakaria Muhamad Abdul Hamid Suleiman, Jamal Muhamad Abdul Hamid Suleiman, Ibraim Muhamad Abdul Hamid Suleiman, Jamil Muhamad Abdul Hamid Suleiman, Fauzi Muhamad Abdul Hamid Suleiman, Samir Muhamad Abdul Hamid Suleiman e Fátima Muhamad Abdul

⁹ Entrevista concedida por SULEIMAN, Fauzi. Aquidauana – MS. Entrevista II. [06.2020]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

Hamid Suleiman. Muhamad Abdul Hamid Suleiman, "seo" Mamede, era mulçumano e faleceu em 07/07/1989 em Aquidauana.

Seus familiares administram a empresa da família denominada Casa Branca (Suleiman, Suleiman & Cia. Ltda.), localizada na rua 7 de Setembro, 708, Centro. A data de fundação da atual empresa foi em 01/03/1980. Porém, em entrevista com Fauzi Muhamad Abdul Hamid Suleiman, informa que “esta empresa é sucessora de outras que meu pai fundou, cuja origem remontam a agosto de 1956, que é a data em que ele se instala em Aquidauana e inicia sua atividade. Hoje somos a família com mais anos de comércio em atividade em Aquidauana” (informação verbal)¹⁰.

O comércio vende, desde sua fundação, calçados, confecções, artigos de cama, mesa e banho e produtos para atender as fazendas. Suas mercadorias chegavam de trem, adquiridas do comércio atacadista de São Paulo e indústrias das regiões Sudeste e Sul do Brasil. Seus principais clientes eram a população urbana de maneira geral e, especialmente, fazendeiros, pequenos produtores e trabalhadores rurais.

“A empresa sempre funcionou no mesmo endereço na Rua 7 de Setembro, mas fomos mudando à medida em que a empresa crescia, pois no início, os prédios em que funcionávamos eram alugados. Até que, em 1969, mudamos para prédio próprio, em que estamos até hoje”, conforme entrevista concedida por Fauze Suleiman, em 2020.

7.3 Sírios

7.3.1 Chaddoud

Josephine Elia Chaddoud, nasceu na Síria em 15/07/19015, na cidade de Homs, filha de Elia Chaddoud e de Bassima Chaddoud. Casou-se com Abdalla Macksoud, fundador da Casa Minerva, em Aquidauana. Nasceu no dia 01/09/1908 na cidade de Zahle, Líbano, filha de José Maksoud e de Nabiha Maksoud. Josephine e Abdalla tiveram os filhos Victor e Magali Maksoud. Faleceu em 05/09/2004 em Aquidauana, com 89 anos de idade.

7.4 Armênios

No final do século XIX e início do XX, houve movimentos migratórios de armênios, em virtude do Genocídio Armênio, praticado pela Turquia Otomana. As cidades de Marach e Sis tornaram-se pólos desta população em trânsito. Durante a década de 1920, os armênios emigraram para diversas partes do mundo, principalmente para a Europa, América do Norte e

¹⁰ Entrevista concedida por SULEIMAN, Fauzi. Aquidauana – MS. Entrevista II. [06.2020]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

América do Sul. Hoje, além da República da Armênia, eles são encontrados principalmente nos Estados Unidos, Rússia, França, Líbano, Síria, Turquia, Irã, Polônia, Canadá, Azerbaijão, Geórgia, Ucrânia, Argentina, Austrália, Alemanha, Bulgária e Brasil.

Antes da grande migração (1920-1930), pequenos grupos de armênios vieram a se estabelecer nessas regiões apontadas. Ao chegar, especialmente na Argentina e no Brasil, por volta de 1893, eram confundidos com os sírios e libaneses, e a maioria passou a se dedicar ao comércio ambulante. Alguns enriqueceram adentrando ao setor têxtil industrial, como atesta Grün (1992, p.19), com a produção de tapetes por brasileiros e argentinos.

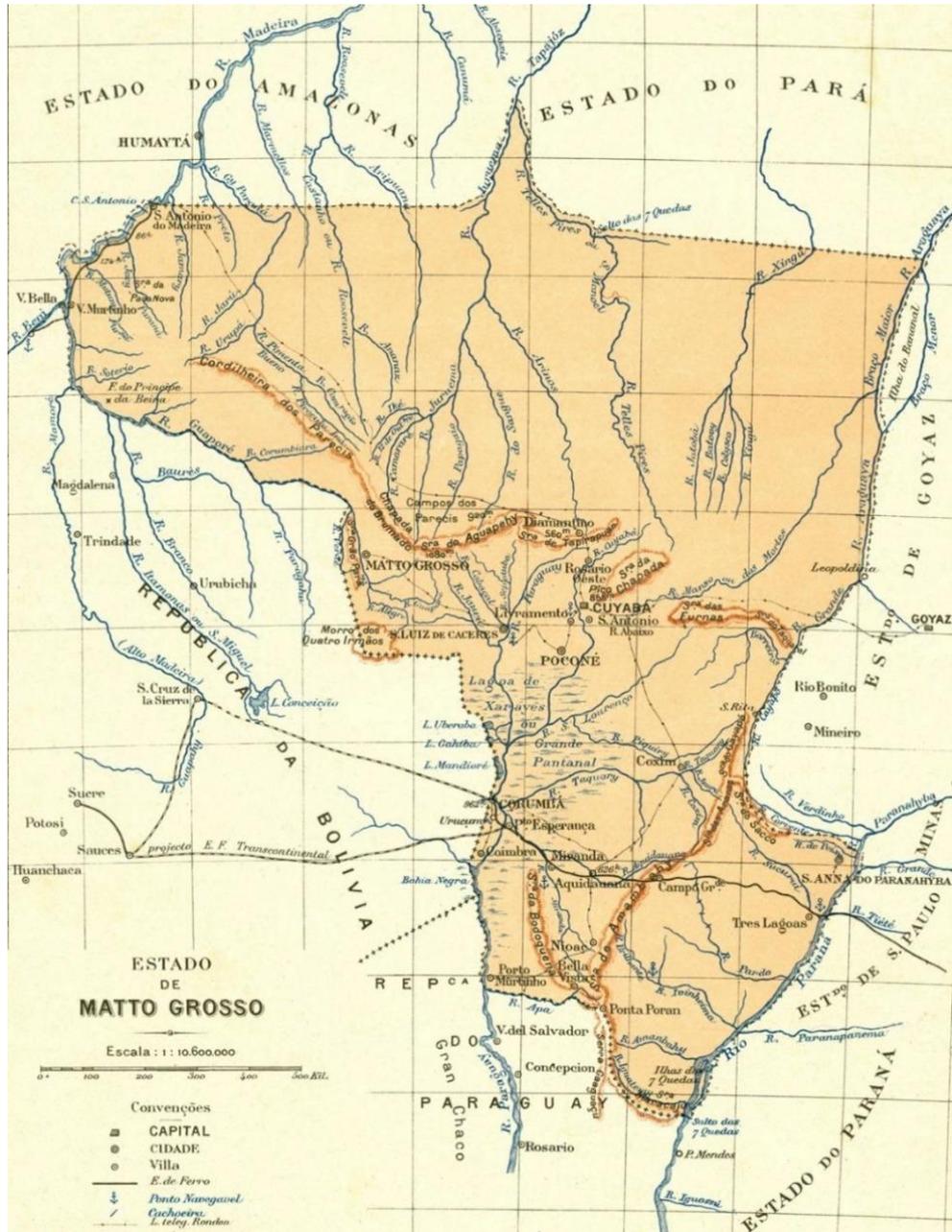
No Brasil, os imigrantes armênios fixaram-se principalmente nos estados do Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e São Paulo. No atual estado do Mato Grosso do Sul, os armênios chegaram na década de 1920. Ali se tornaram mascates no interior do estado, atingindo a região de garimpo de Corguinho e Rochedo. Encontramos famílias armênias principalmente na cidade de Campo Grande, onde participaram da formação do comércio no centro da cidade com mais de 16 estabelecimentos comerciais (FREITAS, 2014).

Sobre os armênios em Aquidauana, encontramos o registro do alfaiate Aram Missiriam, que veio, segundo Willian Missirian (informação verbal)¹¹, “fugindo da primeira guerra mundial, passou por Marselha na França, onde fez a escola de alfaiate e veio para São Paulo. Algum tempo depois, escutou que existia uma cidade de nome Aquidauana que fazia parte da Noroeste, construída por muitos japoneses na época, e para lá se dirigiu em 1930”.

O mapa da Figura 34 demonstra o tamanho do território do estado de Mato Grosso na década de 1930, sendo possível perceber na região Sul do estado, a atual delimitação do estado de Mato Grosso do Sul e as principais cidades que atraíram os imigrantes estrangeiros para a região, entre elas ao oeste, a cidade de Corumbá, que faz fronteira com Bolívia, e no centro estão Aquidauana e Campo Grande.

Figura 34 - Mapa Mato Grosso – 1923.

¹¹ Entrevista concedida por MISSIRIAN, Willian. Aquidauana – MS. Entrevista XXIV. [08.2022]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2022.



Fonte: IBGE (2015).

7.4.1 Missirian

Aram Missirian, veio de Adana, na Síria, casou-se com Elisa Missirian, de família ortodoxa. Sem estudos, aprendeu a ler e escrever sozinho. Sendo seus filhos: Manuel, George (dois) in memoriam, Wiliam, Simon e Rosemary.

Fugindo da primeira guerra mundial passou por Marselha na França, fez a escola de alfaiate e veio para São Paulo. Algum tempo depois, escutou que existia uma cidade de nome Aquidauana que fazia parte da Noroeste, construída por muitos japoneses na época, e para lá se dirigiu, abrindo a alfaiataria “Elegante” na Rua Estevão Alves Corrêa esquina com a Sete de Setembro, de 1930 a 1973, onde vendia ternos e calças, cujas mercadorias eram trazidas de

várias fábricas de São Paulo, a maioria por trem. Seus clientes eram maioria moradores de Aquidauana e redondeza, possuía vários empregados.

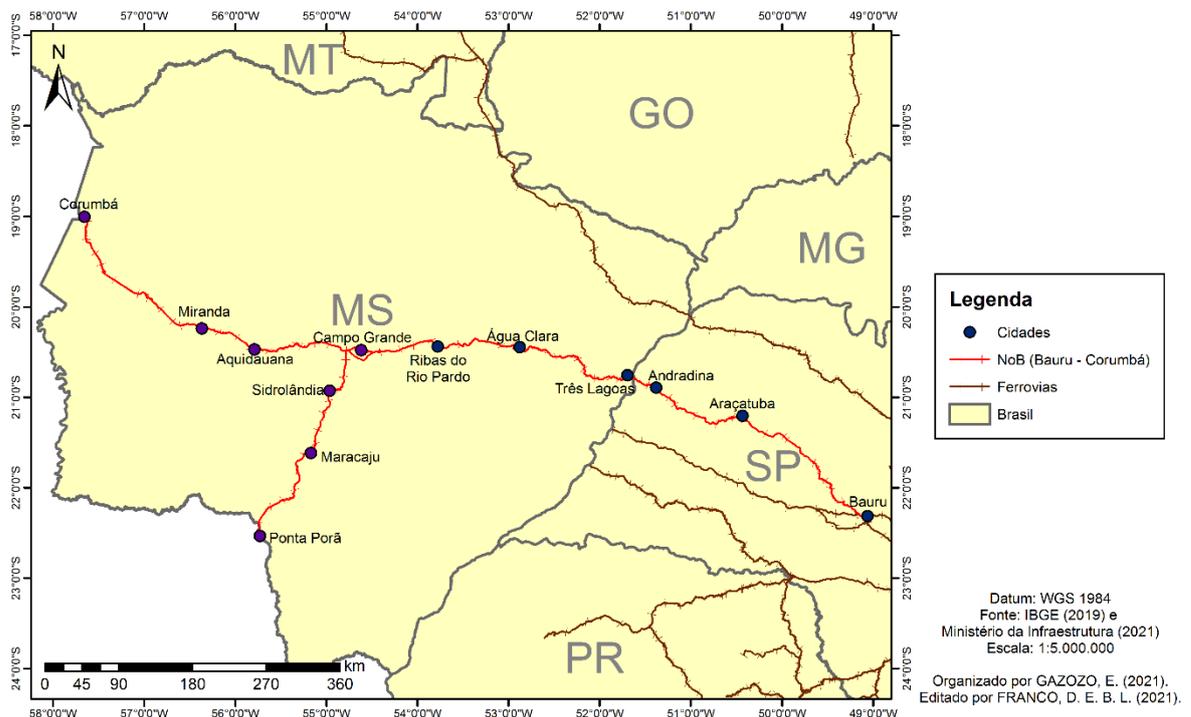
8 IMIGRANTES DIVERSOS EM AQUIDAUANA

Iniciamos este capítulo, trazendo um mapa que ilustra a rota percorrida pelos imigrantes para chegar em Aquidauana, vindos pelos trilhos da Noroeste do Brasil, que foi inaugurada em 21/12/1912, ligando a cidade de Aquidauana a Porto Esperança (Rio Paraguai) e, dois anos depois, a Campo Grande e São Paulo. Esta conexão facilitou o acesso de pessoas e permitiu a entrada de novos produtos na cidade. Assim, torna-se um núcleo urbano próspero devido à presença da pecuária, que sustentava a economia, e da estrada de ferro, que transforma o município em um centro de transações comerciais, atraindo mais imigrantes.

Na Figura 35 podemos acompanhar a nova alternativa de transporte dos imigrantes a Aquidauana, pela linha férrea da NOB Itapura-Corumbá, vindos principalmente da capital do estado de São Paulo, via cidade de Bauru-SP.

Figura 35 – Rota de acesso de imigrantes até Aquidauana – via férrea.

ROTA DE ACESSO DE IMIGRANTES ATÉ AQUIDAUANA - VIA FÉRREA



Fonte: organizado pelo autor.

8.1 Portugueses

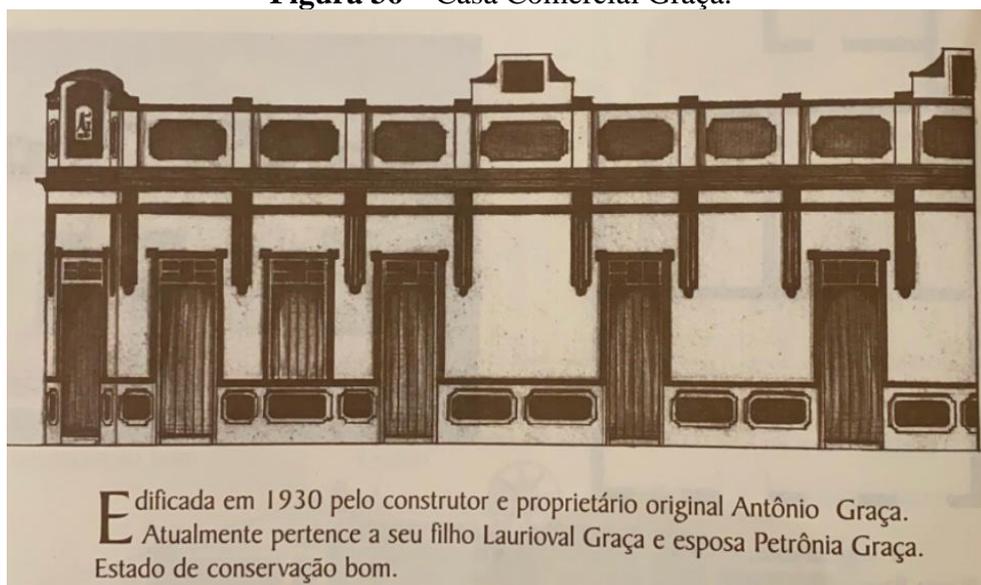
8.1.1 Graça

Sobre os Graça, a neta de Antônio Graça, Teresinha Graça Franco (informação verbal)¹², relata que Antônio Graça nasceu em Portugal e veio para o Mato Grosso, para trabalhar nas linhas de Telégrafos de Coxim e posteriormente para Aquidauana. Era casado com Maria de Oliveira Graça, natural de Santos-SP. São seus filhos: Dorival, Manuel, Antônio, Hugo, Glória, Dilza, Laurídes, André e Doramim.

Fundou em Aquidauana uma fábrica de ladrilhos, tendo trazido os moldes originais para peças diretamente de Portugal. Também montou uma padaria, onde trabalhavam seus filhos. O português Antônio Graça construiu outros prédios em Aquidauana, na década de 1930.

De acordo com Terezinha Graça Franco (informação verbal)¹³, “a Casa Comercial Graça iniciou como armazém (Figura 36). Posteriormente, funcionou como uma casa de produtos religiosos”.

Figura 36 – Casa Comercial Graça.



Fonte: MARQUES (2001, p.206).

8.1.2 Lopes

Bernardino nasceu em 1893, no Rio de Janeiro, filho de mãe portuguesa, dona Albina Rosa, da região de Trás dos Montes. Dona Albina, retorna a Portugal, quando Bernardino tinha dois anos de idade. Em 1918, Bernardino chega em Aquidauana, trabalhando na ferrovia NOB.

¹² Entrevista concedida por FRANCO, Teresinha Graça. Aquidauana – MS. Entrevista I. [04.2020]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

¹³ Entrevista concedida por FRANCO, Teresinha Graça. Aquidauana – MS. Entrevista I. [04.2020]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

Durante os intervalos do trabalho, o Sr. Bernardino Lopes vendia bebidas em um carrinho ao lado dos trilhos da ferrovia, na estação, fazendo desta forma um acréscimo em sua renda.

Fez cinco viagens à Portugal. Na última delas, em 1926, retornou casado com dona Isaura da Conceição, grávida do primeiro filho, Carlos. O comerciante Bernadino Lopes faleceu em Campo Grande, em 11/07/1977, sendo sepultado em Aquidauana. Dona Isaura, sua esposa, nasceu em 13/03/1900, em Carrazedo, Portugal. Faleceu em 29/01/1966 em Aquidauana. Tiveram seis filhos: Carlos, Alvina, Mario, José, Eduardo e Bernardino Filho (Figura 37).

Figura 37 - Família Lopes – Sentados, dona Isaura e Bernardino Lopes. Em pé, da esquerda para direita, seus filhos: José, Alvina, Carlos, Mário, Eduardo e Bernardino Filho.



Fonte: Arquivo pessoal de Claudio Barros Lopes.

Em 1926, o Sr. Bernardino Lopes funda a Casa Portuguesa, em Aquidauana, na rua Estevão Alves Corrêa. “Inicialmente funcionava ao lado do prédio atual, onde existiam três janelas altas, estas janelas no início eram as portas de acesso à loja, pois o nível da rua era mais alto do que nos dias atuais”.

Conforme depoimentos de Claudio de Barros Lopes (informação verbal)¹⁴, “sua estrutura era de portas de madeira, sem forro, um velho balcão com divisão de alimentos, com uma decoração primorosa e variedade de produtos. Possuía um grande diferencial, que era o bacalhau que ficava pendurado à vista dos fregueses e na reunião dos patrícios”. Os patrícios

¹⁴ Entrevista concedida por LOPES, Claudio de Barros. Aquidauana – MS. Entrevista XX. [07.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

citados são: Bernardo Ferreira, José Luís Quelho, Abílio dos Reis, Cipriano Gomes e muitos outros. Em 08 de dezembro de 1948 foi inaugurado o novo prédio.

O atendimento era feito num espaço menor e as divisões destes espaços ainda estão marcadas no piso de ladrilho hidráulico e o espaço existente hoje é mais amplo. Conduzida pela terceira geração da família Lopes, passou por uma reestruturação com equipamentos mais modernos, porém, sem perder as características principais, o escudo da família na fachada, bem como as cores que retratam a bandeira de Portugal: verde, vermelha e branca.

Segundo Claudio de Barros Lopes (informação verbal)¹⁵, o comércio “inicialmente vendia arroz, feijão, café, bacalhau, muito comum na época e popular, devido seu custo ser muito baixo, sardinhas salgadas, bolachas em lata e farinha de trigo”. Em 2018, o prédio foi vendido para uma rede de supermercados da cidade.

8.1.3 Quelho

José Quelho nasceu em Portugal, vindo para o Brasil com 28 anos de idade, passou pelo Rio de Janeiro, posteriormente por São Paulo e depois por Mato Grosso. Ajudou a construir a ponte sobre o Rio Paraná e posteriormente dirigiu-se para Aquidauana para trabalhar na Noroeste. Foi chefe de Linha e construiu a estrada de Ferro até à estação Guaicurus. Retornou para Aquidauana e adquiriu vários terrenos, mais do que uma quadra, próxima à Noroeste. Construiu casas de aluguel e um bar, próximo ao embarcadouro de gado da Noroeste, na Rua Assis Ribeiro. José casou-se com a portuguesa Maria da Piedade e tiveram nove filhos. Maria da Piedade faleceu aos 36 anos, vítima de uma infecção no útero. Seus descendentes atuam como médicos e empresários em Aquidauana.

8.2 Espanhóis

Os espanhóis aparecem no território onde hoje se encontra Aquidauana, com um papel tão importante quanto os portugueses na ocupação da região, zona de limites indefinidos entre a América portuguesa e a América espanhola até o início do século XIX. No território onde hoje se localiza o município de Aquidauana, confirma-se que a presença dos espanhóis, quando da fundação do povoado de Santiago de Xerez, que foi destruído pelos Bandeirantes Paulistas no século XVII (NEVES, 2007).

Apesar de os documentos sobre a imigração espanhola serem dispersos e pouco confiáveis, sabe-se que no decorrer das grandes migrações transatlânticas, os espanhóis

¹⁵ Entrevista concedida por LOPES, Claudio de Barros. Aquidauana – MS. Entrevista XX. [07.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

representaram o terceiro maior contingente de estrangeiros que escolheu o Brasil como segunda pátria, superado apenas pelos portugueses e italianos.

Em Aquidauana, Robba (1992), afirma que a partir de 1904, ocorreu a chegada de espanhóis e diversos outros imigrantes, ajudando a compor a sociedade aquidauanense. Também, nas primeiras décadas do século XX, chegaram a Campo Grande os espanhóis: Cubel, Vasques, Gomes, Sobral, Pettengil, Caminha e outros. “Na década de 1920, Francisco Cubel Pastor chegou a Campo Grande com a esposa e os filhos e fundou a Padaria Hodierna Espanhola, e os bisnetos dos imigrantes hoje atuam nos mais variados ramos das atividades sociais, políticas e comerciais da cidade” (ROBBA, 1992).

8.2.1 Artigas

Jaime Artigas de Bulta nasceu na Espanha, na cidade de Barcelona, em 06/10/1891. Faleceu em Aquidauana, em 09/10/1972, com 81 anos de idade. Filho de José Artigas Ferreira e Emília Bulta Vilhals. Quando jovem, deixou o seminário e embarcou em um navio, no qual trabalhou como cozinheiro, vindo a desembarcar no Uruguai onde passou a trabalhar para a empresa fluvial Brasil-Uruguai, que mantinha a linha Montevideu - Corumbá, com navios cargueiros e barças. De Corumbá à Assunção desembarcou finalmente em Porto Murtinho, onde conheceu a família Cortado e passou a fazer comércio com esta família que o considerava como filho.

Casou-se com Fermina Reinoso, em 1917, na fazenda Bela Oriente, município de Nioaque, Mato Grosso. Ela nascida em 15/09/1900, filha de Manoel Reinoso e Maria das Neves Reinoso. Jaime Artigas e sua esposa Fermina Reinoso tiveram os filhos: Emilia, Pércio, Adolfalino, Alcebiades, Carolina, Antonino, Benedita, Nicola, Arcênio, Nestor, Julieta e Maria (Figura 38).

Julieta Artigas nasceu na fazenda Morrinho, no dia 30/07/36, é a décima primeira filha, e foi batizada na paróquia Nossa Senhora Imaculada Conceição em Aquidauana, tendo como padrinhos Armando e Ercília Trindade. Casou-se com Plínio Mascarenhas Corrêa, sendo que dessa união nasceram três filhos: Edson Luiz, Luiz Carlos e Iara Regina, conta Julieta Artigas (informação verbal)¹⁶.

Quando o exército começou a trabalhar na estrada, Jaime Artigas fornecia cantina para o exército. Quando o exército acampou às margens do rio Miranda, ele mudou-se para lá com a sua cantina. Depois de dois anos que estava no acampamento levou sua família, sendo uma

¹⁶ Entrevista concedida por ARTIGAS, Julieta. Aquidauana – MS. Entrevista XXV. [05.2020]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

das primeiras famílias a formar o povoado, deixando na sua fazenda o senhor Marcio Alves. Mesmo tendo o seu comércio em Guia Lopes da Laguna, Jaime Artigas continuou com seu transporte, mais tarde adquiriu um “fordeco” que foi batizado com o nome de Catarina, dando início a sua frota de caminhão, trabalhando na linha hoje conhecida pela BR 419. No ano de 1942, deixou a cidade de Guia Lopes da Laguna e mudou-se para a cidade de Aquidauana com sua família, dando continuidade com seu transporte e criando o transporte de passageiros em jardineira mista, que já contava com o trabalho de alguns dos filhos e do genro Tom.

Figura 38 – Jaime Artigas, sua esposa e seus doze filhos.



Jaime Artigas, sua esposa e seus doze filhos
Fonte: Arquivo pessoal de Julieta Artigas.

8.2.2 Freixes

José Maria Martinez Freixes, conhecido em Aquidauana com “Zé Maria”, nasceu em Barcelona, na Espanha, e chegou ao Brasil com 28 anos de idade. Fundou em Aquidauana a Casa dos Bons Serviços, comércio de materiais de construção. O empresário é pai do ex-prefeito de Aquidauana e empresário de comunicação Raul Freixes. Zé Maria faleceu em 05/08/2019, com 90 anos de idade, em Aquidauana.

8.3 Gregos, Japoneses, Suecos e Russos.

8.3.1 Gregos

A primeira fase da imigração grega ocorreu durante o período do Império no Brasil com a vinda de algumas famílias no âmbito do projeto de desenvolvimento de D. Pedro II. Trata-se principalmente da família Calógeras, que veio em 1841 de Corfu, sendo o chefe desta família, João Batista Calógeras, diretor da Secretaria de Estado dos Negócios do Império e 1º Oficial do Gabinete no Ministério dos Negócios Estrangeiros. O neto de João Batista Calógeras foi o membro mais importante. João Pandiá Calógeras (1870-1934) ocupou o cargo de Ministro da Agricultura, Comércio e Indústria, como também o de Ministro da Fazenda no Governo Venceslau Brás (1914-1918), e foi o único civil a ser Ministro da Guerra, no Governo de Epitácio Pessoa (1919-1922).

João Pandiá Calógeras marca um dos nomes dos descendentes de gregos em Aquidauana, no período em que exerceu o cargo de ministro da Guerra, no governo Epitácio Pessoa (1919-1922), e realizou um amplo programa de quartéis. Neste período, o governo brasileiro buscava uma nova sede da 9ª Região Militar, colocando Aquidauana e Campo Grande na disputa do impulso econômico que os militares trariam para a região (ARRUDA, 2019). Desta forma, visando influenciar na decisão de Calógeras, as duas cidades homenageiam o ministro, batizando uma de suas principais ruas com seu nome. Em Aquidauana, a rua do Telégrafo, que ligava a linha telegráfica, vindo da Fazenda Rio Negro, de propriedade de Cyríaco da Costa Rondon, teve seu nome alterado para rua Pandiá Calógeras, para conquistar a simpatia do ministro.

Em 1880, chega ao Amazonas, oriundo de Atenas e via Damasco, o imigrante David Tadros, que fundou sua empresa em 1888 naquela região, ocupando-se do comércio da borracha, navegação, importação e exportação. A firma, renovada e expandida, continuou até os dias de hoje nas mãos da família Tadros. Outra família que chegou no século XIX foi a família Leonardos, família de industriais, membros da qual serviram por longos anos como Cônsules Gerais Honorários da Grécia. Em 1883, chega também ao sul do Brasil, proveniente da ilha de Castelorizo, o Capitão Savas Nicolau Savas, fundador da Colônia Grega de Santa Catarina, seguido por outras famílias da mesma ilha que se instalam na capital daquele estado.

A segunda fase da imigração grega ocorre entre 1914 a 1940 e algumas famílias chegam ao Brasil, como a família Diakópoulos, oriunda de Esmirna, e que se instala em Mato Grosso, dedicando-se ao comércio de madeira (dormentes) e depois em São Paulo, no comércio de importação/exportação. Outra família é a de Zarvos que veio da ilha de Rodas e instalou-se em

Lins (SP), constituindo grande fortuna trabalhando com o algodão. Sua fortuna naquela época chegava a 400 milhões de dólares americanos.

A terceira fase acontece depois da II Guerra Mundial, no período de 1951 a 1960, quando se registrou o maior fluxo de gregos em direção ao Brasil. Num total de 10.086, eles chegavam em navios, sob os auspícios do Comitê Internacional das Migrações Europeias. De acordo com dados oficiais, de 1893 a 1979, desembarcaram oficialmente no Brasil 17.018 gregos. Neste período, destacou-se na política Jorge Lacerda, que ocupou o cargo de Deputado Federal (1950-1955) e Governador de Santa Catarina (1955-58). Hoje, o número de gregos no Brasil é muito reduzido. No Sul do país, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, vivem cerca de 1.700 gregos e seus descendentes. Calcula-se que a maior parte dos gregos e descendentes vivem em São Paulo, dedicando-se ao comércio e às profissões liberais.

Aquidauana aparece como destino dos imigrantes gregos, conforme registro de Robba (1992), onde descreve que:

A colônia grega está representada por alguns elementos dos melhores que a cidade possuía tais como: Triandafilos Triandafilidis, Demétrio Diacópulus, André Diacópulus, Sava Jorge e Angelo Saravano. Deixaram numerosa e honrada descendência e eram figuras exponenciais no comércio local (ROBBA, 2012, p.127).

O diário de Sophia Mascarenhas Diacópulus Rondon (1919-1971), constituiu-se também como importante fonte de referências sobre a presença da comunidade grega em Aquidauana. Esse documento, elaborado pela filha do imigrante grego André Diacópulus, narra o cotidiano e o histórico das famílias que habitavam em Aquidauana oriundas da Grécia. A existência dessas anotações era desconhecida da família e foi encontrada por Beatriz Rondon em 2021. Beatriz Rondon relata a partir do diário de sua mãe, Sophia Rondon, que André Diacópulos veio para Aquidauana pela NOB. Em 1913 ou 1914, a família veio por Buenos Aires, Paraguai e Corumbá. Fugiram da Grécia durante a invasão dos turcos, em Ismirna. Estabeleceu-se no comércio, sendo bem sucedido (informação verbal)¹⁷.

Diante deste contexto, registramos em Aquidauana a família Diacópulus e as demais famílias de gregos, conforme apontou Robba (2012).

8.3.1.1 Diacópulos

Os Diacópulos são os primeiros gregos em Aquidauana, encontrados neste trabalho. André Diacópulos, filho de Jorge Policronis veio para Aquidauana pela NOB, em 1914. A

¹⁷ Entrevista concedida por RONDON, Beatriz. Aquidauana – MS. Entrevista VIII. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

família veio por Buenos Aires, passando pelo Paraguai e Corumbá. Fugiram da Grécia durante a invasão dos turcos em Ismirna. Estabeleceram-se no comércio sendo bem-sucedidos. Trazendo mais tarde a família. André trouxe Helena Diacópulos casada com Filaretus. Trouxe também, Jorge Policronis. O Irmão Teocaris e sua mulher Sophia. Tiveram a filha Zoe. Irmã da avó falecida do Jorge Policronis, por nome Ângela. Tinha 3 filhos: Afeodite, Phedra e Nicolau que foram para o Paraná. Veio também um primo de André, Miguel Condos, tendo este fixado em Corumbá, fundador e dono do hotel Venizelus.

Veio também Despina (Pepina) casada com Felipe. Antes do Felipe morrer teve duas filhas: Kety e Alike. Em seguida divorcia-se de Felipe e casou-se com Panus Kostakis e teve com estes dois filhos: Zoi e Constantino. André conheceu Ermillia Mascarenhas, em Aquidauana. Casou-se, e tiveram oito filhos: Osvaldo nasceu em 1917, Sophia em 1918, Roberto em 1919, André em 1920, Jorge em 1921, Miguel em 1922, Helena em 1923 e Mary em 1924.

André era representante da Ford, sendo que os carros chegavam em caixas de madeira. Era também representante da Texaco e tinha uma bomba na esquina da calçada, manual, vermelha. Também possuía uma grande oficina mecânica chefiada por um russo Victor Morozoff.

Na época do casamento, era dono de um boteco com sacos de mantimentos, pinga e vinho. Fez fortuna em Aquidauana. André foi o primeiro proprietário dos carros Ford com uma alavanca na direção que se chamava faísca Panus (Model T). Trouxe uma irmã solteira que se chamava Atina. Helena também trouxe uma irmã solteira por nome Constança, que, por sua vez, casou-se com Demetrio Gregório, em Campo Grande. O casal teve dois filhos: Gregório e Miguel. Foram criados por Helena e Filaretos (passando a usar o nome Diacópulos). Demetrio foi se estabelecer em São Paulo onde montou uma firma de importação de produtos gregos: vinhos, azeitonas, frutas secas, frescas e caixotes forrados com serragem de cortiça para preservação. As frutas eram enormes e poucas se estragavam. Vinham também caramelos portugueses embrulhados em papel branco, com retrato de Camões, conta Beatriz Rondon (informação verbal)¹⁸.

Em Aquidauana, os irmãos Diacópulos, André e Miguel, emprestaram o nome a uma rua atrás do prédio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Unidade I, com o nome “Irmãos Diacópulos”.

¹⁸ Entrevista concedida por RONDON, Beatriz. Aquidauana – MS. Entrevista VIII. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

8.3.1.2 Nikolau Kavankopos

Também encontramos outra referência do sobrenome do Sr. Nikolau Kavankopos, como sendo Nicolau Salvacopoles. A referência é a construção da edificação comercial “Casa Bom Gosto”, erigida aproximadamente em 1920 pelo imigrante grego Nikolau Kavankopos para uso residencial e comercial (MARQUES, 2001, p. 194).

8.3.1.3 Vassilios Christos Karavassilakis

Vassílios Christos Karavassilakis, nascido em Agrínion, Grécia, em dezembro de 1929, era de religião ortodoxa e filho de Garifalia e Christos Karavassilis. Em princípio, o Governo Getúlio Vargas abre um precedente para que os estrangeiros viessem ao país trabalhar, pois o Brasil crescia e precisava de mão de obra. Tendo se instalado uma crise na Europa, vinham já com emprego garantido, a maioria vinha de navio. Vassilios embarcou no navio Provence, em 1954, na Grécia, ano de sua chegada ao Brasil.

Através de uma remessa de camisas de uma loja da Rua 25 de Março, em São Paulo, para outra em Aquidauana, levou cerca de 4.000 caixas de camisas sob encomenda, transportadas por trem. Porém, por engano, o pedido estava anotado errado (pois eram só amostras) teve que se virar e vender todas as camisas. Essa venda se dá através das feiras livres, nas aldeias e cidades vizinhas, para poderem, ele e o sócio, que era um armeniano, retornarem a São Paulo. Depois de algum tempo, ele, o grego Vassilios (Figura 39), resolveu fixar-se em Aquidauana, trabalhando como camelô. Casou-se com Olga Rodrigues Karavassilakis, tendo dois filhos: Helena Karavassilakis e Constantino Karavassilakis. Por neta teve Camila Karavassilakis. Faleceu em 27/01/1999.

Figura 39 – Vassílios Christos Karavassilakis (s.d.).



Fonte: Acervo pessoal de Helena Karavassilakiz.

Em 1960, fundou a Lojas Barateiras, depois Casa dos Calçados, na rua Estevão Alves Corrêa, 475. O comércio, a princípio vendia artigos masculinos, femininos e infantis como vestuários, chapéus e variedades. Depois com a Casa dos Calçados, o comércio passou a ser somente para venda de calçados e artigos esportivos e parou de funcionar em 2004.

No início, havia duas Lojas Barateiras, onde sua esposa cuidava de uma. Em 1964, faz sociedade com o irmão Dimitrios Karavassilis, que chegara da Grécia, com o mesmo intuito, para trabalhar no Brasil, devido às péssimas condições instaladas na Grécia naquele momento.

8.3.1.4 Dimitrios Kritos Karavasilis

Dimitrios Kristos Karavasalis (Figura 40), nasceu em 19/08/1935, na cidade de Agrinho, na Grécia, filho de Kristos Karavasilis e Garifaliar Karvasilis. Morou até os 20 anos de idade em sua cidade natal, indo para Atenas, onde trabalhou no comércio em uma empresa de importação e exportação de tecidos. Durante as horas vagas, trabalhava também em um cinema. Posteriormente, serviu as forças armadas da Grécia como militar.

Aos 23 anos, após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil manteve um acordo para receber imigrantes, vindo desta forma para o Brasil a convite do irmão que já estava em Aquidauana. Eles mantinham contato através de cartas, onde dizia que “no Brasil estava bom para ganhar dinheiro e influenciar a economia”. Karavasilis falava para seus familiares: “eu vou lá para o Brasil, se não for bom eu volto para a Grécia”.

Figura 40 – Dimitrios Kristos Karavasalis (s.d.).



Fonte: Acervo pessoal de Helena Karavassilakiz.

Veio para o Brasil a bordo do navio Frederico C, saindo de Atenas, levando doze dias para chegar ao Brasil. Fazendo o trajeto Atenas, Roma, Gênova, Espanha e, por fim, no porto de Santos, no Brasil, foi recebido por seu irmão, que saiu exclusivamente de Aquidauana para recebê-lo.

De Santos saíram para São Paulo onde ficaram dois dias, saindo da Estação da Luz, via férrea com destino a Aquidauana.

Em Aquidauana, seu irmão já possuía uma “lojinha” chamada “Casa Barateira” que vendia armarinhos, onde comercializava meias, botões etc., local onde o Sr. Dimitrius ia todos os dias para aprender português, vez que seu irmão já dominava o idioma.

Os dois irmãos moraram inicialmente numa casa de aluguel na mesma área da Casa Portuguesa, atual supermercado Santa Clara, na rua Estevão Alves Corrêa.

Depois de alguns anos, fundaram um novo comércio chamado “Casa dos Calçados”, que foi a primeira loja de calçados de Aquidauana, segundo depoimento do Sr. Dimitrius. O prédio localizava-se onde hoje funciona a loja “Cacau Show”, na rua Estevão Alves Corrêa em frente ao antigo Cine Glória. Seus clientes eram a sociedade local, fazendeiros e também moradores das cidades vizinhas como Miranda e Nioaque, que compravam por atacado para revenda.

Segundo Dimitrius Karavasilis (informação verbal)¹⁹, quando abriram a “Casa dos Calçados”, não possuíam capital. O capital inicial foi adquirido através de uma nota promissória pelo Banco do Brasil, sendo seu avalista o Sr. Tico Ribeiro, que neste período, ainda não era prefeito, “foi uma espécie de ajuda para um amigo”.

Com o dinheiro inicial, os irmãos foram para São Paulo, onde fizeram uma compra inicial de calçados, com uma entrada em dinheiro e o restante a prazo. “O Banco descontava as letras”. Depois de um ano, a venda de calçados rendeu capital para o pagamento das promissórias, passando a comprar com recursos próprios. Com o sucesso do empreendimento, os irmãos Karavasilis, cogitaram a possibilidade de abrir outra loja de calçados em Campo Grande, porém surge a oferta da compra de uma fazenda, localizada na antiga Margem Esquerda, atual município de Anastácio, saída para o município de Nioaque. A terra medindo 600 hectares era de propriedade do Sr. Antônio Corrêa, que vendeu a fazenda para a empresa Casa dos Calçados dos irmãos gregos. Posteriormente, a sociedade da Casa dos Calçados é desfeita, ficando o Sr. Dimitrios com a fazenda, em Anastácio, e o irmão com a Casa do Calçados e outras propriedades no município de Aquidauana. Seu irmão veio a falecer em 1990, deixando o comércio para o filho. Dimitrius desenvolveu o trabalho de compra e venda de imóveis na região de Aquidauana. No momento da entrevista encontrava-se com 86 anos, lúcido e com uma memória admirável.

8.3.1.5 Theodoro Bistolarídes

O Sr. Teodoro aparece na história de imigrantes em Aquidauana, onde encontramos seu filho, o sr. Paulo de Oliveira Bistolarídes, morador no município. No momento da entrevista fomos recebidos por seu primo, Sr. Jair Ferreira da Silva. Conforme Jair da Silva (julho de 2021), “Theodoro Bistolarídes veio da Grécia em busca de novas oportunidades, instalando-se em Aquidauana”.

Teodoro Bistolarides, nasceu na Grécia, filho de Panajoti Bistolarides e Anajota Bistolarídes. Casou-se em Aquidauana com Julia Oliveira Bistolarides, onde trabalhou numa olaria de propriedade do português Antônio Nogueira. A empresa localizava-se na rua Teodoro Rondon, quase esquina com a Manoel Antônio Paes de Barros.

¹⁹ Entrevista concedida por KARAVASILIS, Dimitrius. Aquidauana – MS. Entrevista XXIII. [08.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

8.3.2 Japoneses

Na primeira leva de japoneses a bordo do *Kasato Maru*, das 781 pessoas, 325 eram de origem okinawana. Os primeiros japoneses no Mato Grosso (a divisão entre Mato Grosso e Mato Grosso do Sul só ocorreu em 1977) começaram a chegar na região justamente com a construção da estrada de ferro, a partir de 1910. Campo Grande foi um dos importantes núcleos de imigrantes de Okinawa, que chegaram à região atraídos pelos bons pagamentos. A diária média dos trabalhadores não passava de 3 mil réis, mas, como operários da estrada de ferro, poderiam ganhar até 5 mil réis. Foi por conta disso que 75 imigrantes aceitaram trabalhar no assentamento dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, no então estado do Mato Grosso (NIPPO, 2020).

Em Santos-SP, tomaram um navio cargueiro da companhia que rumou ao Sul do Brasil e, pelo Rio Paraguai, chegaram ao destino, Porto Esperança, Mato Grosso, 26 dias depois. Isso foi em 1909. Outros japoneses vindos da Argentina e do Peru também se juntaram ao grupo. As obras ferroviárias ficaram prontas em 1915. E foi a partir disso que a estação Campo Grande passou a se destacar, principalmente porque os operários acabaram se fixando na região. Mas o primeiro morador japonês fixo em Campo Grande, hoje capital do estado de Mato Grosso do Sul, foi Kosho Yamaki, que chegou à cidade em maio de 1914 (ele veio do Peru). Ele adquiriu, na época, uma pequena chácara que pertencia a Koshiro Ishibashi, que nunca se fixou na cidade (NIPPO, 2020).

Distantes 5 a 8 quilômetros, os japoneses descobriram a fertilidade da Mata do Segredo e, a partir de 1917, sete famílias iniciaram o núcleo pioneiro da Colônia Segredo. Novos núcleos de colonizadores (a maioria de okinawanos) começaram a surgir, principalmente após a instalação do quartel militar em Campo Grande, entre 1920 e 1922 (ACENBA, s.d.).

O aumento da população (incluindo os soldados) demandou o surgimento de pequenos agricultores em torno da cidade.

Em toda a história da imigração japonesa em Campo Grande, foram criados 23 núcleos. A primeira foi Chacrinha, fundada em 1914. As seguintes foram Mata do Segredo (1917), Bandeira (1918), Imbirussú (1920), Mata do Prosa (1924), Cascudo (1925), Mata do Ceroula (1926), Rincão (1927), Buracão (1929), Lagoinha (1939), Salobra (1939), Córrego da Anta, Patelinho, Rochedinho (1940), Indubrasil, Sidrolândia (1941), Bonfim (1942), Rio Negro (1953), Quebra Coco (1955), Yamato (1956), Várzea Alegre (1959), Dois Irmãos (1959) e Três Barras (1960) (ACENBA, s.d.).

Outro polo importante da imigração japonesa no então Mato Grosso foi a cidade de Dourados. Lá, os japoneses chegaram em 1935. Em 1946 vieram do estado de São Paulo Mineji

Saito, Jooji Eguti, Benkiti Kakuda e Hidekiti Dokko. Na época em que estava sendo implantada a Colônia Agrícola de Dourados, projeto fundiário para assentar 10 mil famílias nordestinas em lotes de 30 hectares, Yassutaro Matsubara, que residia na cidade de Marília, conseguiu junto ao presidente Getúlio Vargas a destinação de 1 mil lotes para os japoneses (ACENBA, s.d.).

As primeiras atividades realizadas pelos japoneses na região foram culturas de arroz, feijão, milho e mandioca e culturas de subsistência. Por conta da colonização, surgiram também em Dourados alguns núcleos coloniais: Laranja Lima, Kyoei e Matsubara. No atual Mato Grosso, os japoneses chegaram na década de 1950, na antiga Gleba Rio-Ferro, em Feliz Natal. Os japoneses, levados à região também por Yassutaro Matsubara, foram atraídos pela oportunidade de cultivo da borracha.

Devido às dificuldades encontradas na construção da ferrovia, como doenças e ataques indígenas, muitos imigrantes japoneses desistiram do trabalho e se concentraram em cidades como Campo Grande e Três Lagoas, onde se dedicaram à produção de hortifrutigranjeiros, bicho da seda e ao setor de serviços. Seu sucesso trouxe outros imigrantes japoneses para a região.

A cidade de Aquidauana possui influências de diferentes povos, entre eles, a comunidade japonesa, sendo que esta possui uma associação que a representa e promove, eventualmente, reuniões, não só para os descendentes como também para toda a sociedade aquidauanense (Figura 41). Segundo o professor e teatrólogo Paulo Correa de Oliveira, "os japoneses preferiam a mesa do pantaneiro mais colorida" com muitas verduras e legumes conseguiram mudar os hábitos da culinária local.

Figura 41 - Integrantes da ACENBA em Aquidauana.



Fonte: ACENBA. Sentados da esquerda para a direita: José Giro Higashi, Sr. Arima, Akira Ogura (primeiro presidente da ACENBA), Sr. Carlos Sgui, Sra Amélia Sugui, professora Sônia Oshiro.

8.3.2.1 Arima

A família Arima tem registro em Aquidauana através do filho de imigrante japonês, José Iasan Arima, proprietário da empresa Foto Arima, que prestava serviços de fotografia e venda de material fotográfico, localizada na Rua Marechal Mallet, 560.

A Casa Arima (Figura 42) vendia em seu comércio utilidades domésticas, localizada na Rua Marechal Mallet, 454. Seu fundador foi Wilson Arima, católico, filho de Mario Arima e Amelia Marino Arima. Encontram-se muitos descendentes dos imigrantes japoneses da família Arima em Aquidauana, entretanto, não encontramos acesso para mais informações sobre esta pesquisa.

Figura 42 - Casa Arima



Fonte: Jornal o Pantaneiro, 1965, arquivo particular do autor.

8.3.2.2 Arimura

Ao chegar ao Brasil, o Sr. Sakae (1893 1969), procedente de Kagoshima, foi morar com sua irmã em São Paulo, onde ganhava a vida como marmiteiro. Existem relatos de seus descendentes que, naquela época, o Sr. Sakae e sua irmã não podiam andar na calçada. A discriminação era tanta, que os imigrantes japoneses deveriam caminhar na própria rua. Após problemas com seu cunhado que bebia muito, o Sr. Sakae resolveu mudar de rumo, partindo para outros países da América do Sul como a Argentina e o Uruguai.

Com a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB, ele resolveu instalar-se em Aquidauana. Trabalhando na Estrada de Ferro, chegou a se acidentar na construção da ponte Salobra sobre o Rio Miranda. Depois, trabalhou em fazenda como carpinteiro e marceneiro. Segundo seus ensinamentos, dizia que o imigrante japonês tinha que trabalhar por dois brasileiros para não ser substituído. Com muito trabalho e parcimônia, ele conseguiu comprar terras na região chamada de Campina.

Nesse período ele se casou com a Sra. Tuto Nakamura, e teve oito filhos: Sidue, Maru, Massa, Magui, Satolo, Eike, Amaro e Sunako. No sítio cultivavam cana-de-açúcar, mandioca, verduras e arroz. Na época da 2ª Guerra Mundial, a sua produção de açúcar chegou a abastecer a população da capital, de Terenos e Corumbá. Produziam também aguardente de boa qualidade que era comercializada em Aquidauana, Corumbá e Miranda. O Sr. Sakae foi um visionário, na época em que a cidade Aquidauana crescia, ele comprou imóveis que mais tarde teriam uma boa valorização. Seus descendentes se orgulham da trajetória admirável marcada pelo intenso trabalho, o qual foi obstinação do casal Arimura.

O legado cultural que entrou para as gerações posteriores numa riqueza reconhecida pelos seus descendentes. Todos os filhos faziam uso da língua japonesa para se comunicarem com o casal. Segundo o neto Márcio, na época das dificuldades, o casal tinha muita vontade de retornar ao Japão, porém, posteriormente, com a família reunida e com o patrimônio diminuindo, a ideia de retornar ficava distante, fortalecendo seus laços com o Brasil. Nos últimos anos de vida, contrariado em mudar para outra cidade, pois como bom produtor gostava mesmo era de ficar no sítio, o Sr. Sakae, cuja saúde apresentava debilitada, teve que se mudar para Dourados onde ficou sob os cuidados da filha Somako. Faleceu em 1969, aos 86 anos. Seus descendentes constituem-se de 8 filhos, 25 netos, 30 bisnetos e 10 trinetos.

8.3.2.3 Chinen

Após a morte dos pais, o Sr. Goro Chinen (1891-1967), nascido em Itarashiki, Yonabaru, Okinawa, decidiu tentar uma vida do outro lado do mundo. Logo após o seu desembarque, enfrentou os cafezais, depois de um contrato de 6 meses, logo após a conclusão, trabalhou em um depósito de lenha em São Paulo e até em uma pedreira em Santos. Por causa de um surto de malária ocorrido no Brasil, em agosto de 1909, ele foi para a Argentina, onde foi trabalhar em uma serraria por três anos. Quando soube da oportunidade para trabalhar na construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil - NOB, Goro Chinen retornou ao país, pelo Porto Esperança, em 1911. Trabalhou na derrubada de matas, na abertura de picadas para assentamento dos dormentes e no nivelamento dos trilhos. O Sr. Goro, pelas suas qualidades, iniciou também, como peão de obra e chegou ao posto de mestre de linha.

Em 1921, já casado com a Sra. Kame, mudou-se para Aquidauana e passou dedicar-se ao comércio de secos e molhados até 1925, período em que deixou essa atividade para atuar como barbeiro. O Sr. Goro assumiu várias posições de destaque entre a colônia japonesa, como presidente da Associação Japonesa de Aquidauana e membro do Conselho Recreativo do Clube Noroeste, bem como representante da Colônia Japonesa de Aquidauana. Nas comemorações do

Cinquentenário da primeira imigração japonesa no Brasil (Figura 43), o Sr. Goro foi homenageado pela Câmara Municipal, dando seu nome a uma das ruas do município de Aquidauana. Ele faleceu em 1967, aos 76 anos de idade e seus descendentes totalizam 05 filhos, 26 netos e 1 trineto.

Figura 42 - Reunião em comemoração ao cinquentenário da imigração japonesa no Brasil – “Lembrança do Cinquentenário da Imigração Japonesa 18-6-1958”. Frase transcrita da imagem abaixo.



Fonte: ACENBA s/d.

8.3.2.4 Isechi (Denity Icety)

O Sr. Rinichi Isechi (1887-1974) e a Sra. Chie Hirayama (Tie Hirayama) (1891-1971), ambos registrados no Brasil, respectivamente como Denity Igety e Tie Hirayama, proveniente de Kagoshima, Japão, desembarcaram em solo brasileiro em busca de esperança e sucesso para suas vidas. Segundo a certidão de desembarque do Sr. Rinichi, inicialmente ele foi trabalhar na Fazenda de Martinho Prado, em Ribeirão Preto, na colheita de café. Com esperança de vida melhor, ele seguiu para Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, a fim de trabalhar na NOB. Já, a Sra. Chie seguiu outros rumos, de Santos foi para a Argentina que, depois de passar pelo Porto de Corumbá se instalou em Aquidauana. Depois dessas aventuras pelas diversas regiões do Brasil e da América do Sul, o Sr. Rinichi e a Sra. Chie concluíram que não era somente a viagem no Kasato Maru que eles tinham em comum, mas também uma afinidade que os uniu por mais de quarenta anos. Eles se conheceram e se instalaram em Aquidauana. A união foi tão bonita que o Sr. Rinichi registrou os quatro filhos da Sra. Chie: Takumi, Fuyu, Tokyou e Emy, como seus próprios filhos, todos nascidos na Argentina, como posteriormente, já em Aquidauana, o

casal teve mais três filhos: Akira, Fumi e Hiroko. Na década de 1940, o Sr. Rinichi começou a explorar uma mercearia que foi tocada pelo seu filho Akira até 1983. Os seus filhos exerceram atividades ligadas à lavoura e ao comércio. Todos se instalaram em Aquidauana, exceto um deles que foi para Bauru-SP. Todos estudaram até o primário e sempre falavam em inglês com os pais. Segundo a filha Hiroko, a Sra. Chie, além de falar muito bem o português, adorava o Brasil. A família Isechi sempre deu tudo de si com esperança de um dia poder retomar à sua terra natal, embora já apresentasse traços de aculturação definitiva, como a de educar os filhos a serem acadêmicos brasileiros. O Sr. Rinichi faleceu com 80 anos (1971) e a Sra. Chie com 84 anos (1974), em Aquidauana. A família Isechi conta com 7 filhos, 26 netos e muitos bisnetos. As gerações posteriores já tiveram mais condições para estudo e trabalho. Alguns netos retornaram ao Japão, sonho dos patriarcas Isechi, e outros concluíram a faculdade e trabalham nas suas áreas de formação.

8.3.2.5 Oshiro

Deixando a sua esposa Uto Oshiro e seus quatro filhos no Japão, o Sr. Ryoso Oshiro (1882-1964) decidiu embarcar para o Brasil em busca de realizações. Proveniente de Tomigusuku, Okinawa, ele inicia sua história em Aquidauana, por meio do trabalho na construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil - NOB, no trecho que ligava Jaraguá a Corumbá. Há relatos de amigos da família Oshiro de que o Sr. Ryoso era famoso por conseguir carregar sozinho uma dormente sobre seus ombros. Ajudou ainda a construir uma caixa d'água que até hoje abastece uma parte da população da cidade. Recebeu nas comemorações do cinquentenário da imigração japonesa o título de Cidadão Aquidauanense.

Depois de anos de luta, sacrifício e economia, ele adquiriu uma propriedade e nela construiu uma casa de palha, chamando a sua família que ficara no Japão. Vieram sua esposa, Sra Uto, e apenas dois dos quatro filhos: Seiko, já com 12 anos, e Sadako. Os outros dois filhos faleceram nesse ínterim. Sadako no entanto viera a falecer ainda jovem quando foi submetida a uma cirurgia de apendicite, em São Paulo. Segundo a neta Rosa Shizuko, “a perda de filhos fez com que o Sr. Ryoso se tornasse uma pessoa muito amável e calma”. Em sua propriedade, atual chácara da família, cultivavam verduras e hortaliças constituindo sua principal fonte de renda. O Sr. Seiko, único filho do casal, adquiriu uma educação bastante rígida, e pelo fato de já ter vindo moço para o Brasil, ele conseguiu manter muitos costumes okinawanos e repassar aos seus descendentes que até hoje seguem as tradições japonesas.

O filho Seiko, além de trabalhar na chácara, para ajudar a família também vendia água em sua carroça para abastecer a cidade. Um dos lazeres dele era domar burros e cavalos para

alguns fazendeiros, que nada lhe ofereciam em troca. Ele se casou com a Sra Carmem Hokama, também descendente de imigrantes do navio Kasato Maru. Eles tiveram 10 filhos: Helena, Elza, Luiza, Luiz, Rosa, Roberto, Jorge, Arlindo, Seiko e Carmem. Assim como seu patriarca, o Sr. Seiko também formalizou o título de cidadão Aquidauanense em 1997. Hoje, a família do Sr. Ryoso conta com 7 filhos, 8 bisnetos, 3 trinets e 1 tetraneto.

8.3.2.6 Tamashiro

Fukuzem Tamarahiro, casado com Ussi Tamashiro, ambos nascidos em Okinawa, no Japão. tiveram seis filhos, sendo eles: Tereza que casou com Geraldo Arakaki, Carmina, que é nascida no Japão, casou com Hipolito Quelho. Kamaru, Massaki, Fukuzin, nascido no Japão, e Fukushi. Vieram para Aquidauana pelo trem da NOB, fundou uma fábrica de aguardente na chácara Campina na região do Morrinho, em Aquidauana. Fundou também o Armazém Tamashiro, localizado na rua Assis Ribeiro. Posteriormente, o Armazém teve por último proprietário o Sr. Jorge Tamashiro, localizado na rua Estevão Alves Corrêa.

8.3.3 Suecos

8.3.3.1 Anderson

Augusto Ekberg Anderson, nasceu na Suécia e veio para o Brasil para realizar entre outras atividades um levantamento topográfico, visando a construção de uma linha férrea, ligando Miranda a Porto Murtinho. Assim como os demais imigrantes da formação inicial de Aquidauana, chegou por via fluvial. Comprou as terras pertencentes na época à fazenda Pulador, hoje atual município de Anastácio, onde criava e vendia gado. Montou a primeira serraria movida a vapor na margem esquerda. Sendo também ceramista, produziu telhas para a cobertura principalmente das residências localizadas na Colônia Pulador, no município de Anastácio (VALERIO, 2002).

8.3.4 Russo

8.3.4.1 Morozoff

Assim como Augusto Ekberg Anderson é o único representante da Suécia, encontramos o nome de Victor Morozoff como um russo morando em Aquidauana provavelmente em 1930. Alguns de seus descendentes são moradores em Aquidauana, conforme relatos dos

entrevistados. Sobre os russos, Beatriz Rondon (informação verbal)²⁰ disse que o russo Victor Marozoff chefiava uma oficina mecânica na cidade.

8.4 Alemães, Franceses e Paraguaios

8.4.1 Alemães

Sobre a imigração Alemã, Santana (2010) cita três grandes períodos que marcaram a vinda de alemães para o Brasil. Aborda o primeiro como tendo sua chegada por volta do ano de 1824, em que se constituíam as famílias por agricultores e camponeses. O segundo se dá pela vinda de militares liberais e representantes da intelectualidade de estados alemães, diante do fracasso das revoluções de 1848 e 1849, já o terceiro é retratado pela vinda de artesãos e operários que saíram da Europa em decorrência das crises do começo do século XX.

O Álbum Graphico de Matto-Grosso destaca em suas páginas de propaganda as principais casas comerciais de importação e exportação instaladas em Cáceres, Nioaque, Corumbá, Aquidauana e Cuiabá, pertencentes a estrangeiros de diferentes nacionalidades: as de origem alemã, representadas pelas firmas comerciais de Henrique Hesslein & Sergel (Cuiabá), Stöfen, Schnack Müller & Cia (Corumbá) e Alexandre Addor (Cuiabá).

A presença alemã no Sul do Mato Grosso a partir de 1924, concentra-se em sua maior parte no município de Terenos, na Colônia Várzea Alegre, que pertenceu ao governo do Estado de Mato Grosso até 1907, e estava inserida numa política de colonização desenvolvida pelo governo do Estado. Essa área ficou sob o domínio da empresa alemã Herm Stoltz & Cia, cujo objetivo era estabelecer núcleos coloniais para absorver imigrantes alemães, lembrando que essa empresa foi obrigada a vender suas terras durante a Segunda Guerra Mundial por decreto federal, em virtude da entrada do Brasil na guerra contra os alemães (MARIN; VASCONCELOS, 2003).

Devido à qualidade das terras e ao interesse real dos colonos, a Colônia Agrícola de Terenos progrediu muito. Em 1926, apresentava uma população de 454 pessoas, sendo 97 famílias e 17 agregados. A maioria das famílias dos colonos era de origem europeia, assim distribuídas: “44 famílias alemãs, 21 brasileiras, 7 búlgaras, 5 polonesas, 5 húngaras, 3 espanholas, 3 portuguesas, 2 austríacas, 2 russas, 2 paraguaias, 1 síria, 1 lituana e 1 japonesa, constituindo um legítimo núcleo multicultural” (MIRANDA, 2005).

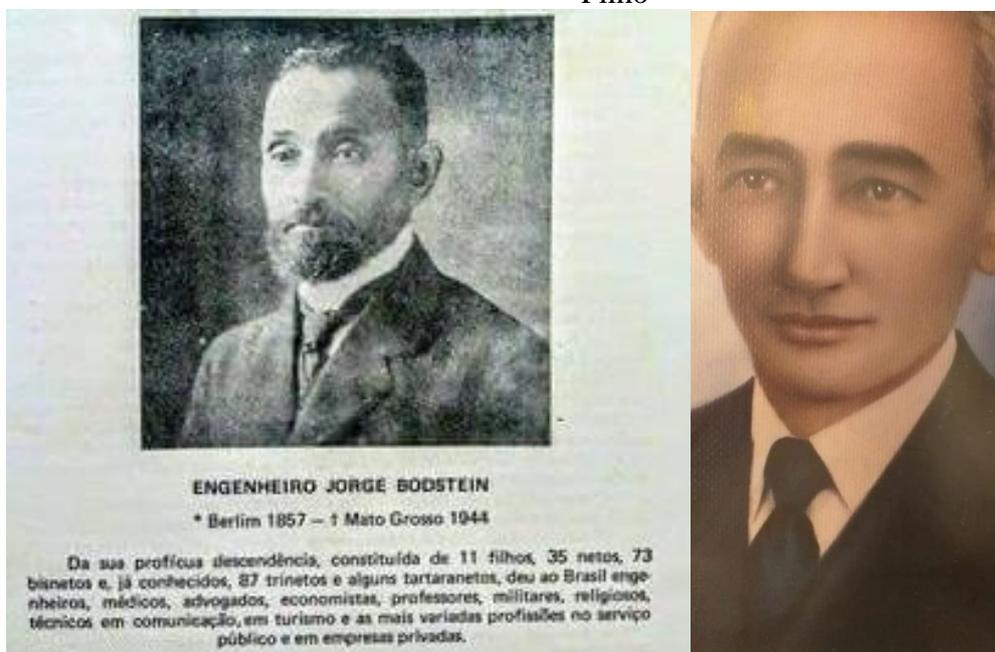
²⁰ Entrevista concedida por RONDON, Beatriz. Aquidauana – MS. Entrevista VIII. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

8.4.1.1 Bodstein

A imigração alemã em Aquidauana aparece em um primeiro momento com o registro de Jorge Bodstein Filho. Tais informações foram colhidas em entrevista com sua neta Neuza Bodstein (informação verbal)²¹, de 92 anos, moradora no Rio de Janeiro. As informações repassadas por ela acrescentam dados importantes para o entendimento das origens dos Bodstein em Aquidauana, sendo que não haviam registros desta família nos documentos levantados por esta pesquisa.

Jorge Bodstein, nascido em Berlin, casado com Edelmira Equez Bodstein, veio de navio pela rota do Prata para América do Sul, direto para Bolívia, para trabalhar como engenheiro na construção da estrada Brasil-Bolívia. Casou-se em Santa Cruz de La Sierra. O pai de sua esposa, Vitor Salasc, era francês, casou-se com Josefa Salasc, em Cuiabá, onde foi importador de alimentos em conserva. Jorge Bodstein e Edelmira Equez Bodstein, tiveram onze filhos, dentre eles, Jorge Bodstein Filho, objeto de nossa pesquisa, que trabalhou inicialmente em Miranda como coletor da receita. Bodstein Filho casou-se com Corina Salasc e transferiu-se para Aquidauana, levando seu pai, alemão, já viúvo e idoso (Figura 44).

Figura 43 – Na primeira imagem o alemão Jorge Bodstein. Ao lado seu filho Jorge Bodstein Filho



Fonte: imagem 1 - Jornal Correio do Estado/Corumbá; imagem 2 - Arquivo pessoal Neuza Bodstein.

²¹ Entrevista concedida por BODSTEIN, Neuza. Rio de Janeiro – RJ. Entrevista V. [02.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

O casal teve 10 filhos, sendo eles: Mário Bodstein, Luiz Carlos Bodstein, Corina Bodstein, Afonso Celso Bodstein, Vitor Hugo Bodstein, Edith Bodstein, Artur Bodstein, Óscar Bodstein, Maria Lilia Bodstein e Neuza Bodstein.

Jorge Bodstein Filho foi prefeito (intendente) em Aquidauana, por dois mandatos. Fundou uma gráfica e um jornal na cidade e em Campo Grande. Sua esposa Corina Salasc foi professora em Aquidauana. Jorge Bodstein Filho nasceu em 20 de agosto de 1888 e faleceu em 16 de fevereiro de 1949, em Corumbá.

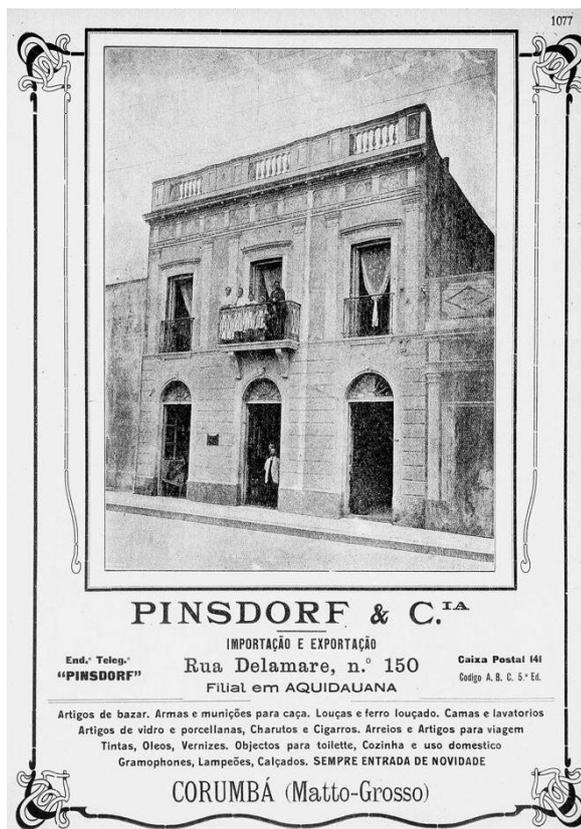
8.4.1.2 Pinsdorf

Na sequência do registro dos alemães em Aquidauana, localizamos as empresas Pinsdorf & Cia. e Stefen Shinack Muller, como sendo importantes comércios em Aquidauana. A Casa Alemã, como era conhecida a firma Pinsdorf & Cia, tinha sua sede em Corumbá, registrada nas páginas de anúncio do Alburn Grafico, em 1914. A presença da empresa também aparece nos livros de registros comerciais da Casa Candia e em relatos das entrevistas com dona Jandira Trindade, entrevistada sobre a Casa Candia e no diário de dona Sophia Rondon, para informações sobre os gregos. “Alguns domingos havia Matinê na prefeitura. Virando a rua para o lado do rio tinha a casa Alemã. Que era cheia de artigos finos, estrangeiros. ... raros que chegavam em uma embarcação...” relata Beatriz Rondon (informação verbal)²², a partir do “diário de Sophia Rondon”. Esta descrição da localização da empresa de imigrantes alemães em Aquidauana é relevante, pois entende-se que a empresa fazia parte da primeira formação de casas comerciais que se localizavam nas margens do rio Aquidauana no início da formação da cidade.

Na Figura 45, temos o anúncio da Casa Alemã, publicada no Album Graphico de Mato Grosso, onde se lê: PINSDORF & CIA IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO, situada na Rua Delamare, nº 150, filial em Aquidauana - Artigos de bazar, Armas e munições para caça, Louças e ferro louçado, Camas e lavatórios, Artigos de vidro e porcelanas, charutos e cigarros, Arreios e artigos para viagem, Tintas, óleos, vernizes, objetos para toilette, cozinha e uso doméstico, Gramofones, lâmpadas, calçados (AYALA; SIMON, 2006).

Figura 44 – Anúncio Pinsdorf e Cia.

²² Entrevista concedida por RONDON, Beatriz. Aquidauana – MS. Entrevista VIII. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.



Fonte: Jornal Correio do Estado-Corumbá.

Desse modo, Robba (1992, p. 127) descreve que “as firmas Pinsdorf & Cia. e Stefen Shinack Muller eram das mais importantes da cidade. (...) Jorge Dekner construiu o primeiro sobrado de Aquidauana nos altos da Rua Marechal Mallet, que já foi demolido. Estava assim condignamente representada a colônia alemã local”.

8.4.1.3 Keiper

Registramos outro comércio de imigrante alemão em Aquidauana, de propriedade de Jacob Keiper, que possuía uma casa comercial onde vendia desde cachaça, cigarro e até gêneros alimentícios, porém “sempre de camisa engomada e paletó” Robba (2012). De acordo com Robba (1992, p. 126), “a sua família morava na mesma casa, porém sua senhora e sua filha nunca chegavam ao balcão nem mesmo se identificavam com a sociedade local”. Na primeira guerra, Jacob era discreto germanófilo (ROBBA, 2012). A descrição dada por Robba, do comércio de Jacob Keiper, é a de um estabelecimento pequeno, diferente da Casa Alemã, Casa Candia de italianos ou até mesmo da Casa José Maksoud de Libaneses, aqui já citadas. Essa informação nos dá uma noção de que Aquidauana também oferecia oportunidade de negócios para estrangeiros com pouco poder econômico. Outra observação que podemos fazer desta descrição é o fato da esposa e filha do imigrante alemão não terem vínculos com a sociedade

local, demonstrando as dificuldades e barreiras culturais enfrentadas pelos imigrantes em Aquidauana.

8.4.2 Franceses

No século XIX, logo após a queda de Napoleão Bonaparte, um grupo de artistas desempregados desembarcou no Brasil em busca de exílio seguro. Das aquarelas e pincéis da chamada “missão artística francesa”, surgiram as primeiras imagens de um império tropical, cuidadosamente adornado por detalhes e cores do neoclassicismo francês. A terra brasílica inspirava belas paisagens edênicas que, ilustrando obras do gênero “Viagens pitorescas”, serviram de instrumento de propaganda do Estado Imperial para atrair imigrantes europeus.

Afora as invasões francesas à Paraíba, ao Ceará, ao Rio de Janeiro, ao Maranhão e ao Pará, ainda durante o século XVI, a primeira grande leva de franceses ao país aconteceu com a transferência da família real e da corte portuguesa para o Brasil, em 1808. D. João VI patrocinou a vinda da Missão Artística que trouxe ao Brasil, em 1816, franceses como o pintor Joachim Lebreton com o seu secretário Pierre Dillon, o pintor histórico Jean Baptiste Debret, o pintor de paisagens e cenas históricas Nicolas-Antoine Taunay com o seu filho Félix Émile Taunay.

Entre 1819 e 1940, franceses emigraram para o Brasil. Muitos destes chegaram por volta de 1884 a 1925, mais de 25.000 imigrantes franceses neste período. Fontes apontam que imigraram para o Brasil por volta de 100.000 franceses entre 1850 e 1965. A comunidade francesa no Brasil alega que 592 imigrantes chegaram em 1888 e 5.000 imigrantes em 1915. Foi estimado que 14.000 franceses viviam no Brasil em 1912, o que resulta em 9% do total de franceses que viviam na América Latina.

Em Aquidauana, as famílias de imigrantes franceses foram registradas por Robba (1992) como tendo grande importância na história econômica, política e cultural de Aquidauana. Os primeiros franceses, vieram pelo Rio da Prata, por via fluvial, estabelecendo-se em Aquidauana as famílias: Saint Martin, Rivasseau e Pichard.

Sobre os imigrantes franceses em Aquidauana encontramos o registro de Emilio Rivasseau, Alfredo Pichard e da família Pinchernelli. “A colônia francesa estava presente através de Emilio Rivasseau, intelectual e homem de rígidos princípios, que tinha uma interessante mania – não gostava que colhessem as laranjas do seu laranjal, pois se extasiava em vê-las no pé” (ROBBA, 2012, p.127). Na sequência temos: “Alfredo Pichard, que fabricava gostosa gasosa e vivia com uma mulata corumbaense” (ROBBA, 2012, p.127).

Sobre a família Pinchernelli, também não encontramos registro nas bibliografias ou documentos sobre o tema imigrantes em Aquidauana. Porém na pesquisa temos o relato de Fernando Pace (informação verbal)²³ que nos dá uma referência: “João Pinchernelli era taxista, irmão da Marieta Pinchernelli, filhos da senhora Joana Pinchernelli. João e Marieta mudaram-se para Campo Grande”.

8.4.3 Paraguaio

Para este tópico, tentamos contato com a Colônia Paraguaia em Aquidauana, porém não foram encontrados documentos ou fonte oral que pudessem acrescentar dados ou informações necessárias para a pesquisa, sendo a entidade administrada por brasileiros.

Aquidauana possui hoje alguns comércios e serviços que são administrados por filhos de imigrantes paraguaio, entretanto suas origens não estão relacionadas com um vínculo direto com a cidade. Temos na historiografia, o relato de imigrantes paraguaio vindos para Aquidauana trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste, bem como para trabalhar em fazendas do Pantanal, entretanto sem registro de uma família específica ou de um algum nome com relevância.

Nesta pesquisa, por referência de imigrantes paraguaio com os entrevistados de outras nacionalidades, nos foi sugerido os nomes das famílias: Baez, Escobar, Gamarra, Grance, Martinez, Ocampos, Oruê, Riquelme, Vargas e Vila-Maior. Deixamos estes nomes de paraguaio, bem como os de Franceses e Russos citados no trabalho, como sugestão para futuras pesquisas.

Torna-se necessário enfatizar que a maioria dos imigrantes citados neste trabalho tiveram suas atuações de trabalho, localizadas na região central da cidade de Aquidauana, sendo que na região de fazendas do Pantanal, a mão-de-obra utilizada pelos proprietários de terra, conforme Esselin (2011), apresenta a forte presença dos indígenas. Baseado na pesquisa bibliográfica e na produção memorialista, o pesquisador certificou que “[...] todo trabalho na incipiente sociedade sul-pantaneira era feito através dos braços indígenas que não exigiam uma maior especialidade”.

²³ Entrevista concedida por PACE, Fernando Augusto. Aquidauana – MS. Entrevista IX. [03.2021]. Entrevistador: Elbio Rocha Gazozo, 2021.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos identificar e registrar os principais imigrantes no município de Aquidauana e suas atividades de trabalho, sua nacionalidade de acordo com sua origem e suas redes familiares, bem como verificar a contribuição dos estrangeiros na evolução comercial e na organização do espaço geográfico da cidade de Aquidauana, no período de 1892 a 1960.

Em conclusão, acreditamos que existam todos os elementos para afirmar que o fenômeno migratório em Aquidauana, com estrangeiros oriundos de diversos países, teve dois períodos distintos. O primeiro foi marcado a partir de 1892, com a fundação de Aquidauana, com a vinda dos italianos em sua maioria, que instalaram suas casas comerciais na margem esquerda e direita do rio Aquidauana.

O caminho percorrido por estes imigrantes, passava por Corumbá, Miranda, Nioaque para chegar na Princesa do Sul, como também é conhecida a cidade. Estes primeiros estrangeiros antes de virem para Aquidauana, possuíam comércio e transações comerciais em outras cidades próximas, tendo Aquidauana como seu destino.

No segundo momento, a partir de 1912, com a chegada da linha férrea em Aquidauana, acompanhamos a chegada de uma segunda leva de imigrantes para a cidade. Alguns vindos pela bacia do Prata, por via fluvial até Corumbá, a partir do Porto Esperança, iniciavam outro caminho através de trem, até Aquidauana. Outro trecho é a vinda de imigrantes vindos do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, através da estrada de Ferro que ligava Itapura a Corumbá, passando por Aquidauana.

Os imigrantes que se estabeleceram em Aquidauana, a partir de sua função desde o século XIX, até o desmembramento da Margem Esquerda, em 1965, com a criação do município de Anastácio, desenvolveram mecanismos para se inserirem na sociedade local, em uma tentativa de fazer parte da cidade.

Como podemos observar ao longo do texto, os italianos, libaneses, alemães, armênios, japoneses, portugueses, espanhóis, sírios e gregos contribuíram com a formação da cidade, inicialmente os italianos com as casas comerciais, seguido pelos alemães, libaneses e gregos. Os italianos também atuaram na parte cultural da cidade, como é o caso do maestro Luis Mongelli, Vicente Maurano e o cinema de Rafael Orrico. Temos também os construtores que deixaram sua marca nas construções, hoje centenárias, como a ponte de ferro que liga a cidade de Aquidauana e Anastácio, além de prédios comerciais, bem como residências, ainda em uso, além dos postos de combustíveis.

Para os libaneses, observamos que, em sua maioria, são constituídos por famílias oriundas da mesma cidade de Zhale, Líbano, e que aqui se fixaram formando uma pequena comunidade de comerciantes, atuando no comércio com atividades diversas como casas comerciais, concessionárias de veículos, fábrica de refrigerantes, hotéis, armarinhos, secos e molhados, venda de artigos para caça e pesca, roupas e calçados em geral.

Atuaram também no comércio os gregos, japoneses, armênios, portugueses e espanhóis. Destacando os japoneses pelo fato do trabalho com as feiras de verduras na área onde hoje se encontra o mercado municipal e a produção de cachaça de alambique, na região do Morrinho.

É necessário ressaltar a importância dos imigrantes e seus descendentes na política do município e do estado de Mato Grosso do Sul, onde registramos os alemães Bodstein, como sendo os primeiros intendentes da cidade, seguido pelos italianos e palestinos. No âmbito da política estadual, encontramos os libaneses Orro, Trad e Maksoud. Sobre descendentes de italianos, registramos José Fontanilhas Fragelli, deputado e senador.

O fato de muitos imigrantes se instalarem em Aquidauana foi decisivo para o desenvolvimento e diversificação do comércio, dos serviços, das artes, da indústria e da política. Não havia atividade no Sul do Estado do Mato Grosso na qual os imigrantes estrangeiros não estivessem presentes.

Por isso, achamos necessário, em perspectiva futura, continuar a estimular as pesquisas em âmbito acadêmico, para chegar a uma análise histórica que permita investigar sobre a mais remota presença desses imigrantes e compreender mais profundamente as causas, as dinâmicas, o funcionamento das redes sociais estabelecidas, que caracterizaram a inserção social de grupos, numérica e culturalmente expressivos, no desenvolvimento do município de Aquidauana.

Aqui neste mesmo município, passaram tantos imigrantes que tinham a esperança de um recomeço e o desejo de iniciar uma nova caminhada em busca de oportunidades ou de sobrevivência. Histórias únicas, mas que se repetem no contexto atual e nos fazem refletir sobre a consequência de um ato de coragem, de como chegaram até aqui e o que seriam deles no amanhã. Notamos que para muitos entrevistados, ao falarem sobre sua família imigrante e seu sobrenome era motivo de orgulho, porém para outros, de esquecimento.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a Memória das Cidades. **Revista das Faculdades de Letras – Geografia**. Serie 1, vol. XIV, Porto, 1998, p. 88.
- ACENBA. **Associação Cultural E Esportiva Nipo Brasileira de Aquidauana**. Aquidauana – MS, s/d.
- ARRUDA, Larissa Rodrigues Vacari de. **Elites políticas de Mato Grosso: trajetórias, práticas políticas e mudanças institucionais 1930-1964**. Tese (Doutorado em Ciência Política). Departamento Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos– SP, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/11436/Tese%20Elites%20pol%20c3%20adicas%20de%20Mato%20Grosso.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- ASCENCIO, Sintya de Santis; MATIAS, Rosemary; PINTO Jorge de Souza; OPPLIGER, Emília Alibio; OLIVEIRA, Ademir Kleber Morbeck de. Aquidauana: contexto histórico e crescimento urbano atual. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v. 08, n. 63, 2020. Disponível em: https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/download/2450/2317/6339.
- AYALA, S. Cardoso; SIMON, Feliciano. **ALBUM Graphico do Estado de Matto-Grosso**. Campo Grande: AGIOSUL. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 433p.
- BARBOSA, Leonardo. Campo Grande homenageia libaneses e realiza campanha de natal para famílias carentes. **Capital News**. Campo Grande–MS, 26 de novembro de 2018.
- BARROS, Paulo Cezar de; FERREIRA, Fernando da Costa. A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA PARA A COMPREENSÃO DO ESPAÇO URBANO. **Revista Geo-Paisagem (on line)**, Ano 8, nº 15, jan/jun, 2009. Disponível em: www.feth.ggf.br/geohistória.htm.
- BN DIGITAL BRASIL. **Biblioteca Nacional Digital**. Fundação Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital/> Acesso em: 18 de ago. 2021.
- BRASIL, Marileize da Silva. Cidades e povos: considerações acerca das migrações europeias através da bacia do Prata: o caso dos italianos em Corumbá-MS (1870-1950). Dissertação (Mestrado em Geografia). 2009. UFMS/Campus de Aquidauana. Aquidauana, 2009.
- BRAUDEL, Fernand. Migrações. In: Braudel, F. **Os homens e a herança no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- DEFFONTAINES, Pierre. **Geografia Humana do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante Brasileiro, 1952.
- DUARTE, Simone Viana; FURTADO, Maria Sueli Viana. **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Saraiva, 2014.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia histórica – uma nota. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 2, p. 65-74, jul./dez. 2020.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, Milton (org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

ESSELIN, P. M. **A pecuária bovina no processo de ocupação e desenvolvimento econômico do Pantanal Sul Mato-Grossense (1830 - 1910)**. Dourados: Ed. UFGD. 2011.

FAUSTO, Boris. **Brazil: the social and political structure of the First Republic (1889 -1930)**. Cambridge University Press, 1986.

FREITAS, Sonia Maria. A imigração Armênia no Brasil e as comunidades em São Paulo. **Travessia - Revista do Migrante**, n. 75, julho – dezembro, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.48213/travessia.i75.103>.

GAZOZO, Elbio Rocha. Casa Cândia – As Relações Comerciais, Econômicas e Sociais em Aquidauana. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História, Licenciatura) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Aquidauana – MS, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 4. ed. 2002.

GOMES, Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo. Fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata: italianos em Mato Grosso 1856 a 1914. 2009. 220 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009.

SILVA, Giuslane Francisca da. Resenha do livro: Italianos em Mato Grosso: fronteiras de imigração no caminho das águas do Prata (1856 a 1914), de Cristiane Thais do Amaral Cerzósimo Gomes, publicado em 2011. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v. 7, n. 1, jan.-jun., 2014.

GOMES. Ângela de Castro. **Imigrantes Italianos: entre a italinidade e a brasilidade**. Brasil: 500 anos de povoamento/IBGE. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

GRÜN, Roberto. **Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

ICHIKAWA, Elisa Yoshie; SANTOS, Lucy Woellner dos. Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. **Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Administração**. 2003. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2003-epa-0186.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/arabes/origem-e-destino-dos-imigrantes.html>. Acesso em: 18 de ago. 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Cidades**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 5 de janeiro de 2021.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.

JARDIM, D. F. Os imigrantes palestinos na América Latina. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 20, n. 57, p. 171-181, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10154>.

JOIA, Paulo Roberto; PAIXÃO, Alfredo Aguirre da. Rodovias municipais: integração e organização do espaço no município de Aquidauana-MS. **Terr@ Plural** 10 (1):105-20, 2016. <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/6697>.

JOIA, Paulo. Origem e evolução da cidade de Aquidauana. **Revista Pantaneira**. UFMS Campus de Aquidauana. v.7 n.1, p. 34-49. Aquidauana: UFMS/CEUA, 2005.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas-SP: EdUNICAMP, 2003, p. 525-541.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política**. Barcelona: Península, 1976.

LOPES, Andressa. Junior Longo homenageia empresário libanês Miguel Farah Neto. **Câmara Municipal de Campo Grande**. Campo Grande – MS, 28 de setembro de 2017. Disponível em: <https://camara.ms.gov.br/vereador-junior-longo/junior-longo-homenageia-empresario-libanes-miguel-farah-neto/>.

LORENZONI, J. **Memórias de um imigrante italiano**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARIN, Jéri R; VASCONCELOS, Cláudio A. **História, região e identidades**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2003.

MARQUES, Rubens Moraes da Costa. **Trilogia do Patrimônio Histórico e Cultural Sul-Mato-Grossense**. 3 vol. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2001.

MARTINS JUNIOR, Carlos. Casa Candia do Município de Anastácio – MS: Uma Reflexão Sobre o Patrimônio Edificado e Documental. **Encontro de Arqueologia de Mato Grosso do Sul**, 2009, Campo Grande. Anais ... I Encontro. Campo Grande, 2009. p. 159-177.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MIRANDA, Mariza Santos. **Estação Terenos: educação e presença alemã no sul de Mato Grosso – 1920/1934**. São Paulo: All Print, 2005. 151p

MISSÃO RONDON. **Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso, apresentado às autoridades do Ministério da Guerra pelo major de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon como chefe da comissão**. Publicação nº 69-70 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Ministério da Agricultura. Imprensa Nacional. Rio de Janeiro: 1949.

MONBEIG, Pierre. **Novos estudos de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Difel, 1957.

MOREIRA, Ruy. Repensando a Geografia. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

MUGNAINI, Marco. “L’Italia e l’America Latina (1930-1936): alcuni aspetti della politica estera fascista” in Storia delle relazioni internazionali, II, 2: 199-144, 1986.

NEVES, Joana. **Um Porto Para o Pantanal**. A fundação de Aquidauana: civilização e dependência. Campo Grande: Ed. UFMS, 2007.

NIPPO. **Especial 112 anos Imigração Japonesa**. Portal Nippo Brasil online, 2020.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, 10 de dezembro, de 1993.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de. O mais importante era a raça: sírios e libaneses na política em Campo Grande-MS. 2001. **Tese** (Doutorado em História). Universidade de São Paulo/FFLCH. São Paulo, 2001.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Machado de; JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. Representações sociais de sírios e libaneses em Corumbá, MS: comércio, casamento e cemitério. **Revista Transporte y Território**, n. 15, p. 388-403, 2016. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/rtt/article/view/2867/2489>. Acesso em: 09 nov. 2022.

PACE, João. Bichara Salamene. **O Centavo**: Revista Mensal. Aquidauana–MS, n. 1, ano 1, fevereiro de 1973.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975.

QUEIROZ, Paulo R. Cimó. O desafio do espaço platino às tendências de integração do antigo sul de Mato Grosso ao mercado nacional brasileiro: um hiato em dois tempos. **História econômica & história de empresas**, vol. 11, n.1, p. 119-154. São Paulo: ABPHE, 2008. ISSN: 1519-3314.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Uma ferrovia entre dois mundos: a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil na construção histórica de Mato Grosso (1918-1956). 1999. **Tese** (Doutorado em História Econômica) – FFLCH/USP, São Paulo.

ROBBA, Claudio. **Anastácio Ontem e Hoje**. Anastácio. 2006. 120 p.

ROBBA, Cláudio. **Aquidauana ontem e hoje**. Campo Grande, MS: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1992. 147p.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**, v. 25, p. 235-248. 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3638002.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2021.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 54, 1977.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998, 299.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1942: o processo do envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1985.

SIQUEIRA, E. M. **História de Mato Grosso**. Seleção de Conteúdo para concurso público do governo do estado de Mato Grosso. Cuiabá: Entrelinhas, 2009.

SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SOUZA, Roney Salina de. A imigração de sírios e libaneses no antigo Sul de Mato Grosso: o caso de Dourados (1914 – 1960). **Revista História em Reflexão**: v. 1, n. 1 – UFGD – Dourados, jan/jun 2007. Disponível em:
<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/download/492/361>

TRINDADE, Jandira Mendes. **Meu lugar é Aqui**. Campo Grande: FCMS, 2009.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1997.

VALÉRIO, Cláudio. **Breve história de Anastácio: A Margem Esquerda**. Campo Grande, MS: Gráfica e Editora Alvorada, 2002.

APÊNDICE

1. Roteiro de Entrevista utilizado na pesquisa

Pesquisa: Contribuição dos imigrantes na evolução comercial e na organização do espaço geográfico de Aquidauana-MS (1892-1960)

Curso de Mestrado da UFMS-CPAQ

Aluno: Elbio Rocha Gazozo

1	Nome do imigrante e filiação:
2	Qual o país de origem, que atividades desenvolvia em sua terra natal?
3	Quais os motivos para sair de seu país de origem?
4	Data da vinda para o Brasil e Aquidauana:
5	Qual foi o meio de transporte em que veio o imigrante?
6	Qual o trajeto e cidades por onde passou?
7	Qual o ramo de atividades desenvolvidas no Brasil e em Aquidauana?
8	Data do início e fim das atividades:
9	Possuía funcionários? Quantos?
10	Permaneceu no mesmo endereço? Qual o endereço?
11	Quais produtos comercializava?
12	De onde vinham as mercadorias?
13	Quais eram seus principais clientes?

14	Possui imagem do estabelecimento, do imigrante, família?
15	O imigrante era casado? Nome do cônjuge.
16	Teve filhos?
17	Praticava alguma religião? Qual?
18	Desenvolveu alguma atividade comunitária no município (ex.: membro de alguma entidade ou associação, política etc.)?
19	Quando faleceu? Algum fato que gostaria de acrescentar?

2. Entrevistas realizadas

ANASTACIO, João Vicente. Entrevista III. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, maio de 2021.

ARTIGAS, Julieta. Entrevista XXV. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, maio de 2021.

AYACH, Carlos. Entrevista XXI. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, julho de 2021.

BODSTEIN, Neuza. Entrevista V. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Rio de Janeiro-RJ, fevereiro de 2021.

BRUNO, Maria de Lourdes Medeiros. Entrevista XXII. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, julho de 2021.

FRANCO, Teresinha Graça. Entrevista I. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, abril de 2021.

KARAVASILIS, Dimitrius. Entrevista XXIII. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, agosto de 2021.

LOPES, Claudio de Barros. Entrevista XX. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, julho de 2021.

- MAKSOUND, Cesar. Entrevista XIII. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, maio de 2021.
- MISSIRIAN, Willian. Entrevista XXIV. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, agosto de 2022.
- ORRO, Nilza. Entrevista XVIII. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, junho de 2021.
- PACE, Fernando Augusto. Entrevista IX. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, março de 2021.
- RAVAGLIA, Elisa. Entrevista X. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Campo Grande-MS, março de 2021.
- RONDON, Beatriz. Entrevista VII. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, março de 2021.
- SULEIMAN, Fauzi. Entrevista II. Entrevista concedida a Elbio Rocha Gazozo. Aquidauana-MS, junho de 2021.

3. Autorização para Uso de Imagem

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Claudio de Barros Lopes. Família **LOPES**.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Claudio de Barros Lopes,
portador da cédula de identidade RG n.º 008900445SP/MS, CPF
n.º 437.332.983-87, residente à
Rua Pantia Calagras n.º 900

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Lopes, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, 16 de agosto de 2023

Data: _____

Claudio de Barros Lopes

Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Suely Escobar. Família **ESCOBAR**.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Suely Escobar,
portador da cédula de identidade RG n.º 75489, CPF
n.º 775.208.691-09, residente à
Rua Marshal Mallat nº 1150.

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Escobar, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 16 de agosto 2021



Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Rodrigo Arima Pelegrino. Família **ARIMA**.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Rodrigo Arima Pelegrino
portador da cédula de identidade RG n.º 701 756 550MS, CPF
n.º 296.873.578-93, residente
Rua 7 de Setembro, 1324 à

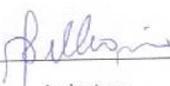
AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família ARIMA, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 16/08/2021



Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Paulo Corrêa de Oliveira.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Paulo Corrêa de Oliveira,
portador da cédula de identidade RG n.º 353 599 990 - MS, CPF
n.º 00370533100, residente à
Rua Cordeiro Alves Correia, 120

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Alves Corrêa Oliveira, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, 12 de agosto de 2021

Data: _____

Paulo Corrêa de Oliveira
Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Olivia Chebel. Família **CHEBEL**.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu,  _____,
portador da cédula de identidade RG n.º 127102 MS, CPF
n.º 54417279187, residente à
Rua ANAQUEL A. S. BARROS 1070

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Chebel, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 13/08/21



Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Magali Maksoud Machado. Família
MAKSOUND.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Magali Maksoud Machado,
portador da cédula de identidade RG n.º 234545, CPF
n.º 705.804.21-04, residente à
Rua 7 de setembro n.º 459

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Maksoud, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 12 de agosto 2021

Magali Maksoud Machado
Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Fernando Augusto Alves Pace.
Família PACE.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, FERNANDO AUGUSTO ALVES PACE,
portador da cédula de identidade RG n.º 04260 85747, CPF
n.º 088.990.001-00, residente
à Rua ESTEVÃO ALVES COINEO 990

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família PACE, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, 12 de Agosto 2021

Data: _____



Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Nelson Scaff. Família SCAFF.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Nelson Scaff
portador da cédula de identidade RG n.º 1.790 843 - MS, CPF
n.º 004.011.371-04 residente à
Rua Marshall Watlet 388

AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Scaff, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 12 de agosto 2021

Nelson Scaff
Assinatura

Termo de Autorização para uso de imagem concedido por Terezinha Hiromi Izumi Christofori.
Família **IZUMI**.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Eu, Terezinha Hiromi Izumi Christofori,
portador da cédula de identidade RG n.º 0656738 SSP/MS, CPF
n.º 202.220.411-53, residente à
Rua Travessa Ana Maria S de Moraes, 37 - Vila
Santa Terezinha AUTORIZO o uso das _____ fotografias da
família Izumi, que retratam o cotidiano familiar, por
ELBIO ROCHA GAZOZO, portador da cédula de identidade RG n.º 812135, CPF n.º
809.241.231-68, residente na Rua Joaquim Alves Ribeiro, 541, Vila Cidade Nova,
Aquidauana/MS, podendo ser reproduzidas em artigos científicos, artigos de jornal,
resenhas, press-releases, comunicações digitais, palestras, aulas e livros impressos e
e-book, não sendo admitida finalidade diversa das especificadas.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso das imagens
acima mencionadas em todo o território nacional.

Por ser esta a expressão de minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito
sem que haja nada a ser reclamado a título de direitos conexos das imagens ou a
qualquer outro, e assino a presente autorização.

Aquidauana/MS, _____

Data: 12/08/2021



Assinatura